Diário de Lisboa

ANO 56 / N. 19158 6$00

SEXTA-FEIRA 17 SETEMBRO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

SEGUNDO O JORNAL ARGENTINO "HOY"

ATLÂNTICO SUL VAI TER PACTO

. BUENOS AIRES, 17 — (ANOP) — O jornal «Hoy» diz que está iminente no Atlântico Sul a criação de um pacto militar no estilo do da NATO, o qual integrará forças navais dos Estados Unidos, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai.

Segundo o diário, que informa sobre este assunto em primeira mão, o aparecimento de uma organização de Defesa no Atlântico Sul (OTAS) insere-se na chamada «resposta ocidental» ao avanço da luta de libertação nacional na África Austral.

O jornal assegura que o chefe da Marinha argentina, almirante Emílio Massera, declarou na Oitava Conferência Naval Interamericana, recentemente efectuada no Brasil, que o seu país tem consciência daquilo a que chamou «o perigo comunista no Atlântico Sul».

Estas revelações, segundo especialistas em Buenos Aires, podem relacionar-se com as declarações feitas na quarta-feira pelo embaixador chileno no Brasil, Hector Bravo Munoz.

Em conferência de Imprensa, este diplomata exortou os Governos latino-americanos a constituirem uma aliança militar para defender o continente de presumíveis perigos externos e internos.

Desta forma — pensam os especialistas — o embaixador chileno não fez mais do que transmitir as intenções dos Estados Unidos, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai e Bolívia de criar um dispositivo militar interamericano que, no aspecto marítimo, seria complementado pela presença da República da África do Sul

RECEIO DE PENETRAÇÃO SOVIÉTICA

BUENOS AIRES, 17 — (IPS) — A preocupação de que a Marinha Mercante Soviética penetre no comércio latino-americano é pelo menos, uma das razões de peso que estimula a criação dum Pacto de Defesa do Atlântico Sul entre os EUA, África do Sul, Argentina e Brasil — entendem observadores de questões militares.

O ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, em declarações à TV, afirmou que o governo militar não afasta a possibilidade de se concretizar esse pacto, visando manter o «statu quo» na região. Segundo disse, a presença soviética e cubana em Angola podem fazer perigar o comércio marítimo pela Cidade do Cabo.

Estas declarações foram difundidas dias depois da visita à Argentina do secretário adjunto para Assuntos Marítimos do Departamento de Comércio de Washington, Robert Blackwell, o qual alertou para a hipótese de a Marinha Mercante soviética penetrar no comércio latino-americano. O «perigo soviético» seria tanto maior quanto é certo que os preços praticados são inferiores em 40 por cento aos fretes correntes.

A análise do projecto deste pacto, que o jornal «Hoy» considera de criação iminente, tem estado, sem dúvida, na agenda dos visitantes estrangeiros que nos últimos seis meses têm acorrido à Argentina: dois almirantes norte-americanos, o ministro brasileiro da Marinha, o comandante da Marinha da Venezuela e outros de menos notoriedade. O tema esteve também em lugar prioritário na agenda da conferência naval, celebrada no mês passado no Rio, com a participação de oficiais do mais alto nível das Marinhas dos EUA e da América Latina. Também terminou recentemente a «Unitas», manobras navais conjuntas EUA-Argentina nas linhas do Atlântico Sul e Pacífico Leste, as quais foram observadas pelo vice-almirante sul-africano, James Johnson.

Desde o triunfo do MPLA em Angola que se tem vindo a supor cada vez mais provável a realização deste pacto, dada a proximidade de Angola em relação à rota do Cabo.

Contudo, a imprescindível necessidade da presença sul-africana num pacto desta natureza suscitará sérias contradições no seio dos eventuais «aliados», dadas as diferentes posições que eles assumem em relação aos países progressistas da África. Por outro lado, as disputas entre a Argentina e o Brasil sobre os recursos hidráulicos e a Antárctida e as rivalidades hegemónicas de ambos os gigantes latino-americanos poderão constituir sérios pontos de fricção.

Kissinger hoje em Pretória (Pág. 20)

Carlucci com Soares

O embaixador Frank Carlucci foi esta manhã recebido pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, em S. Bento.

Interrogado pelos jornalistas à entrada da residência do Primeiro-Ministro Carlucci limitou-se a dizer que se deslocava a S. Bento para uma mera troca de impressões com Mário Soares negando que o tema Açores fosse o objecto da reunião.

Admissão de Portugal no Conselho da Europa

. Portugal foi ontem admitido no Conselho da Europa com o voto favorável de todos os membros daquela organização internacional, devendo ser oficialmente convidado a ocupar o seu lugar na próxima semana, depois da reunião da Comissão de Ministros de Negócios Estrangeiros.

Para aceitar formalmente o convite vai-se deslocar a Estrasburgo uma delegação presidida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, acompanhado por altos funcionários do M.N.E..

Medeiros Ferreira usará da palavra na Assembleia Parlamentar da organização, onde Portugal terá direito a sete lugares, na quarta-feira, já como representante do 19.º membro de pleno direito da organização.

Por estes dias esteve em Lisboa um conselheiro jurídico do Conselho da Europa, para tratar de aspectos legais da entrada de Portugal naquela organização.

A partir dos contactos desenvolvidos com as autoridades diplomáticas portuguesas, ficou decidido que Portugal contribuirá financeiramente com 1,86 por cento do orçamento da organização.

Entretanto o ministro Medeiros Ferreira partirá no domingo para Bruxelas, onde vai assinar o protocolo adicional ao acordo de 1972, entre Portugal e a CEE e o protocolo financeiro de auxílio de emergência, no valor de 230 milhões de unidades de conta. Dali seguirá para Estrasburgo.

Quanto a reacções partidárias, o PPD e o CDS divulgaram comunicados apoiando a entrada de Portugal no Conselho da Europa.

O PPD, para além de se pronunciar favoravelmente em relação à adesão, considera também necessário que Portugal adira à Convenção Europeia dos Direitos do Homem «sem a qual, a adesão não terá inteiro significado e dimensão».

Por sua vez, Freitas do Amaral, presidente do CDS teve, na quarta-feira, um encontro com o ministro Medeiros Ferreira, com quem discutiu a adesão de Portugal ao Conselho da Europa, que o seu partido apoia , e os mecanismos legais a que ela deve obedecer, nomeadamente se será ou não necessária a ratificação da adesão por parte da Assembleia da República, não se tendo chegado a nenhuma conclusão.

Parece confirmar-se vida em Marte

. PASADENA, 17 — (R) — Cientistas americanos estavam hoje a inclinar-se para a teoria de vida em Marte após sinais encorajadores da nave espacial «viking 2».

A «viking 2» enviou para a Terra conclusões semelhantes sobre a sua experiência biológica às recebidas da «viking 1», dando forças às sugestões de que existem micorganismos no solo do Planeta Vermelho.

Esta semana estamos mais avançados no caminho biológico do que estávamos a semana passada, declarou ontem o biólogo Gilbert Levin.

Não sei até que ponto estamos nesse rumo, acrescentou, depois de ter examinado as informações enviadas pelo pequeno laboratório automático da «Viking 2».

Em fins de Julho, a «Viking 1» começou a enviar leituras sobre gases produzidos durante o tratamento laboratorial de solo marciano com agentes químicos. Na Terra, uma tal experiência indicaria definitivamente a existência de vida.

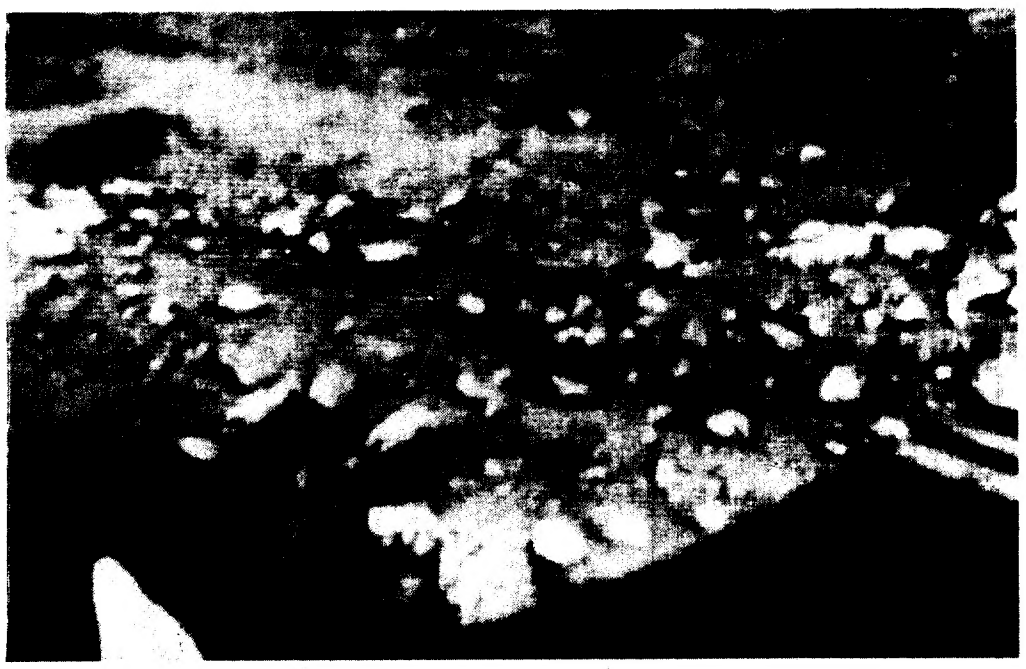
Mas os biólogos espaciais americanos têm-se mostrado prudentes na interpretação dos resultados, alegando que os gases poderiam ter sido produzidos pela química exótica do solo marciano, que não está ainda totalmente compreendida.

Todavia, o Dr. Levin disse que os resultados da «Viking 2» diferiam ligeiramente dos fornecidos pela «Viking 1» e inclinavam-se mais para a explicação de vida e menos para a teoria química.

«O novo resultado é interessante, porque complica ainda mais a teoria química», declarou o Dr. Levin. «Não significa que não encontraremos uma explicação química, mas terá de ser mais complexa».

Os cientistas haviam previsto que, quando o solo marciano das áreas planas próximo da calote polar Norte, onde a «Viking 2» está estacionada, fosse activado por agentes químicos, seria produzido mais oxigénio, se a causa fosse puramente química.

Em vez disso, foi produzido menos oxigénio do que durante a experiência da «Viking 1» a 6.400 quilómetros de distância numa área mais seca e foi obtido mais 25 por cento de anidrido carbónico.



Paisagem marciana fotografada por uma das duas sondas norte-americanas «Viking» que se encontram pousadas no «planeta vermelho»

Lopes ultima "Nós por cá todos bem"

(Pág. 14)

Nacional

Governo da Madeira divulgado ontem

FUNCHAL, 17 — Foi anunciada ontem, às 16 horas, no decorrer de uma conferência de Imprensa que teve lugar na sede local do PPD, a constituição do Governo Regional da Madeira, que será assim formado: presidente: eng.º Jaime Ornelas Camacho; secretário para o Planeamento, Finanças e Comércio, dr. José António Camacho; secretário para a Agricultura, Indústria e Pescas, Manuel Gonçalves de Sousa Alegria; secretário para o Trabalho, Manuel Basenga Marques; secretário para o Equipamento Social, Comunicações e Transportes; Gonçalo Nuno Malheiro Araújo; secretário para a Educação e Cultura, dr.ª Margarida Neves da Costa; secretário para os Assuntos Sociais e da Saúde, dr. Jorge Mélio Ferraz Mendonça.

O secretário para o Planeamento, Finanças e Comércio, dr. José António Camacho, é actualmente deputado à Assembleia da República, cargo que passará a ser desempenhado pela dr.ª Hélia Brito Câmara.

O dr. Alberto João Cardoso Jardim, presidente da Comissão Política do PPD, que presidiu à conferência de Imprensa, teceu algumas considerações sobre as relações entre o Arquipélago e o Continente, afirmando que o vínculo que une as Regiões Autónomas a Portugal será tanto mais forte quanto mais autónomas essas regiões se sentirem. Em relação ao caso específico da Madeira, o dr. Alberto Cardoso afirmou que o Arquipélago não tinha a autonomia que desejava e que, nesse campo, se devia ter ido mais longe.

O novo Governo tomará posse no dia 1 de Outubro, admitindo-se que o dr. Sá Carneiro se desloque ao Funchal para assistir à cerimónia.

Firmino Miguel no Comiberlant

O ministro da Defesa, tenente-coronel Firmino Miguel, visitou ontem o quartel-general da área ibero-atlântica da N.A.T.O., em Oeiras.

A chegada verificou-se ao fim da manhã tendo sido recebido à entrada do quartel pelos comandante e comandante-adjunto do Iberlant, respectivamente Rear Admiral Frank Corley e comodoro Ramos Rocha.

Depois de uma curta conferência sobre a organização e importância do Iberlant, o ministro da Defesa assistiu, na sala de operações, a uma exposição sobre o exercício «Teamwork 76» actualmente em curso no Norte da Europa.

M.S.D. critica alocução de Soares

O Movimento Social-Democrata tornou público um comunicado sobre o discurso que o Primeiro-Ministro fez na TV, dando o seu apoio à generalidade das medidas apontadas pelo dr. Mário Soares e considerando, no entanto, que tais medidas se aproximam bastante das preconizadas pelos social-democratas.

Segundo o M.S.D., as medidas propostas «desviam-se acentuadamente das premissas ideológico-políticas e programáticas» do Partido Socialista, mas, «sendo impopulares, são no entanto as que mais se coadunam com a vontade da maioria dos Portugueses».

O comunicado, depois de referir a responsabilidade do PS e dos militares na situação criada, considera indispensável «que nos lancemos nas tarefas de recuperação», e passa depois a criticar as lacunas do discurso do Primeiro-Ministro.

Lamenta também o M.S.D. que não haja no discurso nenhuma referência ao patronato, «chamando-lhe a atenção para o novo contexto sociopolítico em que tem de se desenvolver a sua actividade».

PUB

EDP
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL

Redes das Ex-Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Cd.ª dos Sete Moinhos (parte), Cd.ª da Quintinha, Ruas Particulares 1 e 2 à Cd.ª da Quintinha, Bairro da Cd.ª dos Mestres (parte), Vila Maria à Cd.ª da Quintinha e imediações. (Das 8 às 12 horas)

5.º e 6.º Sector — Trav.ª dos Inglesinhos, Rua da Rosa, 40 a 156 e de 119 a 179, Trav.ª Fiéis de Deus 60 a 80, Rua Luz Soriano 4 a 122 e de 47 79 (Das 8 às 12 horas)

6.º Sector — Rua do Ouro 253 a 295 Rua dos Correeiros 145 a 191 (Das 8 às 12 horas)

10.º Sector — bairro das Galinheiras, Az.ª das Galinheiras (parte), Est.ª Militar (parte) e imediações. (Das 8 às 12 horas)

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras — LINDA-A-VELHA:** Praceta António Enes, Av.ª D. Pedro V, Rua Gonçalves Crespo, Rua Coelho da Rocha, Rua Visconde de Santarém e imediações. (Das 8 às 14 horas) **AMADORA:** Rua Ramalho Ortigão, Rua Dr. Marcelino Mesquita, Rua António Sardinha, Rua António Feijó, Rua Elias Garcia, Rua Porto Santo e imediações. (Das 8 às 10 horas)

2.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Trajouce, Casal do Clérigo. (Das 8 às 14 horas) **MURTAL:** Madorna, Penedo do Murtal, Alto do Zambujal e imediações. (Das 8 às 14 horas) **COBRE** — Bairro Santana. (Das 10 às 12 horas) Guia, Xufre, Bairro do Guincho da Areia, Est.ª do Guincho e imediações. (Das 8 às 14 horas)

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — QUELUZ** (Pendão): Rua Bastos Nunes, Rua D. Pedro III, Rua Luís Simões, Cd.ª Moinho Vento, Av.ª Miguel Bombarda, Rua Francisco Franco, Praceta Major Aviador, Humberto da Cruz, Praceta António João Lobato, Praceta Alferes Santos Dias, L.º Comandante Forte Rebelo, Rua da Bica da Costa e imediações. (Das 8 às 14 h) **RIO DE MOURO:** Rua Bartolomeu Dias, Rua Gaspar Corte Real, Rua Vasco da Gama e imediações da Escola Primária. (Das 8 às 14 horas) Várzea de Sintra. Almargem do Bispo e Albogas. (Das 8 às 14 horas). **ALMOÇAGEME:** Casas Novas, Penedo, Pé da Serra, Ulgueira. (Das 8 às 14 h.)

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Gradil (Das 8 às 15 horas)

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca — ALHANDRA:** Trav.ª da Ribatejana, Rua Dr. Miguel Bombarda (parte), Rua Dr. Sousa Martins, Rua Manuel António, Rua José Pedro Cancio, Rua Vasco da Gama, Rua 8 de Maio, Rua Major José Joaquim Paiva (parte). (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Olhalvo (Das 8 às 14 horas)

EANES RECEBEU PARTIDOS EM BELÉM

Estão todos preocupados mas as razões são diferentes

. Representantes da U. D. P., P. C. P. e C. D. S. foram ontem recebidos em audiências sucessivas pelo Presidente da República que deste modo concretiza a intenção manifestada aquando da sua posse de periodicamente ouvir os diferentes partidos políticos.

As audiências de ontem surgem num momento em que os problemas de natureza política e económica se avolumam e as inevitáveis contradições e choques entre forças que visam objectivos diferentes se agudizam. Em franca convalescença, com os mesmos grandes capitalistas e monopolistas manobrando do exterior, mas agora vestidos à europeia, o grande capital procura avançar. Os trabalhadores preparam-se para lhe fazerem frente com as armas que têm: a sua força e a sua unidade.

É neste quadro que surgem estas audiências com o Presidente da República, remetido a uma posição de árbitro difícil de equilibrar, mas que ele tem procurado manter.

«QUE PAGUEM OS RICOS»

A primeira delegação a ser recebida foi a da U. D. P. Era constituída por João Vieira Lopes, Joaquim Ortiz e Eduardo Pires. Revelaram os dirigentes deste partido que o Presidente da República lhes manifestara a sua apreensão quanto á actual crise económica e às formas de a resolver, pretendendo conhecer a opinião da U. D. P.

«Mostrámos as nossas preocupações porque o Governo está a pretender resolver a crise à custa dos trabalhadores e não dos ricos, e a tese fundamental do Presidente da República é de que os grandes capitalistas já não existem em Portugal, parecendo assim que a crise terá de ser resolvida á custa dos trabalhadores.

Pensamos que a única alternativa para esta crise é a alternativa do 25 de Abril do Povo, que acarreta o seguinte: não submissão ao imperialismo e os ricos que paguem esta crise de que foram os culpados.»

Outros assuntos focados, revelou Eduardo Pires, foram a questão das eleições para as autarquias locais e o facto de os militares revolucionários continuarem a não dispor de liberdade total.

«IMPOSSÍVEL RECUPERAR SE...»

O P. C. P. fez-se representar pelo seu secretário-geral Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes e José Vitoriano. Álvaro Cunhal sublinhou a vantagem destes contactos e dos partidos serem ouvidos «atentamente» pelo Presidente da República, como acontecera.

O secretário-geral do P. C. P. acrescentou que o seu Partido teve oportunidade de apresentar os seus pontos de vista sobre a situação política, económica e social, afirmando que a opinião do P. C. P. no fundamental já era conhecida: «Pensamos que é necessário assegurar as liberdades do nosso País, consolidar a nossa democracia, construirmos aquele regime democrático que está consagrado na Constituição. Isto significa que uma política que defenda o que consideramos as conquistas essenciais do nosso povo desde o 25 de Abril, incluindo aquelas grandes realizações revolucionárias, como as nacionalizações, reforma agrária, controlo operário e gestão pelos trabalhadores de numerosos sectores da economia nacional. Nessa base vemos a possibilidade de recuperação económica. Vemos muito difícil, para não dizer impossível, que haja qualquer recuperação económica com uma política antioperária e antipopular. É com os trabalhadores, é com o nosso povo que se pode construir a nossa economia para bem do povo português e de Portugal»

. Álvaro Cunhal referiu ainda que no decorrer da audiência transmitira ao Presidente da República a opinião do seu Partido sobre várias questões sectoriais e sobre a política do Governo actual «que nos causa muitas preocupações» e sobre vários problemas concretos relativos à reforma agrária, à indústria e outros aspectos da vida económica nacional.

CLEMENTE E OTELO PREOCUPAM C. D. S.

Para o C. D. S. cuja delegação era constituída por Adelino Amaro da Costa, Freitas do Amaral e Basílio Horta, há uma questão de ritmo e algumas preocupações. «Verificamos que o Governo começa a perder tempo e não nos satisfaz o ritmo com que o Governo está a enfrentar os sérios problemas económicos que se verificam actualmente no País. Tardam medidas concretas, repetem-se análises de situação, mas o que é preciso é tomar medidas imediatas e essas medidas não foram tomadas nem são ainda conhecidas. Pensamos que é necessário que o Governo governe melhor e mais depressa.»

. Freitas do Amaral revelou aos jornalistas que a delegação do seu Partido informou sobre problemas relacionados com o território de Macau e da situação política «que a nosso ver, se está a caracterizar por uma certa instabilidade que nos preocupa.»

. Mas a grande preocupação do prof. Freitas do Amaral e do seu Partido são os militares envolvidos pelos acontecimentos de 25 de Novembro, tais como Otelo, Duran Clemente e outros. «Não posso deixar de sublinhar a este respeito quanto nos choca o que tem estado a acontecer relativamente à libertação ou ilibação de elementos provadamente responsáveis de actos criminosos, nomeadamente da tentativa de golpe de 25 de Novembro. Estamos preocupados com a forma como se está a resolver este tipo de problemas que não nos parece compatível com o Estado de direito que a Constituição consagra. A libertação de Otelo Saraiva de Carvalho e de Duran Clemente são casos que preocupam e angustiam o povo português e que têm que ter uma explicação mais cabal da parte das autoridades que tomaram essas decisões.»

. Escutado atentamente pelos jornalistas o prof. Freitas do Amaral não estendeu as suas preocupações ao regresso e libertação de Spínola e aos bombistas e estes dispensaram-se de perguntar evidências.

O dirigente do C. D. S. considerou já tardia a publicação da legislação sobre as próximas eleições para as autarquias e a afixação das datas.

Vieira Lopes, Eduardo Pires e Joaquim Ortiz pela U.D.P.

Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes e José Vitoriano pelo P.C.P.

Freitas do Amaral e Amaro da Coste (com Basílio Horta) pelo C. D. S.

P. P. D. e P. S. AMANHÃ

No prosseguimento destes contactos o general Ramalho Eanes recebe amanhã de manhã as delegações do P. P. D. e do P. S. completando assim esta série de audiências, que se repetirão futuramente.

P.S. felicita Miguel Torga

O Secretariado Nacional do Partido Socialista enviou um telegrama de saudações ao «grande poeta e companheiro de luta» Miguel Torga, felicitando-o por ter sido galardoado com o Prémio Internacional de Poesia.

No telegrama, assinado por Mário Soares, enaltece-se o escritor «cuja obra literária enriquecendo o património cultural do povo português é motivo de orgulho de todos os socialistas». Na mensagem, o Secretariado Nacional do P.S. abraça «o cidadão que sempre fez ouvir uma voz contra a tirania pela liberdade e pelo socialismo».

Van der Stoel chega hoje

. Chega hoje ao fim da tarde a Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros da Holanda e presidente do Conselho de Ministros da Comunidade Económica Europeia, Max van der Stoel.

O diplomata holandês discutirá com o seu colega português Medeiros Ferreira o problema da adesão de Portugal ao Mercado Comum, cujo pedido poderá ser formulado dentro em breve conforme intenções manifestadas pelo PS no seu Programa de Governo.

A visita de van der Stoel segue-se à reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Nove», que se realizou no passado fim-de-semana, na qual foi debatido aquele assunto, que poderá ser retomado na próxima semana, quando Medeiros Ferreira de deslocar a Bruxelas para assinar dois acordos com a CEE.

Amanhã o ministro holandês terá uma reunião com Mário Soares.

post-scriptum

O desporto que a TV nos oferece

No passado domingo, quando estava a assistir à transmissão, pela RTP do Grande Prémio de Itália alguns casos me vieram àmente.

O primeiro foi o problema económico:

. No espaço de 15 dias, a RTP mandou o locutor Adriano Cerqueira à Holanda e à Itália para comentar corridas de Fórmula 1, no mais pequeno pormenor, não olhando a despesas. Quanto custará a ida de um locutor para fazer tal serviço? Quanto pagará aquele órgão de comunicação social à Eurovisão?

. E depois vem-nos dizer que não há dinheiro. E por tal aconselham-nos a pagar a «taxa»...

O segundo, é o problema desportivo:

. Sendo o automobilismo um desporto com tão poucos praticantes em Portugal (e todos sabemos porquê), não se compreende que a televisão se dedique a transmitir corridas de automóveis sem interesse para as gentes deste País, visto não estarmos implicados (e ainda bem) em tais acontecimentos.

Trasmitiram por exemplo o final da Volta a Portugal?

. Transmitiram os jogos da equipa de Portugal no Campeonato do Mundo de hóquei em patins?

. Não. O desporto amador português não tem interesse, e quando o transmitem é por escasso tempo, como aconteceu com o atletismo do Campeonato de Portugal. Ou com interrupções, como o escandaloso caso da não transmissão directa da entrega da medalha de prata a um português em Montreal; caso que ainda baila na cabeça dos portugueses.

Todos nós sabemos que as movimentações desportivas aquém-fronteiras ainda não são em número desejado, mas parece-me que chegava muito bem para os senhores do Lumiar se entreterem a transmiti-las, especialmente as de maior projecção.

Mas, além de tudo isto, penso que o automobilismo tem outro inconveniente. Quando nós na mesma televisão ouvimos recomendar (e muito bem) «prudência», «não anda a grande velocidade», eu pergunto: estando um condutor a ver uma corrida daquele tipo, em que observa toda a perícia dos condutores e ouve as altas médias ali praticadas, não ficará ele entusiasmado a fazer o mesmo? E até poderá tentar fazer o mesmo. Poderá acontecer-lhe algo, ou não, mas consumirá combustível em excesso, que a todos faz falta.

Pelo exposto, espero que quem de direito tome medidas para que o desporto na televisão seja dado com as proporções que merece, pelo interesse do público. É que neste sector, algo vai mal na TV...

Jorge José Jerónimo
TORRES NOVAS

Contra os divisionistas

Trabalhador bancário, senti diante da TV a mais viva repulsa pela traição feita aos trabalhadores deste País, pelos dirigentes sindicais dos sectores de serviços, escritórios e bancários, através das posições sectárias, deles sim, divisionistas e demagógicas, com que procuram envenenar o movimento sindical, numa tentativa bem urdida para o desestabilizarem e castrarem, a fim de os seus «patrões políticos» mais facilmente poderem explorar a classe operária; sem a qual não podem passar, pois é a única que produz riqueza.

Ao bancário ocorre-me perguntar-lhe da sua coerência democrática e do seu respeito pela vontade dos trabalhadores, quando:

. — Não executa as determinações aprovadas em assembleias gerais, onde ficou decidido a contribuição para a Inter e a obrigatoriedade da direcção a que pertence, de com ela colaborar:

. — Diz existirem posições divergentes no movimento sindical e esquece que no Sindicato dos Bancários a maioria definiu em assembleia a sua manutenção na Inter e em reuniões de associados levadas a efeito recentemente têm sido aprovadas moções a exigirem à direcção a sua participação no Congresso.

— Se mostra tão interessado em debater previamente com os trabalhadores do seu sector, a decisão de ida ou não ao congresso, quando afinal a direcção de que faz parte de há muito que não dá conta aos sócios, em assembleia, dos problemas da classe por, como é óbvio, estar certa de que daí lhe seria de imediato vedado o caminho divisionista que tem seguido.

Detenho-me fazendo votos para que a afronta à classe trabalhadora levada a efeito na TV, na terça-feira passada, por esses trabalhadores privilegiados, tenha em todos os explorados os mesmos efeitos mobilizadores que me determinaram à acção contra todos esses divisionistas ao serviço da classe capitalista.

João Barros Duarte
— DAMAIA — AMADORA

Porque atacam a Reforma Agrária?

Estive durante 15 dias na cooperativa «Ou vai ou racha», no Cercal do Alentejo, onde trabalhei com o esforço do meu suor.

Estive com uns camaradas, de países sociais-democratas, que disseram maravilhas de como estava a ser feita a Reforma Agrária em Portugal.

Também estiveram lá uns amigos de Vila Real (Trás-os-Montes) que também ficaram maravilhados de ver os trabalhadores a labutarem com muito esforço para fazer avançar a já grande cooperativa.

Agora faço uma pergunta: Se os estrangeiros de países sociais-democratas gostaram da Reforma Agrária, por que razão os sociais-democratas de Portugal e até muitos socialistas, como o sr. Primeiro-Ministro, tanto a atacam?

Fernando Alçada
— TORRES NOVAS

DUPLO EQUÍVOCO — DUPLA RUPTURA — ALTERNATIVA ZERO

OU DE COMO NÃO SE APANHAM MOSCAS COM VINAGRE

A. SOARES

. O País já tem Governo! Não provisório, Constitucional, que governa (segundo se ouve)! O País está em crise, a acreditar nas palavras do Primeiro-Ministro (e na análise dos factos). Crise grave, com raízes profundas, mas que será vencida, segundo afirma o senhor Primeiro-Ministro (e o povo deseja).

Mas que significará todo este palavreado para o chamado «português médio»? Será que esse «português médio» conserva ainda capacidade para acreditar no que lhe diz um Primeiro-Ministro, primeiro no que ouviu chamar de Programa de Governo, depois na conversa nada digestiva (e que pareceu não ter nada a ver com esse tal Programa) que teve de engolir na última semana?

. E o senhor Primeiro-Ministro acredita que a solução dos problemas do País (graves, muito graves, sem dúvida) passa pelo desenvolvimento e concretização das linhas que enunciou? A resposta a esta pergunta traria, sem dúvida, algum esclarecimento à confusão que as últimas comunicações do Primeiro-Ministro vieram lançar no espírito da muita gente que continua a acreditar que a recuperação da crise não pode ser feita sem os trabalhadores e muito menos contra os trabalhadores.

Pode levantar-se a dúvida sobre a razão de ser da pergunta. Mas bastará atender à situação da economia do País, quer estrutural, quer conjuntural, e a alguns dos aspectos focados nessas comunicações, para se encontrarem as razões que fizeram nascer essa pergunta.

Senão vejamos:

. — O Governo Constitucional foi formado pelo P.S., partido que se reclama do socialismo.

— O Primeiro-Ministro apresentou um Programa de Governo em que se afirma querer respeitar e fazer respeitar a Constituição, cujo articulado aponta para a construção do socialismo.

— O Primeiro-Ministro, primeiro responsável pela governação e homem de passado experimentado, tem certamente conhecimento do que é (e do que foi) a «iniciativa privada» neste País, ou, como se usa agora dizer, o «empreendedor» português. Tem seguramente elementos (bastam os citados no Programa) que lhe permitem saber que esses empreendedores nunca empreenderam nada de facto; pelo contrário, sempre preferiram viver à sombra de proteccionismos, à custa de compadrios, mais ou menos estimulados pelo próprio salazarismo. Também sabe, e ninguém ousará duvidar disso pois muitos dos militantes do seu partido sabem-no por experiência vivida, que esses bons empreendedores, muitos dos quais agora se autoproclamam vítimas do salazar-caetanismo, se apoiaram (quando não o estimularam) no sistema repressivo montado pelo regime, para acumularem lucros à custa da sobreexploração da mão-de-obra.

— O Primeiro-Ministro, secretário-geral de um partido em cuja declaração de princípios se aponta como meta a construção da sociedade sem classes e que, portanto, interessa a todos os trabalhadores portugueses, também não desconhece que foram esses trabalhadores que sofreram, mais do que qualquer outra classe, a repressão brutal do fascismo e que é neste que mergulham as raízes profundas da crise que agora se enfrenta. Sabe ainda o Primeiro-Ministro que, seja qual for a alternativa, será sempre com base nesses trabalhadores que a crise poderá ser vencida.

Mas, sendo assim, como poderá ter acontecido que o senhor Primeiro-Ministro tenha procurado apontar apenas e tão insistentemente os erros eventualmente cometidos por alguns trabalhadores? Qual a razão de tratamento tão discricionário? Os bons dos empreendedores (os tais que vão dizer aos estrangeiros que ainda não convém investir cá) não têm culpas nenhumas no cartório? Foi esquecimento ou entendimento?

. Uma coisa parece certa. A serem trilhadas as vias subjacentes à orientação expressa na última comunicação, muito rapidamente o País constatará que afinal o Programa de Governo não passava de uma declaração de intenções (das boas, daqueles de que, dizem, está o inferno cheio!) e o senhor Primeiro-Ministro concluirá que cometeu um duplo equívoco ao pensar que arregimentaria os «empreendedores», elogiando-os, e mobilizaria os trabalhadores, atacando-os. Duplo equívoco porque, em primeiro lugar, conhecendo o Primeiro-Ministro a massa de que são feitos os «empreendedores» portugueses (ou não conhece?) não pode esperar que eles façam investimentos sem que tenham *garantidos* os lucros fáceis em que o proteccionismo salazar-caetanista os viciou, o que, não parecendo fácil de repor, levará os bons dos empreendedores, agora tão citados e não só, a considerar que continua a não haver condições para investir; duplo equívoco ainda, porque, sabendo o senhor Primeiro-Ministro que os trabalhadores são o pilar em que assenta a economia, não pode esperar que os avisos (ou ameaças?) com que os martelou sejam o método mais eficaz para lhes pedir a participação entusiasta que a ultrapassagem da crise (grave, profunda, como todos sabemos) exig !

. Duplo equívoco qu , a não ser emendado, conduzirá, muito provavelmente, a uma dupla ruptura. Dupla ruptura porque a «iniciativa privada» não qu rerá (terá capacidade?) satisfazer os apelos que lhe são dirigidos e conduzirá o senhor Primeiro-Ministro a ver-se desapoiado pelos «empr endedores» que não arregimentou pelos trabalhador s qu não conseguiu mobilizar. Dupla ruptura qu a verificar-se fará diminuir a base social de apoio do partido de qu o Primeiro-Ministro é secretário-g ral. Diminuição da base social de apoio que nos conduzirá à *alternativa zero*, pois, segundo o Primeiro-Ministro, toda a g nte sabe qu não há alternativa para este Gov rno. Não querendo por em dúvida a vontade de gov rnar assim expr ssa, mas não acreditando ser possível v ncer a crise sem a participaçao interessada dos trabalhadores, nem qu algu m consiga mobilizá-los passa as tar fas de reconstrução, «à paulada», (com vinagre não se apanham moscas) par c oportuno perguntar: Algu m acredita qu

— o Gov rno tenha alt rnativa para os 3,5 milhões de trabalhador s? ou, por outras palavras,

— será possível *trocar estes 3,5 milhões de trabalhadores* por *outros* menos barulhentos, menos exig ntes, mais colaborantes, mais produtivos?

. E o senhor Primeiro-Ministro acr dita que...?

AÇORES, 1976

NO SILENCIO E NA SOLIDÃO

DIAS DE MELO

. Falo-te, no silêncio e na solidão desta casa vazia.

Onde as vozes, a aventura, o movimento, a presença humana, que outrora a encheram?

. Meto-me pelo meu quarto, passo à sala de dentro, com as suas quatro camas desocupadas, chego à cozinha, sem lume na pedra do lar — vejo-me só.

Desço os degraus do balcão. Olho as franças da velha faia, à cancela da entrada; os pátios submergidos em ervas daninhas; a mó secular, que moeu o trigo e que moeu o milho na atafona dos nossos antigos e que, onde agora se encontra, em cima de seu pegão de calhau rolado e com suas banquetas à volta, foi já, na sombra da ramada de que só resta o esqueleto de paus fincados no solo, mesa de muita fartura de pão peixe, carne, polvo, lagosta, lapas, vinho, em noites de luar e de cantigas que nunca mais voltarão; o verde negro da horta plantada de batatas doces; a vinha de uvas mal maduras nas parreiras de folhagens espalmadas, precocemente a amarelecer, quais mãosdedoentesdetuberculose, estendidos sobre a terra à espera da morte; as pedras acinzentadas, azuladas, avermelhadas de líquenes, ou negras de nudez — as pedras das paredes baixinhas e singelas que, para a protegerem dos ventos fronteiros, me esquartejam a vinha em canadas e currais, as pedras das paredes mais altas e dobradas, que apartam o que é nosso do que pertence a outros, ou não é de pessoa alguma; aquele bocadinho ali, que era para ser vinha também e que não é senão um matagal de faias, silvados, junça, feitos...

Gente que parte, para o Canadá, para a América, para a França...

Mãos de trabalho que escasseiam. Terras que, a pouco e pouco, vão ficando abandonadas. Terras — muitas terras —, assim abandonadas, por esses campos fora.

Sento-me nesta banqueta. Para lá da extrema da nossa vinha, a Rocha, erguida, quase a prumo, sobre as águas mansas do Canto da Baía. E a um e ao outro lado da baía, — penedos negros da costa brava, debruados de rendas feitas de espumas brancas; os ilhéus graciosos da Baixa das Lagostas como formigas, à entrada do porto; a massa pesadona e preta do Ilhéu do Morrocão mais adiante, em frente ao morro, — e, no alto do morro, recortadas no céu esmaecido, as ruínas do que foi um moinho de vento. Por trás dos penedos negros da costa brava, — casas da freguesia: à esquerda, as casas do lugarejo da Feiteria de Baixo, adegas para guardar no Inverno o vinho acolheitado no Verão, com muitas folgas de estalo, balladas à Canada das Poças, pelo fresco da noite, ao som das violas bem repenicadas, das rabecas bem gemidas e das vozes bem garganteadas dos rapazes e das raparigas, no *terreiro* levados, nos braços uns dos outros, nas voltas da chamarrita. —

Chega pares, chega pares,
chega pares ao «terreiro»,
chega miúdos e grados,
toda a palha faz palheiro —;

. à direita, as casas do centro da freguesia, enconchadas ao redor da igreja sobranceira ao porto, sobre as penedias de basalto duro. E diante de mim — o mar, o nosso mar, o grande mar, a beijar o céu, ao longe, na linha do horizonte.

Gente que parte... Gente que vai por esse Mundo na saga da riqueza dos salários, por estas parvónias jamais conseguidos...

E no silêncio, e na solidão, o mar, a voz do mar constantemente falando, agarrada às pedras negras da costa, ora em murmúrios de criança que brinca, ora, quando a tempestade se aproxima, em soluços de pessoa que sofre, ora em gritarias, urros, bramidos, roncos, estrondos, trovoadas de pavor que estremecem com a ilha nos fazem encolher de medo ao canto do lar. A voz do mar, a caldear-se com o canto das aves: dos melros negros (um, muito vaidoso, no festo daquela parede), dos canários, dos tentilhões, dos pintassilgos (dois a brincar à sombra da faia da cancela), das labandeiras, de caudas doiradas, sempre saltitando de pedrinha em pedrinha, das pombas de asas cinzentas, castanhas, brancas, — tudo por aí a meter o bico às uvas cheirosas que amadurecem nas parras. E pairando no alto, a pipiar hipócrita, o milhafre, carniceiro e assassino, de asas muito abertas, à espreita da vítima...

Consolo que posso ter olhar para tudo isto, sentir a paz deste silêncio, aqui completamente só, nesta casa, e nos redutos desta casa, que é nossa.

Continua na pág. 4

PUB

FEDERAÇAO NACIONAL DOS SINDICATOS METALURGICOS

CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA
CONTRA O DIVISIONISMO E O OPORTUNISMO
EM FRENTE PELO CONGRESSO
DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES
E PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES
PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA

A preparação do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES E PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA tem lugar num momento decisivo para o futuro das classes laboriosas da nossa Pátria.

Nunca como hoje, depois do 25 de Abril, o capital interno e o imperialismo avançaram tão unidos e organizados contra as conquistas dos trabalhadores e suas organizações de classe.

Está em curso uma feroz e generalizada ofensiva das forças da reacção capitalistas e seus aliados contra os Sindicatos Revolucionários e a Central Única dos Trabalhadores Portugueses, contra a Reforma Agrária, as nacionalizações e o Controlo Operário e todas as conquistas dos trabalhadores.

O Governo planeia limitar o Direito à greve e ameaça os trabalhadores com as forças de segurança; pretende fazer regressar os patrões sabotadores às empresas e facilitar o despedimento de trabalhadores; projecta permitir o aumento dos preços dos produtos e impedir a actualização dos salários de acordo com a subida do custo de vida; prepara-se para indemnizar em milhões de contos os latifundiários e outros parasitas e retirar aos trabalhadores parte do 13.º mês.

É tempo de nos unirmos!

É tempo de avançarmos unidos na organização do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES E PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA. Só assim seremos capazes de nos opormos com êxito à ofensiva da recuperação capitalista em marcha.

A Reunião Geral de Sindicatos realizada em 4 do corrente, em que estiveram presentes 170 sindicatos representativos de mais de 1 milhão e 400 mil trabalhadores e na qual se elegeu democraticamente uma Comissão Organizadora Provisória do Congresso em que estão representados sindicatos dos mais importantes sectores de actividade e de todas as regiões do País e ainda as mais significativas correntes do pensamento sindical português, foi um importante passo adiante para o reforço da unidade dos trabalhadores portugueses e do Movimento Sindical.

Estão assim criadas as condições para que nenhuma Direcção Sindical possa, sem trair os trabalhadores que representa e os princípios democráticos, afastar-se da organização e do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES E PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA.

As Direcções dos Sindicatos Metalúrgicos não podem deixar de censurar a actuação de um reduzido número de Direcções Sindicais — das mais contestadas pelos Associados — que recusando-se a aceitar os princípios da Democracia Sindical estão pondo em perigo a unidade dos Trabalhadores e a fomentar, ainda que afirmem o contrário, a divisão e o pluralismo no Movimento Sindical Português.

As Direcções dos Sindicatos Metalúrgicos consideram que as reuniões levadas a efeito em Coimbra por um grupo minoritário de Sindicatos com grande cobertura e apoio da Televisão, da Rádio e outros órgãos de informação de direita, não servem os interesses de quem trabalha, antes favorecem a divisão do Movimento Sindical que, a verificar-se, desarmaria os Trabalhadores face à ofensiva de recuperação capitalista em curso.

As Direcções dos Sindicatos Metalúrgicos apoiam as decisões tomadas pelos 170 Sindicatos filiados e não filiados na INTERSINDICAL reunidos em 4 do corrente e chamam os promotores das reuniões de Coimbra a aceitarem os princípios democráticos e a integrarem-se na organização do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES E PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA.

Assim servirão essas Direcções Sindicais os interesses dos trabalhadores que representam.

De outra forma serão responsáveis pela divisão do Movimento Sindical colocando-se, por mais que falem em democracia e em socialismo, ao lado do patronato.

As Direcções dos Sindicatos Metalúrgicos apelam para os trabalhadores de todo o País e de todas as profissões para que façam da preparação a realização do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES E PELA REESTRUTURAÇÃO CENTRAL ÚNICA uma ampla campanha de massas contra o divisionismo e o oportunismo, pela unidade dos explorados contra a recuperação capitalista e o fascismo, pela democracia e pelo socialismo.

A Luta Continua!
Unidos Venceremos!

Documento aprovado pelos Sindicatos dos Metalúrgicos de: Alentejo, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Funchal, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
Absteve-se o Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro.

Lisboa, 14 de Setembro de 1976

DISCURSO DO PRIMEIRO-MINISTRO CONTRA OS TRABALHADORES

Na comunicação ao país através da TV, os trabalhadores portugueses foram na passada quinta-feira, dia 9 de Setembro, brindados com 70 minutos de insultos e ameaças.

Falou o dr. Mário Soares, Primeiro-Ministro; a CIP, a CAP, a Associação dos Comerciantes, o PPD e o CDS apoiaram.

No seu longo discurso o Primeiro-Ministro apontou as principais linhas por que se vai guiar o seu governo, as ideias que tem acerca de quem são os autores da crise actual, os modos como vai tentar resolver a crise de que falou.

Apesar de ter falado durante bastante tempo, apesar de ter focado muitos e variados pontos, o tom geral da sua intervenção foi constante:

— A culpa da crise é dos trabalhadores, por duas razões, ganham muito e trabalham pouco.

— A crise vai ser resolvida pelo Governo à custa dos trabalhadores que vão ser obrigados a trabalhar mais e não terão aumentos de salários; serão aumentados os preços dos produtos essenciais.

A crise para o Senhor Primeiro-Ministro é fácil de explicar na medida em que esquece os seus principais responsáveis. Para o dr. Mário Soares o fascismo que sofremos durante 48 anos teve pouca influência na situação económica actual!

A exploração desenfreada dos monopólios da Europa capitalista e dos Estados Unidos pouca ou nenhuma influência teve para o Chefe do Governo! Os latifundiários, esses então, segundo o Primeiro-Ministro, abriram o caminho a uma Reforma Agrária, que se não foi o êxito esperado pelo Governo, não foi por falta de vontade dos Agrários, mas por erros dos trabalhadores agrícolas!

Finalmente o Chefe do Governo «esquece» que o seu partido esteve representado com parte de leão no VI Governo Provisório, que governou cerca de um ano e que tomou a maioria das medidas que agravaram a situação económica, especialmente no capítulo da dívida ao estrangeiro, com os empréstimos contraídos pelo ministro do VI Governo dr. Salgado Zenha e que os trabalhadores portugueses depressa terão de pagar com o seu suor.

Para resolver a crise que propõe o dr. Mário Soares?

— Ataques aos trabalhadores e liberdade para os sabotadores da nossa economia.

— Restrição do direito à Greve, direito inalienável dos trabalhadores e ameaça com as forças de segurança.

— Entrega de empresas em autogestão, Cooperativas e empresas com Intervenção do Estado aos antigos patrões sabotadores.

— Devolução de terras aos latifundiários e liquidação da Reforma Agrária.

— Incentivo aos despedimentos, como via de recuperação capitalista.

— Congelamento até Janeiro de 1977, do salário mínimo nacional.

— Restrições ao direito de reunião, consignado na Constituição.

— Limite dos aumentos salariais à um valor muito inferior àquele que mesmo oficialmente é indicado para o aumento do custo de vida, diminuindo o poder de compra dos trabalhadores.

— Indemnização aos grandes accionistas e agrários, ao mesmo tempo que centenas de empresas em autogestão e Cooperativas lutam com grandes dificuldades financeiras.

— Aumento das tarifas dos transportes o que levará a um aumento generalizado dos preços de muitos produtos essenciais.

— Retirar aos trabalhadores a faculdade de administrarem o dinheiro que ganharam com o seu suor, obrigando-os a ficar com os chamados títulos do tesouro em paga de parte do 13.º mês.

— Aumento dos descontos para a Previdência, assim diminuindo o salário real dos trabalhadores, ao mesmo tempo que ignora os milhões de contos de dívida das empresas capitalistas e do Estado a esta Instituição dos trabalhadores.

Não é com medidas deste teor que o Governo conseguirá obter a confiança dos trabalhadores e a sua mobilização entusiástica e indispensável nas grandes tarefas de reconstrução nacional.

O Governo «esqueceu-se» de apresentar medidas e soluções para os grandes problemas que neste momento afligem os trabalhadores, e que são:

— Revogação imediata dos Decretos-Lei 530/76, 422/76 e toda a legislação antipopular.
— Criação imediata de novos postos de trabalho.
— Congelamento dos preços dos produtos essenciais.
— Assistência aos reformados e aumento das pensões de reforma.
— Fim dos despejos.
— Obrigatoriedade de negociação e cumprimento pelo patronato dos C.C.T.
— Apoio imediato à Reforma Agrária, em meios técnicos e na comercialização dos seus produtos.
— Combate firme à sabotagem económica.
— Obrigatoriedade de cumprimento dos contratos de arrendamento rural.
— Reintegração dos trabalhadores saneados após o 25 de Novembro.
— Julgamento imediato de Pides e Bombistas.

As medidas anti-operárias anunciadas pelo Primeiro-Ministro não merecem nem podem merecer das organizações sindicais qualquer apoio ou colaboração e, a concretizarem-se, criarão um clima de desestabilização social propício às manobras da direita reaccionária.

Medidas deste tipo são contrárias ao espírito do 25 de Abril e impedem a concretização dos objectivos consignados na Constituição, nomeadamente o seu artigo 2.º onde se define a República Portuguesa como «um Estado democrático, baseado na soberania popular, no respeito e na garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democráticas, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras.»

O Primeiro Governo Constitucional coloca-se deste modo abertamente contra a Constituição da República Portuguesa.

Os trabalhadores saberão resistir.

CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA
A LUTA CONTINUA
UNIDOS VENCEREMOS

Documento aprovado pelos Sindicatos dos Metalúrgicos de: Alentejo, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Funchal, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
Absteve-se o Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro.

Lisboa, 14 de Setembro de 1976

Nacional

Vendedores ambulantes querem participar na redacção do estatuto

Vendedores ambulantes, reunidos em plenário na Amadora e numa concentração, anteontem realizada no Rossio, aprovaram uma proposta a enviar às autoridades competentes, no sentido de serem efectivamente defendidos os seus interesses, nomeadamente o direito ao trabalho.

Partindo do princípio que o direito ao trabalho está consignado na Constituição, bem como o dever do Estado assegurar a assistência social a todos os trabalhadores, principalmente aos mais idosos, e ainda atendendo às dificuldades sentidas ultimamente pelos vendedores ambulantes no exercício das suas actividades, os vendedores ambulantes exigem que, enquanto não for garantido o direito ao trabalho e à reforma, seja dada a possibilidade aos vendedores ambulantes de exercerem as suas actividades nos locais em que haja passagem pública e, também, a participação, através dos seus legítimos representantes, na definição do Estatuto do Vendedor Ambulante.

A Comissão de Luta criada no plenário realizado pelos vendedores ambulantes da Amadora, que foi uma das incentivadoras desta proposta, apela para a formação, em todo o País, de Comissões de Luta dos Vendedores Ambulantes para a defesa do direito ao trabalho. Para centralizar os esforços das diversas comissões de luta que sejam criadas aquela organização pede às suas congéneres para entrarem em contacto com a Rua de Macau, 6-A, ou pelo telefone 940480 da Amadora.

Há problemas com o trigo no concelho de Mafra

No sentido de corrigir a má informação, agravada com uma onda de boatos, de que têm sido vítimas os agricultores do concelho de Mafra acerca do pagamento do trigo do corrente ano, a Organização dos Pequenos e Médios Agricultores daquela zona despendeu esforços orientados para o esclarecimento correcto do assunto.

Assim, no dia 23 de Agosto, alguns membros daquela organização estiveram no Instituto de Cereais para se informarem sobre o preço do trigo. Foi-lhes comunicado que «se mantém o mesmo preço de 1975». Quanto ao pagamento será de $25 por quilo, no dia da entrega, no celeiro, e o restante no prazo de 15 dias. No respeitante ao subsídio ou abono, receberam a informação de que viria algum tempo depois do pagamento total. Aliás — disseram-lhes —, o pagamento do subsídio só sofrerá atraso se os funcionários da cooperativa arrumarem os papéis na gaveta e não os enviarem para o Instituto de Cereais.

No que se refere ainda à colheita de 1975, a Organização dos Pequenos e Médios Agricultores do concelho de Mafra informa os produtores que ainda tiverem dinheiro para receber, e o queiram receber com urgência, deverão deslocar-se a Lisboa ao Instituto dos Cereais. No caso de quererem esperar algum tempo, poderão receber em Mafra.

O Instituto de Cereais afirmou que em Outubro anunciará o preço do trigo para a colheita de 1977. Neste momento ainda o referido preço está em estudo.

NO SILENCIO E NA SOLIDÃO

Continuação da pág. 3

Quando a comprámos...

Tanta gente à nossa espera, no dia em que chegámos pela primeira vez!... E dessa gente — tantos que já morreram!...

E naquele ano e nos anos que se lhe seguiram, enquanto os meus filhos cresciam da infância à adolescência e se faziam adultos...

Lembro o amigo muito querido que me dizia, a sorrir:

— Este é o melhor tempo da tua vida. Tens a casa cheia!... Daqui a uns anos... E olha que os anos passam depressa...

Mais depressa do que eu supunha!

Um navio no mar. Um avião no céu. Vêm do Mundo. Vão para o Mundo.

Gente que parte...

E os meus filhos que partiram também...

A C. P. INFORMA:

Por conveniência de serviço e devido ao facto de ser muito reduzido o seu aproveitamento, serão suprimidos a partir da entrada em vigor do Horário de Inverno 76/77 (26 de Setembro de 1976) as seguintes circulações da linha de Vendas Novas:

C.º 8273	—	Setil	P.	16.30 h.
		V. Novas	C.	18.35 h.
C.º 8272	—	V. Novas	P.	13.12 h.
		Setil	C.	15.25 h.

Nacional

POR "ATENTADO À ORDEM DEMOCRÁTICA"

Governo processa "A Rua"

A Secretaria de Estado da Comunicação Social requereu à Polícia Judiciária a instauração de um processo-crime ao semanário «A Rua», pela publicação de um artigo no seu último número, que aquele departamento governamental classifica como «um verdadeiro atentado à integridade de cidadãos que sempre consagraram a sua vida à luta pela liberdade e pela dignidade do povo português».

Na nota oficiosa ontem distribuída aos órgãos da Informação, a SECS acentua que «a tolerância, que é timbre dos socialistas, para os quais a liberdade dos outros é um bem tão precioso como a sua própria liberdade, não pode ser confundida com transigência perante os inimigos da democracia, tenham eles a cor que tiverem».

E depois de frisar que o director do referido semanário, Manuel Múrias, conhecido pela sua colaboração directa com a ditadura fascista, nomeadamente no «Diário da Manhã», onde «jamais tomou posição em defesa da liberdade então amordaçada», a nota refere que o artigo em questão «ao mesmo tempo que faz a apologia do regime fascista e colonialista, num desafio frontal à letra e ao espírito da Constituição, calunia partidos democráticos e insulta os militares do 25 de Abril a quem chama palhaços fardados».

NOTA OFICIOSA

O texto da nota oficiosa é do seguinte teor:

1 — A Constituição da República Portuguesa consagra os direitos e liberdades cujo exercício, durante 48 anos, foi suprimido e reprimido pelo regime do «Estado Novo». Entre eles, «o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem por qualquer outro meio» (artigo 37.º, n.º 1) mas a constituição prevê, também, que «as infracções cometidas no exercício destes direitos ficarão submetidas ao regime de punição da lei geral, sendo, a sua apreciação da competência dos Tribunais Judiciais» (artigo 37.º, n.º 3).

2 — Constituem infracções ao n.º 1 do artigo 37.º da Constituição todos os atentados à integridade moral, ao bom nome e reputação dos cidadãos. E também a apologia e propaganda da ideologia fascista.

3 — O n.º 24, de 16 de Setembro de 1976, do jornal «A Rua» contém artigos que constituem um verdadeiro atentado à integridade moral de cidadãos que sempre consagraram a sua vida à luta pela liberdade e pela dignidade do povo português, o que não é propriamente o caso do director do referido semanário, conhecido pela sua colaboração directa com a ditadura fascista, nomeadamente no «Diário da Manhã», onde, ao que nos conste, jamais tomou posição em defesa da liberdade então amordaçada.

4 — O referido número de «A Rua», ao mesmo tempo que faz a apologia do regime fascista e colonialista, num desafio frontal à letra e ao espírito da Constituição, calunia partidos democráticos e insulta os militares do 25 de Abril a quem chama «palhaços fardados».

5 — Trata-se, claramente, de uma violação da Constituição e da Lei de Imprensa, de um atentado à ordem democrática, de um desafio à vontade do povo português expressa democraticamente em três eleições sucessivas — as mais livres que desde sempre se realizaram em Portugal.

6 — Num artigo intitulado «Alevantando a voz», chega-se ao ponto de se escrever: «O nosso indeclinável dever é lutar. Lutando violentamente lutamos pela sobrevivência de Portugal». Não falando já do facto de o director de «A Rua» nunca ter levantado a sua voz para defender a democracia quando o fascismo a suprimia, não se pode deixar passar em claro que no seu semanário haja agora quem ouse levantar a voz para tentar calar pela violência a liberdade do povo português. Trata-se, neste caso, de algo muito mais grave do que uma simples infracção à Lei de Imprensa; trata-se de um apelo à vigilância contra a ordem e a legalidade democrática.

7 — Não resta, pois, outra solução senão a de proceder judicialmente contra quem deste modo abusa da liberdade para a tentar destruir. A tolerância que é timbre dos socialistas, para os quais a liberdade dos outros é um bem tão precioso como a sua própria liberdade, não pode ser confundida com transigência perante os inimigos da democracia, tenham eles a cor que tiverem.

Com a força moral que lhe vem da sua legitimidade constitucional, fruto do voto popular, o Governo garantirá a todos os portugueses o exercício dos direitos e liberdades consagradas na Constituição. Mas agirá, nos termos da Lei, contra todos os que, por qualquer forma, pretendam pôr em causa a ordem democrática.

Assim, a Secretaria de Estado da Comunicação Social vai requerer, de imediato, à Polícia Judiciária, a instauração do respectivo processo crime contra o semanário «A Rua».

MILITARES PROCESSAM "A LUTA"

Duran Clemente e companheiros regressaram voluntariamente

. Com o pedido de publicação recebemos do capitão Duran Clemente e dos outros quatro militares que com ele regressaram de Angola para se apresentarem às autoridades militares, o seguinte esclarecimento:

. «Na sua edição de hoje o vespertino «A Luta» publica com grande relevo e em primeira página a notícia absolutamente falsa de que os signatários foram «convidados» a abandonar Angola. Todo o corpo da notícia cheio de falsos pormenores (com os quais se pretende impor credibilidade) ao bom estilo da Imprensa fascista antes do 25 de Abril, constitui uma vergonhosa provocação de tripla finalidade: enxovalhar cidadãos patriotas, atentar contra a solidariedade internacionalista e ingerir-se na política interna de um país soberano.

«Lamentamos profundamente que um jornal que se diz socialista, pluralista e independente cometa crimes contra o espírito da verdadeira democracia violando declaradamente a Constituição da República Portuguesa no que se refere a princípios, direitos e deveres fundamentais.

«Só a força da razão e da verdade nos pode manter tranquilos perante este ultraje à nossa dignidade bem como à de todos os leitores do vespertino «A Luta» ao serem assim violentados por tão baixa mentira.

«Os signatários reafirmam o que já declararam em documentos difundidos por órgãos de informação portugueses e angolanos (vide «Jornal de Angola» e «Diário de Luanda» de 10/10/76): o regresso a Portugal foi voluntário e pelas razões descritas nesses documentos. São razões fortes que parece não serem respeitadas pelo jornal «A Luta».

«Durante a nossa presença em Angola nenhum dos signatários teve qualquer actividade de ordem política como o poderá provar todo o dirigente ou cidadão angolano. Destes, só recebemos provas de confiança, apoio e solidariedade.

«Tal como já fizeram pessoalmente e o afirmam em carta de despedida os signatários reiteram publicamente a sua identidade com a luta anti-imperialista e pela implantação do socialismo travada pelo povo angolano, sob a direcção do MPLA e seu representante máximo: camarada presidente Agostinho Neto.

«Assim, ao abrigo e nos termos da Lei, solicitamos a publicação desta resposta, sem prejuízo do procedimento criminal que vamos requerer. Lisboa, 16 de Setembro de 1976. Rui de Sousa Carrurca, Luis Craveiro Martins, José Tavares Cabral, Victor Martins Jorge, Manuel Duran Clemente.»

Eanes recusa diálogo com G.D.U.P.'s

O Presidente da República recusou-se a receber uma delegação dos G. D. U. P.'s, que lhe queria entregar o texto de uma moção aprovada no último comício daquela organização, contendo os dez pontos-base da luta dos G. D. U. P.'s.

Segundo um comunicado da Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular, tal posição do general Ramalho Eanes «viola frontalmente a afirmação propagandista de S. Ex.ª de pretender ser o Presidente de todos os portugueses. Ao negar-se a receber uma representação de uma organização ligada à candidatura do major Otelo à P. R., o sr. Presidente evita, muito comodamente, o diálogo e a resposta a questões delicadas para o Poder».

O comunicado da C. N. P. U. P. enuncia depois os pontos que iam ser apresentados ao P. R., nomeadamente a liberdade plena de que Spínola goza e as restrições do regime de liberdade provisória imposto aos militares progressistas, os problemas relacionados com o incremento das acções de despejo e do desemprego e, ainda, o desmantelamento das redes bombistas.

O comunicado termina afirmando: «É difícil de aceitar a posição de recusa em receber tal representação por parte do sr. Presidente da República. Pensando friamente no assunto esta C. N. P. U. P. é, no entanto, levada a admitir a lógica da situação. A burguesia tem realmente o seu Presidente.»

F.S.P. responde à C.N.P.U.P.

««Face à experiência concreta de «unidade» vivida no seio dos G. U. D. P.'s, durante alguns meses, após a campanha eleitoral de Otelo, a F. S. P. constatou que a unidade dos trabalhadores e o avanço do processo de luta pela construção do Socialismo em Portugal, não passam pelo movimento dos G. D. U. P.'s, que através da sua prática actual não servirão esses objectivos, antes contribuirão para os comprometer», sublinha a Frente Socialista Popular em comunicado-resposta à Comissão Nacional dos G. D. U. P.'s, que criticou a saída daquele partido do movimento.

Reafirmando que «a questão política de fundo é a da impossibilidade objectiva (e comprovada na prática) de realizar a unidade com a participação de uma componente (U. D. P.-P. C. P.-R) que instrumentaliza o processo de unidade à sua estratégia de agrupamento maoísta», a F. S. P. considera de novo que «a unidade dos trabalhadores portugueses e o avanço das suas lutas, não se pode construir através de uma prática que previligia o anti-sovietismo, promovendo o reformismo do P. C. P. a inimigo principal e tentando apresentar ao povo trabalhador uma falsa terceira via duplamente reformista (mas de direita, apesar de enroupada em linguagem revolucionária) e ideologicamente subordinada à estratégia reaccionária da política externa chinesa que como é conhecido, sempre se tem mostrado disposta a aliar-se com o imperialismo americano e europeu para defrontar o denominado «inimigo principal dos povos».

«Se isto não constitui para a C. N. P. U. P. —; salienta a F. S. P. — uma razão política de fundo, é porque realmente a autoproclamada vanguarda dos G. D. U. P.'s (leia-se U. D. P. / P. C. P.-r) já tomou posse do seu cargo de direcção».

Rede bombista

Denunciada manipulação na "Flor do Campo"

A propósito do documento afixado nas várias secções da fábrica «A Flor do Campo» (de que é administrador Abílio de Oliveira, detido em Caxias) referido na nossa edição de anteontem, foi difundido em S. Martinho do Campo (Santo Tirso) um comunicado, denunciando a manobra que está por detraps daquele documeto.

Refere, nomeadamente, o comunicado que a atitude do «grupo de trabalhadores» subscrito do documento «só é possível por parte daqueles que sonham com o regresso ao passado fascista, onde não havia liberdade para castigar os grandes senhores dos monopólios e latifundios, habituados a cometer todos os crimes contra o povo indefeso». E acrescenta: «Não podemos permitir que andem à solta os que não recuam perante o assassínio, como aconteceu em S. Martinho do Campo, para impor a sua vontade e defender as regalias ganhas à custa do fascismo, para aterrorizar o povo para impedir a construção de um país liberto do medo e do banditismo».

Como justificação da grande percentagem de assinaturas que m documento terá recolhido assinalam que não foi dado tempo aos trabalhadores «de pensar nem de trocar as opiniões com os companheiros».

Pinheiro de Azevedo volta ao activo

O almirante Pinheiro de Azevedo poderá vir a ser nomeado, no próximo mês, director do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional, voltando assim ao serviço activo.

O antigo primeiro-ministro, que tem estado a restabelecer-se da doença que o acometeu no fim da campanha eleitoral para a Presidência da República, deverá regressar a Lisboa no princípio do próximo mês para terminar a sua recuperação.

Relembramos que também o general Vasco Gonçalves, quando foi afastado das funções de primeiro-ministro, foi colocado no I. A. E. D. N. como director, até que, depois dos acontecimentos do 25 de Novembro, foi afastado daquelas funções e passado compulsivamente, à reserva.

P.S. e P.P.D. divergem nas presidências de comissões parlamentares

O Gabinete das Relações Públicas do P. P. D. «desmente que os seus representantes, na Comissão Permanente da Assembleia da República, tenham dado o seu acordo ao critério seguido na distribuição pelos diferentes grupos parlamentares das presidências das comissões especializadas».

«Aliás — segundo o mesmo Gabinete — «a discordância dos deputados do P. P. D. foi claramente formalizada na reunião de 16 do corrente, sem qualquer margem para confusão.»

. Entretanto segundo Jaime Gama, membro do Secretariado do P. S., tais critérios assentaram «no uso da competência regimental do presidente da Assembleia da República que, através de uma reunião da respectiva comissão permanente, efectuou os contactos necessários com os grupos parlamentares a fim de estes repartirem proporcionalmente as presidências das comissões parlamentares».

Aquele responsável do P. S. considerou ainda que os métodos utilizados tiveram como base o Regimento da A. R. e que «a escolha definitiva das presidências de cada uma das comissões caberá apenas aos deputados que as integram».

Altino de Magalhães visita Pires Veloso

. PORTO, 17 — O general Altino de Magalhães, que desempenha as funções de director-geral da Instrução do Exército após ter sido governador dos Açores, avistou-se, ontem de manhã, com o brigadeiro Pires Veloso, comandante da Região Militar do Norte, internado no Hospital Militar desta cidade.

1 SEMANA EM LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP:
SÉRIE «A» Domingos
Agosto 1, 8, 15, 22, 29
Setembro 5, 12, 19, 26
Outubro 3, 10, 17, 24, 31
SÉRIE «B» 4as feiras
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22, 29
SÉRIE «C» 2as feiras
Agosto 2, 9, 16, 23
Preços excepcionais desde * 3.850$
* a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação "fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Economia

O capital estrangeiro não foi praticamente atingido nestes últimos dois anos de luta anticapitalista em Portugal; antes pelo contrário. A prova aí está: continua a controlar uma parte muito importante da produção nacional. Com os apelos que estão a ser feitos ao capital internacional para investir no nosso País, esse controlo vai provavelmente aumentar nos próximos tempos

EM SECTORES-CHAVE DA ECONOMIA

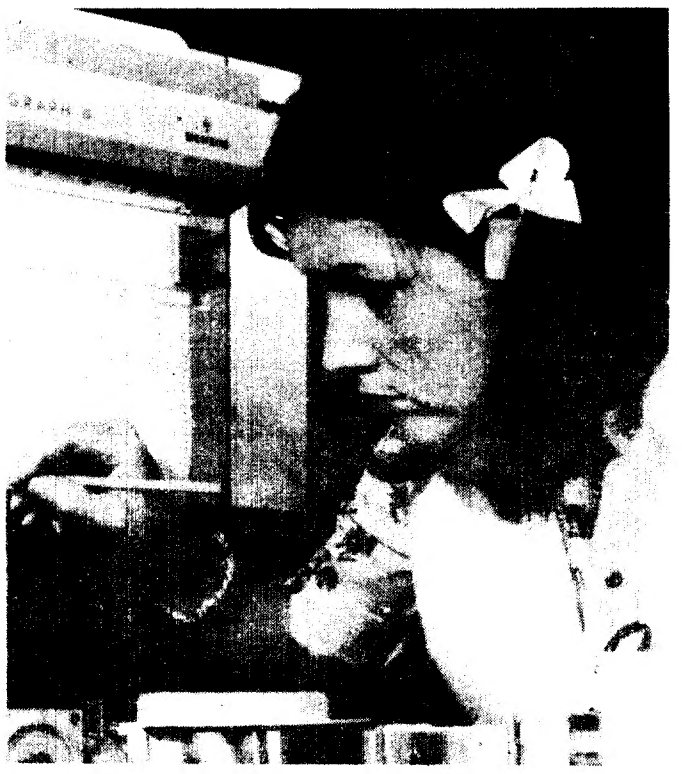
Capital estrangeiro está a "assaltar" produção nacional

O capital estrangeiro controla, detendo 50 ou mais por cento do capital social, apenas treze empresas das 206 empresas existentes em Outubro de 1975 no ramo da «construção de máquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico», mas, apesar disso, pertence-lhe 65,2 por cento do valor bruto da produção do ramo. Se tivermos em conta que as empresas deste ramo em que o capital estrangeiro participa com menos de 50 por cento, detinham 2,8 por cento do valor bruto da produção, e que as empresas inteiramente portuguesas representam apenas 32,0 por cento do valor bruto da produção, ressalta que o capital estrangeiro controla de facto este ramo da indústria portuguesa.

Esta é uma das conclusões a que se chega a partir do estudo elaborado pelo chefe de divisão do Instituto Nacional de Estatística, Carlos Alberto da Purificação Costa, sobre a «participação estrangeira no capital social das sociedades nacionais». Este estudo foi elaborado para permitir que o INE possa satisfazer as solicitações que lhe são frequentemente feitas, em especial pela OCDE, sobre a participação de capital estrangeiro nas sociedades nacionais.

Mas aquele ramo não é o único em que o capital estrangeiro controla em grau maior ou menor a economia portuguesa: nas «indústrias extractivas», 5 empresas com participação igual ou superior a 50 por cento de capital estrangeiro, detinham 41,6 por cento da produção do sector. Como outras 5 empresas onde a participação estrangeira é inferior a 50 por cento, detinham 7,8 por cento do valor bruto da produção, verifica-se que o capital estrangeiro também aqui pode ter uma influência determinante na evolução da economia portuguesa.

As empresas controladas pelo capital estrangeiro, detinham ainda 20 por cento do valor bruto da produção das indústrias do papel e dos artigos de papel, 17,6 por cento do valor bruto da produção da construção de máquinas, com excepção das eléctricas, 16,2 por cento do valor bruto da produção das indústrias químicas, 13,7 por cento do valor bruto da produção do comércio por grosso e 11,7 por cento do valor bruto da produção das indústrias transformadoras.



Grupos alemães-federais não conhecem fronteiras. Foi em parte sobre essa penetração que o ex-chanceler Ludwig Ehrard construiu o celebrado «milagre» dos anos 50

Na base dos dados recolhidos através do inquérito efectuado o autor do estudo a que nos referimos elaborou um quadro, do qual fez a seguinte análise sumária:

«Para um total de 43 165 sociedades, verifica-se que apenas 348 (0,8 por cento) tinham participação de capital estrangeiro, das quais 216 a um nível igual ou superior a 50 por cento.

As actividades onde se regista maior número de sociedades com participação são a indústria química, com 43 (31 com 50 por cento ou mais) o que corresponde a cerca de 12 por cento do total do sector, o comércio por grosso, com 72 (59 com 50 por cento ou mais) o que, em percentagem do respectivo total não tem grande relevância (1,2 por cento) e a construção de máquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico, com 15 (13 com 50 por cento ou mais) o que representa cerca de 7 por cento do total do sector.

De uma forma geral, é maior a dimensão das sociedades com participação de capital estrangeiro no capital social, o que pode ser observado através, por exemplo, do número médio de pessoas empregadas, por sociedade, sendo de realçar a construção de máquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico, com uma média de 1237 pessoas para as sociedades com 50 por cento ou mais de participação (em número de 13); a construção de material de transporte que, para as 5 sociedades com participação inferior a 50 por cento, apresenta uma média de 2577 pessoas empregadas; as indústrias dos produtos minerais não metálicos, com excepção dos derivados do petróleo bruto e do carvão que, também para 5 sociedades com participação menor que 50 por cento, mostra uma média de 669 pessoas; a construção de máquinas, com excepção das eléctricas, que tem uma média de 592 pessoas para as 7 sociedades com 50 por cento ou mais de participação; o comércio a retalho, em que, para as 4 sociedades com participação inferior a 50 por cento, a média de pessoas empregadas é de 604; os bancos e outras instituições financeiras, com 961 empregados, em média, para as 7 sociedades com participação menor do que 50 por cento; e as indústrias extractivas em que 557 é o número médio de pessoas empregadas nas 5 sociedades com 50 por cento ou mais de participação estrangeira.

Mas uma análise que se nos afigura mais relevante é a que faz a ligação do número de sociedades ao número de pessoas empregadas e ao respectivo valor bruto da produção, o que põe em evidência, de uma maneira geral, a maior produtividade das sociedades com participação de capital estrangeiro no capital social, motivada, porventura e entre outras causas, pela sua melhor dimensionação e superior técnica utilizada. Tal facto evidencia-se melhor, por exemplo, nas indústrias da alimentação, com excepção das indústrias das bebidas que, com 1,5 por cento do total de sociedades desse sector, e 6,1 por cento do pessoal, apresentam um valor bruto da produção de 14,5 por cento; nas indústrias do papel e dos artigos de papel, em que 3,6 por cento das sociedades, com 10,1 por cento do pessoal do sector, mostram um valor bruto da produção de 19,2 por cento; na indústria da borracha, cujo valor bruto da produção é de 43,8 por cento, correspondente a 3 por cento do número de sociedades e a 19,5 por cento do número de pessoas empregadas; nas indústrias metalúrgicas de base, em que, para um valor bruto da produção de 27,4 por cento concorrem 2,8 por cento das sociedades e 12,2 por cento do pessoal utilizado no sector; e nas indústrias transformadoras diversas em que 2,8 por cento das sociedades, com 16,8 por cento do pessoal que trabalha nessa actividade, mostra um valor bruto da produção de 25,3 por cento.»

Este inquérito foi elaborado nas seguintes condições: «Admitiu-se a utilização do ficheiro das sociedades, tendo-se procedido da forma e com base nas hipóteses de trabalho seguintes:

— Inquirição, apenas, das sociedades cujo capital fosse igual ou superior a 5000 contos, o que reduziu de 43 000 (total do número de sociedade) para perto de 2300 (cerca de 5,3 por cento) as sociedades a inquirir, representando estas, no entanto, mais de 83 por cento do total dos capitais sociais;

— Utilização dos verbetes referentes a 1974 quanto ao número de sociedades e de pessoas empregadas;

— Determinação do valor bruto da produção por estimativa em percentagem, baseada nos dados do verbete de 1974.

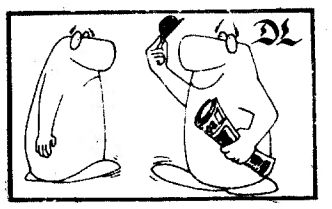
O questionário utilizado que foi enviado em Novembro de 1975 às cerca de 2300 sociedades com mais de 5000 contos de capital social, como se disse, apenas perguntava o montante do capital social em 31 de Outubro desse mesmo ano e qual a participação nele de capital estrangeiro.

Foram recebidos 88 por cento das respostas, que permitiram, depois do seu agrupamento por ramos de actividade, distribuir as participações de capital estrangeiro pelos três escalões pretendidos.

Para cada ramo de actividade, quer o número de sociedades sem participação de capital estrangeiro, quer o de pessoal empregado correspondente, foram determinados por diferença entre os apuramentos totais efectuados para a publicação anual e os obtidos através do questionário relativamente às sociedades com participação de capital estrangeiro.

Já a determinação do valor bruto da produção acarretava um conjunto de dificuldades de tal ordem, em especial por as definições desse valor não serem as mesmas para todos os ramos de actividade, que não foi introduzida no questionário qualquer pergunta nesse sentido. Até porque isso iria afectar a recepção das respostas, quer em tempo, quer em qualidade (as sociedades não estão, geralmente, preparadas para poderem determinar o valor bruto da produção desde o início do ano até qualquer momento) e ainda porque os meios a utilizar na efectivação deste inquérito teriam que ser os normalmente utilizados pelo sector que, dentro desta divisão, trata das estatísticas das sociedades.

Houve, portanto, que recorrer a um processo que permitisse estimar valores percentuais.»



PUB

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

SERVIÇOS TÉCNICOS

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO CAMINHO MUNICIPAL DAS FARINHEIRAS A PAIO PIRES (SEIXEIRA)

EUFRÁSIO FILIPE GARCÊS JOSÉ, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal:

Faz público que, em conformidade com a deliberação camarária de 31/8/76, se encontra aberto Concurso Público, pelo prazo de vinte dias contados após publicação deste anúncio no «Diário da República», para a adjudicação da empreitada referida em epígrafe.

A base de licitação é de 1 189 296$00 (um milhão, cento e oitenta e nove mil, duzentos e noventa e seis escudos).

O processo da empreitada, pode ser consultado todos os dias úteis, durante as horas normais do expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos desta Câmara.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas 1.ª Subcategoria da IV Categoria ou V Categoria e na Classe 1 B.

A caução provisória é de 29 732$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Comissão Administrativa na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Comissão Administrativa reúne todas as quintas-feiras pelas 21.00 horas no edifício dos Paços do Concelho.

PAÇOS DO CONCELHO DO SEIXAL, 14 de Setembro de 1976.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

PALMA DE MAIORCA

Partidas todos os Domingos de 11 de Abril a 26 de Setembro

8 dias desde

5.225.00

15 dias desde

6.560.00

Incluindo viagem aérea LISBOA/PALMA DE MAIORCA/LISBOA. Alojamento no Hotel escolhido em regime de pensão completa. Transporte aeroporto / hotel / aeroporto. Descontos especiais para crianças. Assistência permanente por um delegado da BUISSON.

CONSULTE

BUISSON

VIAGENS TURISMO

RUA BRAAMCAMP, 15 - D

Tels. 40459 - 40468 - 560388

Telg. BUISTOUR-Telex 12762

UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

Geral

Banca recorre à empréstimos externos

O Banco de Fomento Nacional acaba de contrair um novo empréstimo externo: 40 milhões de dólares, cerca de um milhão e trezentos mil contos, negociado no mercado internacional junto do Kredietbnanc SA do Luxemburgo. Trata-se de um grande grupo bancário internacional, com fortes interesses económicos nas ex-colónias portuguesas.

Este empréstimo, garantido pelo Governo Português, foi feito por cinco anos e a taxa de juro a pagar pelo B. N. F. é a correspondente à oferecida às transacções a seis meses entre bancos no mercado de Londres, segundo a ANOP.

Com estes fundos, o B. N. F. vai financiar o sector privado virado para a exportação, assim como o sector da produção, transporte e distribuição de energia eléctrica. Neste sentido, foi recentemente aprovado um plano de investimentos, a realizar até 1980, pela Electricidade de Portugal, no montante de cerca de 45 milhões de contos, dos quais cerca de 20 por cento correspondem a compras no estrangeiro.

Os restantes dez milhões de dólares serão aplicados na cobertura de encargos em divisas resultantes de projectos de investimento cujo financiamento está a ser contemplado pelo Banco de Fomento Nacional e a realizar por empresas de sectores da indústria portuguesa com projecção na actividade de exportação de produtos transformados ou fabricantes de bens intermediários de grande utilização no mercado interno, inserindo-se no conjunto de iniciativas tendentes à utilização de fundos externos para o financiamento de projectos de mercado interesse para a economia nacional.

Por outro lado, técnicos do Banco de Fomento, do Banco de Portugal e do Ministério das Finanças encontram-se em Genebra onde participaram em reuniões da E. F. T. A. para estudo da aplicação do Fundo daquela organização recentemente criado para auxílio ao nosso país.

Os estatutos do Fundo aprovados pela E. F. T. A. foram já publicados no «Diário da República», mas o Governo Português ainda não procedeu à sua ratificação.

Comissão estuda imposto único

De acordo com o 107.º Artigo da Constituição, será empossada na próxima semana, pelo ministro das Finanças, uma comissão destinada a apresentar os estudos relativos ao imposto único sobre pessoas físicas e colectivas.

A comissão deverá apresentar os anteprojectos dos diplomas relativos ao imposto em estudo até 31 de Agosto de 1977, « de modo a permitir ao Governo a sua apreciação e integração da proposta de Lei do Orçamento Geral do Estado para 1978, a submeter à aprovação da Assembleia da República».

Preside à comissão o inspector-geral das Contribuições e Impostos, dr. Rodrigues Pardal, coadjuvado por onze técnicos. Os trabalhos relativos ao imposto único sobre pessoas físicas são coordenados pelo dr. Manuel Pires, enquanto os estudos referentes ao imposto sobre pessoas colectivas ficarão a cargo da dr.ª Maria de Lourdes Correia e Vale.

Patronato comercial quer controlar o sector

A Confederação do Comércio Português, organização patronal similar à Confederação da Indústria Portuguesa, foi ontem recebida pelo ministro do Plano e Coordenação Económica, a quem havia solicitado uma audiência.

No decorrer desta reunião, a C. C. P. exprimiu o desejo de participar, ou pelo menos de vir a ser consultada, relativamente às medidas que no campo do comércio venham a ser tomadas pelo Governo. Trata-se, ainda aqui, de uma solicitação que a generalidade do patronato de todos os sectores tem vindo a pôr ao Governo. Assim se retomaria a exemplo do que acontecia antes do 25 de Abril, a intervenção directa do patronato no delineamento da política económica governamental.

Um dos elementos da Confederação do Comércio Português, abordado pela Anop disse que na longa agenda de trabalhos foram debatidos nomeadamente:

«O Conselho Nacional do Plano», «elaboracão e execução do plano, autonomia do sector privado, sectores económicos vedados à iniciativa privada, medidas de carácter creditício e fiscal para estimular o investimento, intervenção do Estado nas empresas, política de preços, reestruturação do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, salário mínimo nacional, Norma Nacional, Conselho Nacional de Rendimento e Preços e medidas de poupança de energia».

O mesmo informador acrescentou que o tom da reunião foi manifestamente cordial, tendo sido depois debatidos com certo detalhe a preocupação do comércio com a iniciativa privada.

A crescentou ainda, que foram expressas «as medidas que esta confederação entende necessárias para uma revitalização do sector».

A opinião geral dos elementos que se avistara com o ministro do Plano e Coordenação Económica, foi unânime em considerar que durante a reunião «alguma coisa se clarificou».

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

DIRECÇÃO: FRANÇA

Secretaria de Estado dá regras para emigrantes

Segundo acordos realizados entre Portugal e a França, os emigrantes portugueses em França estão autorizados, desde o ano passado, a receber as suas famílias naquele país. No entanto, e apesar da autorização, várias anomalias se têm registado devido ao facto de muitas famílias portugueses chegaram a França sem uma série de papéis e reguisitos legais, o que as obriga a uma perda de tempo e frequentemente a serem obrigadas a voltar para trás ou a longas esperas na fronteira.

Nesse sentido, e com o intuito de solucionar tais inconvenientes, a Secretaria de Estado da Emigração informa o seguinte:

. «1 — Os trabalhadores portugueses radicados em França devem pedir a entrada da sua família utilizando impressos próprios, que podem adquirir na Direcção de Acção Sanitária e Social do departamento onde habitam ou nos serviços de acolhimento (Bureaux d'Accueil). Juntamente com o seu pedido, o trabalhador deverá apresentar o original (ou fornecer fotocópias autenticadas na Mairie ou no Commisariat de Policé, no caso do envio pelo correio) dos seguintes documentos: cartas de residência e de trabalho; folha de salário do mês anterior ou, na falta desta, um certificado de presença no local de trabalho; certidões de nascimento de cada um dos membros da família; e promessa de arrendamento ou recibo de renda ou qualquer outro documento que demonstre a existência do alojamento que a família vai ocupar, permitindo localizá-lo;

. 2 — É, portanto necessário que o requerente esteja instalado em França há um ano, pelo menos, com recursos estáveis, que se encontre em situação legal, possuindo carta de residência e carta de trabalho, e que tenha, em França, um alojamento em condições, obdecendo a certo número de regras (sobre as quais podem ser obtidas informações na Direcção de Acção Sanitária e Social do respectivo departamento). A titulo experimental, foi criado um subsídio de instalação, cujo montante representa três meses de aluguer do alojamento. Informações sobre as condições de atribuição deste subsidio poderão ser obtidas junto do Office National d'Emmigration.

3 — O trabalhador será, posteriormente, informado por carta da decisão tomada quanto ao seu pedido de reagrupamento familiar e deve então esperar que a família seja convocada pelos serviços do Office National d'Immigration, em Portugal. O trabalhador será avisado, por telegrama, da data, hora e local de chegada da sua família;

. 4 — O reagrupamento familiar deve ser total (esposa e filhos com menos de 18 anos). A entrada em França de membros de uma família não deve contudo ser motivada por uma procura de emprego a favor destes. Os membros da família deverão ser submetidos a um exame médico, efectuado em Portugal, nos serviços do Office National d'Immigration aonde serão convocados imediatamente após o chefe de família ter entregue o seu pedido em França.»

O emigrante pode levar, sob condições, os seus familiares para França

Personalidades financeiras internacionais reúnem-se em Lisboa

O VI Seminário Interbancário, promovido pelo Banco Português do Atlântico, realiza-se na próxima semana nos arredores de Lisboa, estando a despertar grande interesse nos meios bancários e financeiros internacionais.

Aguarda-se a presença de cerca de 90 directores de bancos de mais de vinte países. Os trabalhos prolongar-se-ão por dois dias, e durante eles serão feitas exposições sobre alguns aspectos da economia e da vida financeira portuguesa. Além de dirigentes do Banco Português do Atlântico, deverão estar presentes representantes do Governo.

Economia (Porto) rejeita integração de Fernando Seabra

PORTO, 17 — Do Conselho da Faculdade de Economia da Universidade do Porto recebemos a seguinte nota: «O Conselho Directivo da Faculdade de Economia do Porto tomou conhecimento, através de uma nota da Comissão de Análise de Recursos de Saneamento e Reclassificação, do despacho de 22.7.76 do Conselho da Revolução pelo qual é reintegrado como professor catedrático da Faculdade de Economia do Porto Fernando Maria Alberto de Seabra.

Relembrando a nota oficiosa de 14.5.76 do secretário de Estado do Ensino Superior, segundo a qual «a Secretaria de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica afirma que respeitará a vontade dos seus órgãos de gestão democraticamente eleitos...» e, no caso de professores recém-integrados no funcionalismo, não os integrará nas funções anteriores «sempre que as suas escolas de origem derem parecer contrário ao seu retorno a elas», informamos V. Ex.ª da tomada de posição da assembleia magna de 14.6.76, sob proposta do Conselho Directivo, Conselho de Faculdade e direcção da Associação de Estudantes, onde se delibera que «na Faculdade não sejam admitidos: a) os saneados da própria Faculdade; b) os saneados doutras escolas do País».

«Por esta mesma nota marcamos o repúdio que merece aos órgãos de gestão desta escola a referida decisão do Conselho da Revolução».

C.A.P. com Soares

O Primeiro-Ministro Mário Soares deve receber hoje uma delegação da C.A.P. e das Associações de Agricultores do Baixo e Alto Alentejo, com quem discutirá assuntos relacionados com a Reforma Agrária.

NOS PORTOS DE ANGOLA

Mercadorias armazenadas só até 30 do corrente

LUANDA, 17 — (F.P.) — Todas as mercadorias actualmente armazenadas nos portos de Cabinda, Lobito e Moçâmedes terão de ser reclamadas e levantadas até ao dia 30 do corrente — salvo casos devidamente justificados — para o que serão dadas instruções aos bancos e alfândegas, de modo a concederem todas as facilidades.

Segundo um despacho conjunto dos ministros da Economia e dos Transportes, divulgado hoje, os importadores angolanos devem praticar o sistema de descarga directa do navio para o seu armazém, ou, caso tal não seja possível, não deixar permanecer as mercadorias mais de oito dias nos armazéns portuários. Estas medidas não englobam o porto de Luanda, mas sim os portos de Cabinda, Lobito e Moçâmedes, aos quais é fixado o prazo de 30 de Setembro para a saida de todas as mercadorias ali armazenadas.

De fontes afectas ao sector da navegação, refere-se que nos portos de Lobito e Moçâmedes encontram-se alguns milhares de toneladas de mercadorias descarregadas durante a guerra de Angola, algumas das quais destinadas a Luanda.

Saliente-se que a Associated Central West Africa Lines já anulou todas as taxas de congestionamento relativas aos portos de Angola, pelo facto de agora não existir tempo de espera ao largo, para descarga dos navios.

Na Bairrada

Família morta num choque do carro com um camião

ÁGUEDA, 17 — Uma ultrapassagem numa lomba na Estrada Nacional n.º 1 resultou na morte de uma família que, pouco depois, deveria almoçar reunida para festejar o aniversário de um dos seus membros.

O acidente envolveu um «BMW», com a matrícula CG-43-77, que, em alta velocidade, tentava ultrapassar uma camioneta de passageiros e um camião carregado de tijolos que surgiu em sentido contrário, no alto da lomba. Apesar de todos os esforços dos motoristas, o choque não foi evitado. O condutor da camioneta ainda tentou encostar ao máximo o seu veículo na berma da estrada, mas nem isso evitou que o «BMW» embatesse de frente no camião de tijolos, arrancando-lhe o rodado dianteiro. Já completamente destroçado, o carro rodopiou, atravessou a estrada e arrastou-se travado por 55 metros, parando finalmente de encontro a uma oliveira.

O condutor do «BMW», o industrial Fernando Moreira da Silva, de 58 anos, foi projectado e morreu na estrada. Dentro do carro foram encontrados mortos entre os ferros, quase irreconhecíveis, a mulher do condutor, D. Arminia Sousa Machado Moreira, os sogros António e D. Alda de Sousa Machado, respectivamente com 76 e 72 anos, e o aniversariante, estudante Fernando Machado Moreira, que completava 17 anos. Este ainda foi retirado com vida, mas morreu pouco depois a caminho do hospital desta vila. O acidente ocorreu à saída de Avelãs do Caminho, entre a Mealhada e Águeda, a 80 quilómetros do Porto. A estrada ficou interrompida por duas horas, enquanto eram retirados os restos mortais das vítimas que foram transportados para o necrotério de Anadia.

Nacional

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES
NA HOTELARIA, RESTAURANTES
E SIMILARES DO SUL

MOÇÃO

Os trabalhadores do **HOTEL ALTIS**, reunidos em plenário no dia 16-9-76, a fim de serem discutidos temas relacionados com o CCT e o Congresso dos Sindicatos, repudiam veementemente o cobarde atentado bombista levado a efeito no passado dia 14-9-76, por ocasião do «cocktail» que celebrava num dos nossos salões, o acordo Luso-Cubano.

Este atentado vem na linha antiprogressista que acompanha a escalada reaccionária que se verifica a todos os níveis. Aproveitam os trabalhadores para enaltecer a atitude dos camaradas de trabalho LOUREIRO E TOMÁS que num total desprezo pela sua segurança, transportaram sem hesitações o invólucro assassino para o exterior, evitando com este acto de coragem um desastre de incalculáveis previsões, dado que, segundo a opinião dos agentes da Brigada de Minas da P. J. tratava-se de cargas que, a explodir, desmantelaria toda a frontaria do Hotel.

16-9-76

Os trabalhadores do Hotel Altis reunidos em Assembleia, aprovada por unanimidade.

PARA RETORNADOS

Hoteleiros do Porto acabam com as refeições

O facto de não receberem há meses as importâncias que lhes são devidas pelo alojamento de retornados pode levar os industriais de hotelaria do Porto a não fornecer mais refeições. Este problema foi abordado numa reunião efectuada por aqueles industriais na sequência de uma iniciativa das comissões directivas das associações dos hotéis e pensões do norte. Totalizando, segundo um dos intervenientes, quase dois milhões de contos, esta dívida às unidades hoteleiras, põe em risco a possibilidade da sua sobrevivência.

No decorrer da reunião foi referido que o ex-I. A. R. N. convidou os industriais necessitados de dinheiro a recorrerem ao crédito bancário, o que alguns deles tentaram fazer em vão, porque os bancos não estão dispostos a aceitar a responsabilidade do ex-I. A. R. N. Mesmo que a aceitassem, notou-se quem teria de pagar aos bancos os juros referentes aos empréstimos seriam os industriais, verificando-se assim a situação absurda de os industriais estarem a pagar ao Estado juros pelos empréstimos que o Estado lhes concedia a fim de eles poderem sobreviver por o Estado lhes não pagar...

O problema dos retornados, embora reconhecidamente complexo e de difícil resolução, carece de tratamento. Não há dúvida de que a hospedagem hoteleira tende a eternizar-se e que situação se vai tornar insustentável. Um inquérito imediato e público à situação real dos retornados que se encontram alojados nos hotéis, com particular incidência sobre os que estão a receber as suas reformas e que, apesar disso, estão alojados a expensas públicas, contribuiria para criar vagas nos estabelecimentos hoteleiros e para satisfazer a opinião pública, dia-a-dia mais justamente escandalizada com as incongruências que se verificam e que não têm justificação possível.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

SECRETARIA

AVISO

Conforme publicação efectuada na Imprensa em Fevereiro do corrente ano, foi dado conhecimento do início dos trabalhos da substituição da rede de distribuição e dos ramais domiciliários que se encontrassem em mau estado de conservação, na Trafaria.

Pelo presente, avisam-se todos os proprietários cujos ramais vão ser substituídos, que serão enviados brevemente os respectivos custos dos trabalhos a levar a efeito.

Almada, 13 de Setembro de 1976

O Presidente do Conselho de Administração

TORM LINES

Para :

BARCELONA—ALGER
MALTA e ALEXANDRIA

n/m «TORM THYRA», em 21 do cort.

OS AGENTES GERAIS :

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

PUB

STAL SINDICATO DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

O STAL E A ORGANIZAÇÃO PRÓ-SINDICAL
DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O relato da reunião geral de trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, inserto em alguns jornais do dia 10 do corrente (Diário de Notícias, entre outros), trouxe ao conhecimento do STAL afirmações ali proferidas que são ofensivas para os trabalhadores da Administração Local.

Não pretende a Comissão Coordenadora do STAL entrar em análises críticas quanto à actuação da Organização Pró-Sindical da Câmara Municipal de Lisboa porque entendemos que é problema que só aos respectivos trabalhadores diz respeito.

Da mesma forma entendemos que aos associados do STAL assiste legitimidade exclusiva para apreciação e julgamento da acção desenvolvida pela sua Comissão Coordenadora.

Daí que rejeitemos os termos ofensivos e caluniosos proferidos naquela reunião com referência ao STAL, mais próprios de arruaceiros e marginais do que de trabalhadores referindo-se a outros trabalhadores ou às suas organizações

A ofensa gratuita e o recurso a mentiras são fracos alicerces para organizações que se pretendem unidas pela identidade de interesses e objectivos.

É evidente que consideramos secundário determinar quem primeiro se constituiu — o STAL ou a Organização Pró-Sindical da Câmara Municipal de Lisboa, —, interessando, sim reconhecer que são duas realidades e devem caminhar para posições de unidade e de convergência no respeito pelas respectivas posições.

Mas devemos porém corrigir que o STAL, nascendo de um expontâneo movimento organizativo dos trabalhadores, se foi construindo ao longo de 15 meses para alcançar a maioridade no Porto, em 24 de Agosto de 1975, por voto de 2250 trabalhadores (e não 1200, como depreciativamente foi afirmado), idos de todos os pontos do País.

Terminaremos este desagravo público às caluniosas referências afirmando aos trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa o nosso respeito pelas suas opções organizativas e a nossa solidariedade para as suas lutas.

À sua actual Organização Pró-Sindical repetimos a proposta que antes apresentámos, sem resultado, à sua antecessora: preparar um plenário de trabalhadores onde a Comissão Coordenadora do STAL possa explicar como o STAL é um Sindicato democrático, apartidário e independente e, ainda, refutar as injuriosas referências que, sem possibilidade de defesa, têm sido feitas ao STAL em plenários da Câmara Municipal de Lisboa.

Saudações sindicais.

Santarém, 13 de Setembro de 1976

PELA COMISSÃO COORDENADORA, transitória.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS
DO DISTRITO DE LISBOA

POR UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA DA PREVIDÊNCIA

MOÇÃO

Os 170 Sindicatos presentes na Reunião Geral de Sindicatos, no Instituto Superior Técnico, em 4/9/76,

Considerando:

. — Que os trabalhadores descontam dos seus salários para a Previdência muitos milhões de contos por ano (34 milhões é a previsão para 1976);

. — Que, apesar desta fabulosa verba, a Previdência e a Saúde que lhes têm sido proporcionada é a que mantém os reformados com pensões de miséria e Portugal como País da Europa com maior mortalidade infantil;

. — Que, apesar dos esforços dos representantes do Movimento Sindical na gestão das Caixas, ainda não se conseguiu reestruturar a Previdência em termos democráticos, mantendo-se no essencial a estrutura fascista, devido aos boicotes do Ministério dos Assuntos Sociais;

. — A linguagem tecnicista do Programa de Segurança Social e Saúde do Governo constitucional que revela uma concepção tecnocrática da gestão da Previdência que repudiam;

Que a gestão da Previdência com a objectiva participação dos trabalhadores a todos os níveis — conforme a Constituição reconhece — será eficaz se for democratizada com economia de muitos milhões de contos;

DECIDEM:

. 1.º — Manifestar ao Governo que nunca aceitarão o afastamento dos representantes do Movimento Sindical da gestão das Caixas, em troca de qualquer falsa representação ou qualquer organismo-fantasma sem nenhuma intervenção efectiva, apenas para que se dê a aparência de respeitar a Constituição;

. 2.º — Reivindicar a presença de representantes do Movimento Sindical no Instituto de Gestão Financeira da Previdência, o qual parece estar a ser constituído nas costas dos trabalhadores, bem como nos centros distritais e regionais de segurança social, de que fala o programa do Governo;

. 3.º — Reivindicar uma progressiva reestruturação orgânica e funcionl da Previdência que vise a sua descentralização ao nivel das empresas, com participação dos Delegados Sindicais à Previdência, cujas funções devem ser reconhecidas legalmente, com vista a:

. a) Pagamento — nos locais de trabalho e sem atrazos — dos abonos de família e subsídios de doença, de nascimento, etc.;

. b) Aumento e pontual pagamento das pensões de reforma e viuvez;

. c) Criação do Serviço Nacional de Saúde, gratuito e eficaz, com participação e mobilização das populações para as tarefas sanitárias;

. d) Apelar aos trabalhadores da Previdência para que cooperem nestes objectivos a favor da saúde e da segurança social do Povo Português.

(APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO)

Trabalho

ZONA SUL

Função pública prepara eleição dos dirigentes sindicais

. Uma vez obtida a legalização do seu sindicato, os trabalhadores da Função Pública da Zona Sul preparam-se agora para o processo de eleição dos respectivos dirigentes, que deverá realizar-se em Outubro, consoante metodologia ainda a aprovar.

Há, neste momento, dezasseis propostas de metodologia, de discussão e aprovação do regulamento e calendário eleitoral, apresentadas ontem à noite no decurso de uma assembleia regional de delegações (A. R. D.) dos funcionários públicos, realizada em Lisboa, no L. N. E. C.

Seguindo os trâmites então adoptados, a mesa da assembleia deverá enviar essas propostas para os locais de trabalho até à próxima segunda-feira, dia 20, a fim de serem discutidas e votadas em R. G. T.'s. Os resultados assim obtidos serão comunicados ao sindicato até 30 de Setembro, devendo ser afixados na respectiva sede e enviados a todas as delegações, vinculando-se a Comissão Directiva Regional Provisória (C. D. R. P.) a dar deles conhecimento através da Imprensa. Passar-se-á, «de imediato, ao cumprimento das operações eleitorais nele previstas».

Os autores das propostas têm a possibilidade de, até ao próximo domingo (dia 19) retirá-las ou proceder à sua fusão, por mútuo acordo.

CONGRESSO EM DEBATE

Segundo proposta aprovada naquela assembleia, a preparação do Congresso de Todos os Sindicatos para a Unidade será objecto de debate pelos trabalhadores da Função Pública, com início dentro do prazo máximo de quinze dias.

A este respeito, a C. D. R. P., através de um comunicado ali divulgado, alerta «todos os trabalhadores para as tentativas de manipulação em curso nalguns locais de trabalho, onde através de abaixos assinados se procura vincular os trabalhadores da Função Pública a posições, sem prévio esclarecimento e discussão democrática e aberta dos problemas em causa». Nele se dá conta, ainda, dos resultados da última reunião geral de sindicatos, realizada em Lisboa no dia 4.

Um representante da C. D. R. P., falando no ponto de «informações», revelou o teor de uma entrevista recente com o secretário de Estado da Administração Pública, que teria garantido a prévia audição dos trabalhadores da Função Pública, e respectivos sindicatos, quanto à legislação que lhes diz respeito.

Recorde-se que o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul se encontra legalizado desde o dia 3 de Setembro, com a publicação dos respectivos estatutos no «Diário da República», III Série.

BOMBARATO, EM MEM MARTINS

Ex-patrão retomou empresa sem credencial do Ministério

. Um dos estabelecimentos da cadeia de supermercados Bombarato, o de Mem Martins, foi tomado de assalto, na segunda-feira à noite, por elementos do patronato com o apoio de trabalhadores a eles afectos, antigos trabalhadores e pessoas que nada têm a ver com o «negócio».

A retomada do estabelecimento pelos ex-patrões, os irmãos Rolins, fez-se às nove horas da noite e os empregados que ali se encontravam, juntamente com o gerente, foram retidos. No caso do gerente, só foi libertado no dia seguinte, às 13 horas. Entretanto, foi obrigado a passar para as mãos dos assaltantes todo o dinheiro que se encontrava em caixa, 72 contos, mais as chaves.

Na altura em que voltaram a tomar conta do estabelecimento, os ex-patrões disseram que deveriam estar a chegar uns «doutores» do Ministério do Trabalho. Mas ninguém chegou e posteriores diligências dos delegados sindicais do Bombarato, que se encontra em «autogestão», demonstraram que naquele departamento governamental ninguém tinha mandatado os antigos patrões para reentrarem no estabelecimento de Mem Martins.

Entretanto, ontem deveria ter-se efectuado uma reunião no Ministério do Trabalho com a presença de representantes dos trabalhadores e ainda dos antigos patrões. Tal não se verificou e o patronato que continua na posse do estabelecimento que abusivamente subtraíram ao controlo dos trabalhadores, afirma que não chegará a efectuar-se, enquanto ameaça sobre o futuro da empresa, ou promete aumentos salariais aos funcionários que o acompanham no actual processo.

No Ministério do Comércio Interno onde está em estudo o caso do Bombarato, um informador disse aos trabalhadores que ali se deslocaram, que estava de facto prevista a devolução da empresa aos patrões. Mas nem naquele, nem no Ministério do Trabalho se deu como tomada tal decisão e menos a ordem para que tal se efectuasse.

No entanto, um trabalhador interrogava-se esta manhã o que acontecerá aos invasores do estabelecimento de Mem Martins, uma vez que ali retiveram contra vontade, os trabalhadores presentes. Tratar-se-á de um caso de sequestro? É que, dizem-nos, o Primeiro-Ministro já condenou publicamente tais actuações e diz que isso cai sob a alçada a lei...

A cadeia de supermercados Bombarato é composta por oito estabelecimentos distribuidos por Lisboa e arredores, geridos por um administrador e três sócios gerentes. Por detrás, segundo noticia um matutino, encontra-se um capitalista, o eng. Bettencourt.

A ocupação da cadeia de supermercados foi feita a 30 de Maio de 1975, uma vez que os estabelecimentos deixaram de ter mercadorias para venda, por falta de crédito.

Neste momento, a situação financeira dos estabelecimentos continua a não ser boa, mas os trabalhadores, segundo um seu porta-voz, já conseguiram pagar cerca de mil contos das dívidas deixadas pelos antigos patrões.

Sobre a ocorrência já se pronunciou o secretário das Empresas em Autogestão e Cooperativas, que «repudia o que se está a passar no «Bombarato» de Mem Martins».

TÊXTEIS LANÇAM ALERTA

Abaixo-assinado da "Carta Aberta" está a cargo de forças partidárias

. A circulação, em diversos locais de trabalho, de um abaixo-assinado de apoio aos pontos de vista do grupo de direcções sindicais da Carta Aberta «está a cargo de forças partidárias que utilizam os seus militantes no interior das empresas, visando provocar o mais possível situações de ruptura, que abrem caminho para, com maior facilidade, as medidas de agravamento da exploração anunciadas pelo Governo consigam ir avante» — alerta a direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul.

Entre essas medidas, o comunicado agora divulgado refere «o reforço do autoritarismo dos patrões, o aumento das horas diárias de trabalho e os despedimentos». E acrescenta: «Só enfraquecidos pela divisão poderão os trabalhadores aceitar nas suas fábricas, sem luta, as medidas deste tipo apontadas pelo Primeiro-Ministro na RTP. Sabem disso os patrões, sabe disso o Governo e sabem disso todos os que, conscientemente, hoje no movimento sindical promovem a divisão e o desacordo, negando-se à discussão».

A direcção dos têxteis considera que os promotores daquele abaixo-assinado são elementos sectários, golpistas e antidemocráticos, condenando o método utilizado, que é exterior à organização sindical e revela a intervenção dum aparelho partidário. Tal documento — acrescenta — «pretende apenas dividir-nos».

O comunicado termina alertando para «as lágrimas de crocodilo dos que a nada mais aspiram senão ao poleiro cupulista, sectário e partidário que dizem combater».

QUÍMICOS PELA UNICIDADE

Os delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul enviaram aos órgãos do poder uma moção aprovada em plenário realizado em Setúbal na quarta-feira, na qual «repudiam a posição do Governo face à possível retirada da lei da unicidade sindical».

Trata-se, em seu entender, de «uma manobra para dividir os trabalhadores, tornando-os presa fácil dos patrões». Os delegados dos químicos pronunciam-se, assim, pela unidade sindical consagrada na lei.

O texto da moção foi enviado ao Governo, ao Presidente da Assembleia da República, e ao Conselho da Revolução.

LEIRIA

Grupo de trabalhadores interroga direcção do Comércio e Escritórios

. «A direcção (do Sindicato do Comércio e Escritórios de Leiria) diz que «há actividades que se impõem no nosso Sindicato» e lamenta a falta de mais colaboração. Pois, efectivamente, são uma necessidade as reuniões constantes com a massa associativa para a discussão de múltiplos problemas que afectam os trabalhadores, desde o aumento do custo de vida ao que está a passar-se no movimento sindical, passando pelo terrorismo, pela libertação dos «pides», pela defesa da Reforma Agrária, das nacionalizações, do controlo operário e da defesa contra os despedimentos» — afirma-se num comunicado subscrito por um grupo de trabalhadores de Escritórios e Caixeiros.

O mesmo documento que tem por objectivo «denunciar perante toda a massa associativa do nosso Sindicato alguns dos aspectos mais gritantes da actuação antidemocrática da sua Direcção e da política sindical errada, sectária e divisionista que vem seguindo», afirma mais adiante que aqueles são problemas «que já deviam ter sido discutidos no nosso Sindicato. Mas o que tem feito a direcção? Recusa-se a motivar e a mobilizar a classe, porque ela não está interessada na discussão».

O grupo de trabalhadores que denuncia a actuação do corpo directivo do Sindicato do Comércio e Escritórios de Leiria afirma que pelo seu modo de análise «a Direcção deixa bem clara a sua impotência e o seu espírito de submissão ao patronato; impotência e submissão que procura depois ocultar com a grande verdade histórica de que a «libertação dos trabalhadores tem de se operar pelos próprios trabalhadores».

Depois surgem várias interrogações no documento, de entre as quais destacamos:

. «A classe, em Assembleia Geral, decidiu, há longos meses, que fossem pagas à Intersindical todas as contribuições em atraso. A Direcção não cumpriu a decisão nos termos em que a classe a aprovou por maioria. Porquê?

. A classe decidiu em Assembleia Geral que fosse feito um inquérito às actividades da anterior Direcção. A actual, contudo, ainda nem sequer um esboço de inquérito apresentou.

Sabemos que o elenco Directivo do Sindicato já está reduzido a cerca de metade dos seus membros. Porque oculta ela (direcção) os motivos destas deserções? Ou se foi a Direcção a afastá-los porque o fez? Será que os associados não têm pelo menos o direito de o saber?

. Por outro lado, o nosso Sindicato está a ser defraudado pagando os ordenados ao vice-presidente da Direcção, quando o CCT que o abrange obriga a entidade patronal a suportar tal encargo. Será que ele desconhece o seu próprio contrato? Ou conhece-o e quer poupar o patrão?

. A Intersindical envia, frequentemente, aos Sindicatos documentação com propostas de solução para muitos problemas e tomadas de posição na defesa dos trabalhadores. Tal documentação é para ser submetida à discussão dos trabalhadores em plenários, para inclusive, **proporem alterações e fazerem as suas críticas**. A Direcção do nosso Sindicato nunca quis convocar a classe, como é seu dever, para apreciar e discutir a lei da contratação, a lei do controlo operário, o decreto sobre os despedimentos, etc. Porquê? Será que isto não interessa aos trabalhadores do nosso Sindicato?

. Mais: num momento em que os trabalhadores portugueses e as direcções dos seus sindicatos se debruçam sobre o importante acontecimento sindical que é o próximo Congresso de todos os sindicatos portugueses, a direcção do nosso Sindicato não só ainda não convocou uma Assembleia para este fim, como nem sequer incluiu tal assunto na ordem de trabalhos da próxima Assembleia. Porquê?

. Também no aspecto da Contratação Colectiva certas práticas da Direcção têm conduzido os trabalhadores ao desinteresse e até à divisão, como aconteceu na recente luta dos colegas do Comércio Retalhista, pelo seu contrato de trabalho. Aqui, mais uma vez, a incapacidade e a incompetência da Direcção se revelaram na condução da luta, levando-a a assumir atitudes manifestamente divisionistas que acabaram por desmobilizar os trabalhadores empenhados na conquista por melhores condições de vida e de trabalho. Quem ganhou com isso?»

"170 operários em risco de desemprego"

. «Desconhece-se qualquer acção concreta no sentido de levar a criar uma situação de falência» — dizem-nos os delegados sindicais e gerência da Inatêxtil (Porto), a propósito da desconfiança de tal facto que nos foi manifestado por um grupo indiscriminado de operários no dia 13. Apesar da situação na firma ser crítica há no entanto confiança numa melhoria de condições uma vez que existem promessas de encomendas substanciais. Todavia, dado o esquema em que labora — a feitio, dependendo, portanto, dos intermediários — não se poderá esperar por rápida recuperação.

A fábrica tem também falta de matérias-primas apesar dos pedidos de ajuda feitos às entidades competentes, nomeadamente à banca, IAPMEI e Ministério do Trabalho, nenhum auxílio real se verificou até à data. Se tal tivesse acontecido, a situação da empresa seria, ao que nos disseram, desafogada e não só estariam a ser cumpridas as tabelas contratuais como até outras obrigações agora em falta.

O problema da Inatêxtil é, pois, idêntico àquele que se verifica em muitas outras pequenas empresas que nunca obtiveram qualquer auxílio estatal apesar da existência do chamado Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas.

Quanto à afirmação que nos foi feita por uma operária de que «se não há encomendas é porque o patrão não as quer» foi-nos dito que «é mentira que seja atitude da entidade patronal recusar encomendas, antes pelo contrário tem procurado dentro do seu alcance arranjar contratos de trabalho».

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES

Operária agredida por companheira de trabalho

. «Aqueles que ontem se afirmavam grandes «democratas», hoje, pela sua actuação, desmascaram-se como os maiores fascistas utilizando as suas forças, valendo-se dos seus lugares de trabalho para oprimirem os seus companheiros à semelhança do que se fazia antes do 25 de Abril de 1974» — lê-se num comunicado distribuído ontem na Têxtil Manuel Gonçalves a propósito da agressão de que foi vítima uma operária.

Os agressores foram, segundo o texto, João Morais e Ermelinda, dois dos elementos mais activos da «comissão de luta» que existiu na T.M.G. O comunicado relata a agressão: «Ermelinda depois de ter uma discussão com uma operária no local de trabalho, ameaçou-a dizendo que «se passasse por ela lá fora, passava-lhe com as rodas do carro por cima». No dia seguinte, a Ermelida e seu marido João Morais, às 5 horas da manhã foram esperar a operária quando esta ia para o trabalho, o João Morais tapou-lhe a boca para ela não gritar enquanto a Ermelinda, com uma pedra, a agredia violentamente tendo a operária recorrido ao hospital. Após este acto a Ermelinda e seu marido João Morais puseram-se cobardemente em fuga».

Estrangeiro

CIDADE DO CABO

A revolta dos mestiços

CHRISTIANE CHOMBEAU

CIDADE DO CABO. — Um clima suave, montanhas verdejantes, um mar selvagem e praias de areia fina perto das vivendas... Confortavelmente instalados nesse ambiente privilegiado, os brancos da Cidade do Cabo viviam dias calmos, longe dos motins. Mas há uma semana a contestação surgiu dos **townships** e alastrou até ao próprio coração da cidade. Pela primeira vez, estudantes mestiços primários e do liceu, manifestaram-se nas artérias principais, escandindo «slogans» em que se pedem **direitos iguais para todos**, e **o mesmo ensino para toda a gente**, e brandindo cartazes que reclamam **a libertação dos irmãos negros encarcerados.**

Vista aérea da Cidade do Cabo, sobrepujada pela Montanha da Mesa

Muitos brancos não compreendem aqui o que está a acontecer, diz-nos uma mãe de família de origem inglesa. **Não compreendem a razão por que o movimento liceal ganhou uma região tradicionalmente considerada liberal e, sobretudo, porque se revoltam os mestiços, que eles consideram privilegiados.**

Na hierarquia instaurada pelo Governo, os dois milhões e meio de mestiços que conta a África do Sul (80 por cento vivem na província do Cabo) figuram logo depois dos brancos e têm, na província, direitos preferenciais.

São, em geral, melhor pagos do que os negros e beneficiam de um maior número de estabelecimentos escolares. Dispensados de passe (cartão de identificação sem o qual os negros não podem sair para fora das zonas que lhe foram atribuidas), passe esse que é origem de muitos males entre os africanos, os mestiços podem viajar livremente no interior do país. Por outro lado, nada os impede de comprar casa, desde que ela se encontre nas zonas que lhes são atribuidas.

Mas é preciso ser-se cego para não ver as humilhações que sofrem diariamente e para não prever a sua cólera, acrescenta a nossa interlocutora. Tal como os africanos e os indianos, os mestiços não podem tomar os autocarros ou os comboios dos bancos, e não são cidadãos de pleno direito... É-lhes recusada toda e qualquer participação nas decisões que dizem respeito ao destino do país. Até 1969 foram representados no Parlamento por deputados brancos. Mas até lhes foi retirado. Actualmente dispõem de um Conselho representativo (Colored representative Council, CRC), de poderes extremamente limitados, e que reúne sessenta membros: vinte nomeados pelo Governo e quarenta eleitos (só podem ser eleitores as pessoas que respondam a certos critérios culturais e morais).

Como não hão-de os nossos filhos revoltar-se quando vêem que o Governo gasta em média 450 rands com um estudante branco, 240 com um mestiço e 10 com um africano, ou que um professor de cor ganha metade do que ganha um branco, mesmo que tenha a mesma competência? pergunta Hassan Howa, responsável desportivo mestiço, que luta há muitos anos contra o «apartheid». **Não é dando-lhes migalhas nem metendo-os na prisão que os fazem calar... pelo contrário, os presos transformam-se nos seus mártires, e, de qualquer maneira, as pessoas habituam-se a viver com o medo...**

Mais do que os «toilettes» separados ou os taxis separados, o **Group Area Act (GAA)** feriu profundamente os mestiços atribuindo-lhes uma zona de habitação bem precisa, segundo a pigmentação da sua pele. Há alguns anos estes ainda possuiam alguns bairros no centro da Cidade do Cabo. Mas, apertada entre o mar e as montanhas, a cidade branca deixou de ter espaços para crescer. Foi então decretada a saída dos mestiços e os «bulldozers» começaram logo o seu trabalho de destruição.

«UM SOFRIMENTO»

Para nós foi um sofrimento, diz Ed Abrahams, membro de CRC, militante do Partido Trabalhista (partido mestiço de oposição ao «apartheid»), eleito no distrito Six, último **bairro** atingido pelo Group Area Act. **Tínhamos conseguido criar com as nossas lojas e os nossos cafés, uma verdadeira pequena cidade. À noite, as pessoas descansavam à porta de casa, conversavam ou jogavam as cartas. Às vezes havia festas cristãs ou muçulmanas... E depois, ao meio dia, muitos de nós podiam voltar para casa.**

Todo esse equilíbrio minucioso, construído durante anos, foi destruído de repente. Após uma indemnização insuficiente para a compra de uma nova casa, os moradores foram alojados nos **townships** dos arredores. Bonteheuwel, Mannenburgo, Hanover-Park... São estes os nomes de algumas dessas cidades, todas elas construidas no mesmo modelo, impessoais, atravessadas por estradas de terra batida, com equipamentos sociais parcimoniosos, longe do centro da cidade e mal ou insuficientemente servidas por autocarros e comboios. A percentagem de assassinatos e de ataques é muito elevado nessas cidades. À noite, os **skollys**, jovens mestiços, fazem a lei. Em Atlantis, o Governo decidiu construir um **township** de quinhentos mil habitantes: um segundo Soweto.

Hoje é feriado e M. H. aproveita para pintar a casa porque tudo deve estar limpo para a próxima festa muçulmana. A falar verdade, a casa é tão pequena que não há grande coisa para pintar. Três quartos minúsculos, uma sala de jantar que também serve de sala e da entrada, uma cozinha e, luxo dos luxos, uma pequena casa de banho com água e electricidade. Vivem ali oito pessoas, dois adultos e seis crianças. M. H. é um homem de sorte porque os amigos que moram em frente só têm duas divisões para sete pessoas. Os alojamentos são raros e as listas de espera são longas.

É melhor morar em Bonteheuwel do que em Vrygrond. Vrygrond é um bairro de lata onde vários milhares de adultos e de crianças vivem em cabanas feitas de lata, pedaços de madeira e carcassas de automóvel. O Governo tentou por várias vezes expulsar esses **squatters**, mas acabou por renunciar, por a Imprensa ter tomado conta do caso. Hoje parece voltar à carga. **Para onde querem que vamos?** pergunta uma mulher. **Não temos escolha, não há nada para nós.**

Três alunos mestiços, entre os quinze e os dezassete anos, explicam a razão por que entram em manifestações. **Para nós não há diferença entre um preto e um mestiço. Não somos não-brancos, somos negros.** Desejam, dizem, direitos iguais para todos, escolas mais numerosas, ensino obrigatório e gratuito, abolição da **Immora Aclity**, que proibe os casamentos inter-raciais, supressão do **Group Area Act**...

Trabalhadores negros («bantu») e mestiços («coloured») de uma empresa de tabacos. É na força da mão-de-obra que repousa a sua influência no processo sul-africano: faltando ao trabalho, segue-se a paralisia dos serviços e da indústria

Rejeitam o Conselho representativo dos mestiços e criticam severamente o partido trabalhista, que aceita **estar no sistema.**

Sonny Leon, líder do Partido Trabalhista, compreende essa contestação dos jovens e explica-a: **Os nossos filhos estão tristes. Revoltam-se ao ver-nos perpetuamente humilhados. Como poderia ser de outro modo quando o próprio presidente do CRC e do Partido Trabalhista, o reverendo Allan Hendrickse, muito estimado por todos, é bruscamente preso sem motivo aparente?**

Leon responsabiliza o Governo pela situação actual. O seu partido resolveu pedir uma entrevista ao primeiro-ministro e ao ministro da Justiça. Ele também pede que seja reunida uma convenção nacional que compreenda membros de todas as comunidades da África do Sul, até que seja estabelecida uma nova Constituição aceitável para todos.

O Governo, diz o líder do Partido Trabalhista, **queria tornar-nos aliados e convoca um gabinete misto para 24 de Setembro, excluindo dele os africanos. O papel deste gabinete seria puramente consultivo. Por outras palavras, queria que aceitássemos a carroserie de um automóvel, sem nos dar o motor. Não nos interessa.**

Embora partidário dos direitos iguais para todos, Sonny Leon não adere ao «slogan» **Um homem, um voto.** Prefere-lhe um direito eleitoral reservado às pesssoas que correspondam a certos critérios culturais.

O que sobretudo me espantou no movimento liceal, foi a sua espontaneidade, declara um professor mestiço. **Não estava, na verdade, à espera de que os meus alunos também se manifestassem.** Como a quase totalidade das testemunhas do início do movimento contestatário dos mestiços, verifica a ausência de toda e qualquer organização de base. **Os jovens não estão praticamente politizados. O seu movimento é, em grande parte de rejeição. Entre eles encontra-se um fulcro de estudantes liceais bastante duros, que não aceitam ligações com os brancos... Pergunto a mim mesmo em que medida não poderão ser comparados com os estudantes que em Maio de 68 se bateram em França. Neste caso, o momento em que cairem em si, será muito duro para eles.**

Um dos seus colegas, professor num liceu vizinho, recusa essa comparação mas também se refere á fragilidade da formação política dos estudantes.

Durante quanto tempo poderão eles revoltar-se, sozinhos? pergunta. **O d3semprego que reina não incita os adultos a fazer greves. Eles sabem que os patrões terão facilidade em os substituir. Mas os filhos agitam-nos. São resolutos, esses jovens. Mas serão necessárias muitas outras manifestações para que o Governo compreenda e mude de política.**

© Le Monde

Brancos partem para um passeio a cavalo na região de Champagne Castle, com a cordilheira de Drakensberg (Ukhahlamba em zulu) ao fundo. Esta imagem idílica está condenada a desaparecer no turbilhão da actual revolta

"Homo habilis" na África do Sul

NICE, 17 (F.P.) — Foi descoberto perto de Joanesburgo, na gruta de Sterkfontein, um crâneo com dois milhões de anos pertencente a um «homo habilis», longínquo antepassado do pitecantropo e, por vezes, considerado como o «primeiro dos homens».

A descoberta pertenceu ao professor Philip Tobias, da Universidade sul-africana de Qitwatersand, que anunciou no 9.º Congresso Internacional de Ciências Pré e Proto-históricas, actualmente a decorrer na cidade francesa de Nice.

Segundo o professor Tobias, o crâneo pertenceu a um adulto de 30 a 35 anos, de tipo pigmoide, o que mais confirma a hipótese de se tratar de um «homo habilis», considerado como tendo sido um ser com 1,30 a 1,50 de altura, que não ultrapassava os 50 quilogramas de peso.

Exceptuando a descoberta, em 1949, de alguns raros pedaços de um crânio, também com cerca de dois milhões de anos, é a primeira vez que se demonstra a presença efectiva do «homo habilis» na África.

Estrangeiro

Como a burguesia e o operariado vêem a crise do capitalismo

JOHN PURTON (economista britânico e redactor do "Labour Monthly")

Os acontecimentos de 1974/1975 obrigaram numerosos representantes da burguesia a reconhecer que a Imprensa dos países socialistas tinha razão ao predizer uma crise, que segundo uma opinião hoje em dia amplamente difundida, é a mais profunda desde os anos 30. É instrutivo recordar a visão que esses ideólogos tinham no princípio desta década quanto ao futuro do capitalismo. Nessa época, já uma profunda crise minara pela base o sistema monetário capitalista, assente no dólar e ligado ao ouro, sistema que reflectia a hegemonia dos monopólios dos Estados Unidos. Além disso, a economia dos EUA atravessava então uma prolongada fase de recessão. Nessas condições já havia quem admitisse que nem tudo ia bem no tão elogiado sistema da «livre empresa». Assim, P.Samuelson, decano dos economistas burgueses ortodoxos nos Estados Unidos e autor de manuais de economia largamente difundidos reconhecia: «Há certas coisas que ainda não sabemos, como, por exemplo, como controlar a inflação sem provocar desemprego». Mas Samuelson mostrava-se optimista: «Se examinarmos o problema central da macroeconomia, o do controlo do ciclo económico e do crescimento, posso afirmar que, como economistas, estamos de boa saúde».

Citemos também W. Heller, considerado o «pai» do longo «boom» económico dos anos 60 nos EUA. Afirmava ter ensinado a dois presidentes dos E.U.A. Kennedy e Johnson, a teoria económica de Keynes e seus discípulos para manter graças à intervenção financeira do Estado, o pleno emprego e um ritmo de crescimento económico rápido e estável. Àqueles que receavam que aos oito «anos gordos» de Kennedy e Johnson se seguissem «anos magros», W. Heller respondia: «Não há motivo para tal receio».

Entre os economistas norte-americanos de primeiro plano, havia também alguns que criticavam resolutamente os métodos keynesianos de intervenção estatal. O mais conhecido nessa altura era Milton Friedman. Tinha tal confiança no futuro do capitalismo que chegou a recomendar que deixassem o sistema seguir o seu caminho, com um mínimo de ingerência do Estado. A chave do êxito, segundo ele, consistia em fixar uma taxa estável e moderada de crescimento do crédito bancário, em harmonia com o crescimento do produto nacional real.

É preciso mencionar ainda os econometristas, especializados na elaboração de modelos matemáticos para prever as causas do desenvolvimento da economia e indicar ao Governo os métodos que ele deveria adoptar para que a economia mantivesse a estabilidade do desenvolvimento. Um dos mais importantes modelos desta classe foi criado pelo célebre Brookings Institute. Os econometristas estavam certos que obteriam um êxito crescente.

O que se passa hoje com os economistas e econometristas burgueses? Continuam a confiar como antes, no futuro do capitalismo? A que atribuem a crise mais profunda desde a década de 30? Que remédios receitam eles para curar o capitalismo? Vamos tentar dar uma resposta sumária a estas questões, seguida por uma breve referência à análise marxista-leninista da crise do capitalismo, com um exame do seu possível desenvolvimento e certas conclusões sobre a luta da classe operária e dos seus aliados no campo anti-monopolista.

«QUEM SOBREVIVERÁ À RECESSÃO?»

As atitudes dos economistas burgueses perante a situação económica tem sido muito variada, indo do pânico mais completo até à máxima confiança, com a particularidade de variarem segundo as últimas notícias económicas.

Em 28 de Dezembro, a antiga e conhecida revista britânica «The Economist» fazia a pergunta: «Quem sobreviverá à recessão?» Depois de uma referência ao maior «boom» da história do capitalismo, que com algumas pausas, durou 25 anos e durante o qual a produção no mundo capitalista se multiplicou por 3,5, «The Economist» indicava que a recessão tinha afectado, embora de diferente modo, todos os países capitalistas. A revista manifestava as suas dúvidas quanto às previsões da OCDE de uma ligeira recuperação para meados de 1975.

É notório que a burguesia de todo o mundo procure no desenvolvimento da economia dos EUA, país dirigente do sistema capitalista, uma prova da possibilidade de rápida superação da crise do capitalismo. Mas o «The Economist», no número de 15 de Fevereiro de 1975, chegava à conclusão de que a recessão nos EUA, seria longa e profunda. A 29 de Março de 1975, comentando a decisão do Congresso norte-americano de reduzir os impostos, ao aumento do défice federal e o aumento da circulação monetária, a revista dizia: «Isto pode provocar em 1976-1977 uma subida vertiginosa da inflação e imprimir à já habitual recessão «autocorrigida» um vertiginoso movimento pendular, nunca visto no passado».

Impressionada pela recessão que afectou os Estados Unidos na segunda metade de 1974 e que foi aumentando rapidamente, a revista norte-americana «Time» publicou um artigo intitulado «Poderá o capitalismo sobreviver?» no qual entre outras coisas se dizia: «Teme-se cada vez mais que o capitalismo não tenha contra a inflação outro remédio senão uma recessão profunda e que toda a tentativa coordenada para fazer sair a nossa economia desta recessão não consiga senão agravar a inflação». Quando, em meados de 1975, apareceram certos indícios dum ligeiro aumento da actividade económica, o «Time» assinalou essa tendência, e nos EUA começou a falar-se da recessão como coisa passada. Contudo, não se dissipou o receio pelo futuro. Apreciando as perspectivas de reactivação económica, a revista assinalou: «A grande preocupação é que uma combinação de novos surtos de inflação, redução do crédito, ao aumento da taxa de desconto e ao insuficiente estímulo da economia pelo Estado, provoquem a asfixia da recuperação...»

Os números económicos de Outono puseram em questão a proclamada recuperação. A curva dos principais índices económicos estagna. A cidade de Nova Iorque encara uma iminente possibilidade de falência. A presente instabilidade financeira nos EUA é uma consequência lógica da enorme expansão do crédito nos anos do «boom», como assinala a revista «Business Week» de 22 de Setembro de 1975, manifestando, tal como o «Time» de que qualquer recuperação reflacionista da economia fosse seguida por uma nova crise inflacionária.

Assim, ao pessimismo dos primeiros meses de 1975 nos EUA seguiu-se um optimismo prematuro durante o Verão, que, por seu turno, deu lugar a um pessimismo ainda maior no Outono.

Margaret Thatcher, do Partido Conservador britânico: «Tudo correrá bem se o Estado burguês renunciar a intervir nos assuntos económicos e deixar o capitalismo regressar à economia de mercado livre...» Trata-se, sem dúvida, de um reflexo da economia burguesa neoclássica.

PROPOSTAS DOS ECONOMISTAS BURGUESES

Depois de analisarmos brevemente as mudanças de humor dos ideólogos burgueses na apreciação da crise do capitalismo, tentaremos dar resposta à seguinte questão que pusemos: quais são, segundo eles, as causas da crise?

As tentativas burguesas para explicar a crise do capitalismo consistem muitas vezes numa simples amálgama de observações pragmáticas. Assim, o conhecido economista inglês Sir Alec Cairncross, na publicação «Crise 75», do Institut of Economic Affairs, de orientação marcadamente direitista, dizia: «O mundo encara duas crises distintas. A primeira é uma crise do emprego, provocada pelo receio da inflação e pela recusa em prosseguir uma política de expansão num clima de subida rápida dos preços e dos custos. A segunda é produto dos desequilíbrios do mundo, relacionados principalmente, mas não só, ao problema do financiamento das importações provenientes dos países produtores de petróleo...» A primeira parte desta declaração é um simples comentário superficial do problema, e nada nos diz sobre as suas causas de fundo. A segunda afirmação é do mesmo género. A maioria dos economistas burgueses considera a subida do preço do petróleo como um puro acaso ou como a expressão de motivos políticos egoístas, recusando-se obstinadamente a ver nela uma manifestação das contradições do imperialismo.

Nas explicações que os ideólogos dão da crise aparecem mais frequentemente, diversamente combinados, três modos de abordar o problema. A explicação monetária, mantida principalmente pelo professor norte-americano M. Friedman, afirma que a crise resulta do fracasso das tentativas de controlo da expansão do crédito. A segunda abordagem, mais simplista ainda, é defendida pela actual líder do Partido Conservador da Grã-Bretanha, Margaret Thatcher, que durante a sua visita aos Estados Unidos, propagandeou extensamente os seus pontos de vista. Tudo correrá bem — afirma a sra. Thatcher — se o Estado burguês renunciar a intervir nos assuntos económicos e deixar o capitalismo regressar à «economia de mercado livre». Trata-se dum reflexo da economia política burguesa neoclássica. Há por fim, evidentemente, a abordagem keynesiana, que explica a dinâmica da economia pela soma das acções de diversos factores. Segundo ele, a principal causa da crise radica na excessiva pressão exercida pela procura global sobre a oferta global, pressão gerada pelo extraordinário aumento dos salários e das despesas sociais do Estado. Um exdmplo disso é a afirmação do «Sunday Times» inglês que a 26 de Janeiro de 1875, escrevia que «a Grã-Bretanha está a gastar mais do que os seus recursos lhe permitiam». Igualmente muito características nesse sentido são as declarações de Irving S. Friedman, ex-xonselheiro norte-americano do director do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, no seu livro «AInflação, um Desastre Mundial». O autor afirma que a população dos países capitalistas, se ligou demasiado ao consumismo à força de imitar os modelos norte-americanos de consumo, sem pensar nos recursos.

Encontrámos uma explicação de outro tipo num artigo sobre a economia dos EUA publicado na revista «Business Week» (22 de Setembro de 1975) com o título «Crise do capital». «Durante mais de dez anos, o aumento das despesas estatais, incluindo as despesas de transferência, foi verdadeiramente espantoso: 9 por cento por ano, mais do dobro do aumento correspondente no sector privado (4 por cento). Este aumento das despesas do Estado é uma das causas profundas da tensão surgida no mercado do capital no ano passado».

Este artigo da «Business Week» é um bom ponto de partida para abordar a terceira questão formulada: as propostas dos economistas burgueses para sair da crise. Os autores do artigo baseiam-se nas concepções do Brookings Institute, praça forte dos econometristas, bem como nos de Simon, Secretário do Tesouro dos EUA. A tese fundamental do artido é a seguinte: o crescimento da economia norte-americana exige um acelerado incremento do capital a investir. De 1955 a 1964, a procura global de capital foi de 760 000 milhões de dólares; de 1965 a 1974 ascendeu a 1,6 biliões, e pensa-se que chegará no próximo decénio aos 4,5 biliões.

Se bem que não se possa esperar que os autores do artigo compreendam e aceitem a explicação marxista deste fenómeno, a sua causa real reside na tendência inevitável do capitalismo para uma superprodução de capital, para uma superacumulação em relação às possibilidades reais do aumento da produção de mercadorias e do aumento da mais-valia, tendência que Marx analisou no terceiro tomo de «O Capital». Para os autores, a solução consiste em obter um brusco aumento da poupança graças a severas restrições das despesas públicas e privadas. A proposta é uma receita clássica da economia política burguesa, que nos faz lembrar a política financeira liberal de Gladstone II. No plano teórico, esta ideia apoia-se no modelo neoclássico da economia capitalista, na qual o equilíbrio é assegurado pela acção das forças do «mercado». Estamos perante um dos extremos do leque das teorias e concepções burguesas, cujo objectivo é fazer cair o peso da crise sobre os trabalhadores. Dado que esses pontos de vista se alimentam também de sonhos de regresso ao capitalismo da «livre empresa», elas traduzem ao mesmo tempo tendências reaccionárias, utópicas e antioperárias. Esta «utopia» reaccionária só serve para encobrir as tentativas de reforçar a ditadura do capital monopolista de Estado sobre a classe operária.

OS ECONOMISTAS KEYNESIANOS DE NOVA VAGA

O outro extremo do leque é formado pelos economistas neo-keynesianos do British National Institute of Economic and Social Research e do Ministério das Finanças da Grã-Bretanha que são favoráveis a um reforço da intervenção do Estado por meio de uma política de rendimento que encare uma redução forçada dos salários. As suas concepções coincidem claramente com as da ala direita do Partido Trabalhista e do governo trabalhista, que fingem rejeitar as ideias de «livre empresa» do líder conservador, mas cujas propostas de incrementar a intervencão do Estado têm de facto o fim de consolidar as posições do capital monopolista.

Entre os partidários do reforço da intervenção e da planificação estatal para salvar o capitalismo, encontram-se outros economistas burgueses muito conhecidos, entre eles Galbraith. É significativo que grupos aparentemente diferentes de economistas burgueses e reformistas de direita, prossigam, no fim, um mesmo objectivo. São favoráveis, uns aberta, outros secretamente, à utilização do poder do Estado para saír da crise à custa dos trabalhadores e prolongar os dias do capitalismo monopolista de Estado.

Umas palavras sobre a política económica oficial no contexto da crise. É surpreendente a paralisia dos governos burgueses que se encontram perante o dilema de aplicar uma política de deflação ou de relançamento, o que, como é natural, implica medidas de carácter oposto. A economia capitalista de países como os EUA, a RFA e o Japão e França é suficientemente forte para resistir a um relativo relançamento. Por outro lado, os países como a Grã-Bretanha que sofreram mais com a inflação, não estão já em condições de os suportar. Aí reside a diferença fundamental. Contudo, mesmo nos países mais fortes, a política é afectada por uma paralisia parcial. Enquanto a Secretaria do Tesouro dos Estados Unidos segue uma política de limitação das despesas e dos créditos e a Administração de Washington se esforça por eliminar, num futuro próximo, o enorme défice e equilibrar o orçamento, a Comissão da Câmara dos Repre-

Continua na pág. 12

AEROFRETE — AGENTES TRANSITÁRIOS E DE CARGA AÉREA, LIMITADA

. . Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 3 de Setembro corrente, lavrada de fls. 11v do livro de notas para escrituras diversas n.º E-141, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lidia Rodrigues Maia Devesa foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial por quotas AEROFRETE AGENTES TRANSITARIOS E DE CARGA AÉREA, LIMITADA, com sede em Lisboa, pela substituição da redacção do numero um do artigo primeiro; o artigo terceiro, a alínea b) do número um, do artigo sétimo, o artigo oitavo; e o numero um do artigo nono, redacção que ficou sendo a seguinte

PRIMEIRO

Um — A sociedade gira sob a denominação de «AEROFRETE AGENTES TRANSITARIOS E DE CARGA AEREA, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa e domicilio na Rua Diogo do Couto, número um, quinto andar, frente, freguesia de Santa Engrácia, e durará por tempo indeterminado contando-se o seu inicio desde dois de Junho de mil novecentos e setenta

TERCEIRO

O capital social, já integralmente subscrito e realizado em dinheiro e nos demais valores constantes da escrita social é de um milhão de escudos e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de trezentos e quarenta mil escudos, duas de cento e cinquenta mil escudos, cada uma, e uma de sessenta e cinco mil escudos, todas pertencentes ao sócio Afonso Hermano Cardeira Reigosa; uma de cem mil escudos e uma de sessenta e cinco mil escudos, ambas pertendentes ao sócio António José de Almeida e Sousa Gonçalves; e uma de cento e trinta mil escudos, pertencente à própria sociedade

SÉTIMO

Um

d) O titular de quota, ainda que não gerente, concorra com a sociedade exercendo o mesmo ramo de actividade ou gerindo, seja ou não sócio, sociedade que o exerça, salvo se o fizer, com o consentimento da assembleia geral e nos termos em que esta o deliberar

OITAVO

Um — a administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo, e fora dele, activa e passivamente, caberá a um ou mais gerentes, sócios ou não, os quais exercerão a gerência com dispensa de caução e com a remuneração que a assembleia geral lhes arbitrar.

Dois — Se, porém, qualquer do gerente tiver também a qualidade de sócio só poderá ser destituido do exercício da gerência ocorrendo justa causa, entendendo-se que o mandato de gerente exercido por qualquer sócio também o é, no seu interesse pessoal

NONO

Um — A sociedade obriga-se pela assinatura de qualquer sócio gerente, pelas assinaturas dos gerentes não sócios conforme constar da deliberação da nomeação e pelas assinaturas dos mandatários sociais, conforme constar do respectivo mandato.

Está conforme. — Lisboa, treze de Setembro de mil novecentos e setenta e seis

O Ajudante, (Ezequiel Gonçalves dos Santos)

NOTARIADO PORTUGUÊS
Décimo Sexto Cartório Notarial de Lisboa

NOTÁRIO — Lic. Fernando Lopes Correia Semedo-Avenida Almirante Reis, n.º 104 - 1.º

«BARZISSIMO SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, LIMITADA»

Faço público que por escritura de quatro de Agosto de mil novecentos setenta e seis, exarada de folhas trinta e seis, verso, a folhas trinta e oito verso, do livro B CENTO SESSENTA E TRÊS das notas deste cartório DR LOURENÇO ANTÓNIO GORJÃO DE ALMEIDA E SILVA devidiu a quota do valor nominal de novecentos mil escudos que possuia na sociedade em epigrafe em quatro novas quotas, sendo uma de trezentos e cinquenta mil escudos que reservou para si outra de trezentos e cinquenta mil escudos que cedeu ao seu consócio Manuel dos Santos, outra de cem mil escudos que cedeu a Adelino Manuel de Jesus Abreu e outra de cem mil escudos que cedeu a Carlos Alberto da Costa;

Pela mesma escritura resolveram unificar as quotas do sócio Manuel dos Santos e alterar parcialmente o pacto social, quanto aos artigos «primeiro» e «quarto» e os números «um» e «três» do artigo quinto, suprimindo ainda o número «quatro» deste último artigo, aos quais foi dada a seguinte e nova redacção

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «BARZÍSSIMO — SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, LIMITADA», e tem a sua sede na Praça dos Restauradores, número vinte, em Lisboa

QUARTO

O capital social é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, inteiramente subscrito em dinheiro e dividido em quatro quotas uma de quatrocentos e cinquenta mil escudos do sócio Manuel dos Santos; outra de trezentos e cinquenta mil escudos do sócio Lourenço de Almeida; outra de cem mil escudos do sócio Adelino Manuel de Jesus Abreu e outra de cem mil escudos do sócio Carlos Alberto da Costa

QUINTO

UM — A gerência, com dispensa de caução, é conferida a todos os sócios Os sócios Manuel dos Santos e Lourenço de Almeida poderão delegar mutuamente parte ou a totalidade dos seus poderes de gerência, bastando para tal uma carta registada endereçada à sociedade; — TRÊS: Para que a sociedade fique obrigada são necessárias duas assinaturas, sendo uma delas necessariamente dos gerentes Manuel dos Santos ou Lourenço de Almeida; — QUATRO — Suprimido

Está conforme, nada havendo que modifique, condicione ou restrinja a parte transcrita

Lisboa, aos dezoito de Agosto de mil novecentos setenta e seis.

O 3.º Ajudante, (Maria Casimira Almendra)

PUB

CODILIVRO

COOPERATIVA DE DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO LIVRO

Pr. Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, Lisboa 4 (à 2.ª Circular, junto à Est. de Benfica)

A PRELO lançou «TEXTOS ECONÓMICOS (DE TEORIA, REFLEXÃO E INTERVENÇÃO)», de Sérgio Ribeiro.

Dia 17, de Setembro, 6.ª-feira, a partir das 21 horas, a CODILIVRO terá presente nas suas instalações o autor, Sérgio Ribeiro, que ali abordará alguns temas daquele seu livro (e outros) e autografará obras da sua autoria.

VALE FORMOSO

DOMINGO

DIA 19 DE SETEMBRO DE 1976

Única representação no Porto Vasas de «OZD»

Grupo Amador de Coros e Danças do Sindicato dos Metalúrgicos da Hungria (S.Z.O.T.) vencedor de prémios internacionais em França, U.R.S.S., Polónia, Checoslováquia e R.D.A.

Organização — Intersindical com a colaboração do INATEL

Bilhetes a venda na União dos Sindicatos do Porto, delegação do INATEL no Porto e no próprio dia na bilheteira do cinema.

Preço único: vinte escudos.

Geral

A crise do capitalismo internacional

Continuação da pág 11

sentantes exige uma política de expansão enérgica.

Estas divergências constituem um dos factores que impedem a reactivação económica através da regulação monopolista de Estado. Os meios governamentais dos Estados Unidos confiam aparentemente na viabilidade do capitalismo norte-americano e na possibilidade de sair da crise sem uma intensa intervenção do Estado.

A RFA, que foi durante vinte e cinco anos um dos líders do desenvolvimento económico e da acumulação no campo do capitalismo monopolista mundial, deu alguns passos prudentes e limitados no sentido de relançar diversos sectores da economia, como o da construção de habitações. O receio da inflação (que é considerada na RFA como potencialmente muito perigosa, apesar dos ritmos actuais relativamente baixos — 5 a 6 por cento anuais), levou a uma séria oposição de Bona aos projectos de aumento das despesas orçamentais do Mercado Comum. O Japão adoptou também algumas medidas moderadas de relançamento sem resultados sensíveis até agora. A França anunciou recentemente a sua intenção de adoptar um conjunto de medidas de relançamento que poderiam alcançar proporções relativamente importantes.

Na Grã-Bretanha, a taxa de inflação é a mais elevada de todos os grandes países capitalistas. O governo britânico anunciou francamente que não pode haver qualquer relançamento enquanto a taxa de inflação não tiver atingido, pelo menos, o nível dos principais países concorrentes. Simultaneamente deu a entender que a Grã-Bretanha esperava uma melhoria da saúde do sistema capitalista mundial graças às medidas reflaccionistas tomadas pela maior potência capitalista, os EUA, e outros países cuja economia está em melhor estado que a da Grã-Bretanha.

Em suma, ao enfrentar-se com a deterioração as condições para a acumulação do capital e com o agravamento das contradições do capitalismo, o capitalismo monopolista de Estado mostrou-se manifestamente incapaz de as superar e de amortecer os conflitos por elas gerados, por meio das receitas keynesianas de estímulo do crescimento económico. O keynesianismo, que procura manipular a economia capitalista por meio da intervenção do Estado, principalmente na esfera da distribuição e da troca, deixando intacto o conjunto das relações de produção, está condenado ao fracasso. O incessante estímulo do capitalismo monopolista não conduz senão a uma inflação crónica. O gigantesco mercado do eurodólar, alimentado pela afluência do petrodólar e que ascende actualmente, pelo menos, a 250 000 milhões (2,5 mais que em 1972), pode, a qualquer momento, provocar um novo acesso de superacumulação inflacionária. Nestas condições, os países capitalistas temem, não sem razão, recorrer à reflação.

DIFICULDADES NA ACUMULAÇÃO CAPITALISTA

Mas se os métidos keynesianos de gestão económica são ineficazes, que outra solução resta ao capitalismo monopolista de Estado? Uma ditadura mais centralizada do capital monopolista de Estado? Para uma ideia mais precisa dos caminhos que o capitalismo pode seguir e ajuizar correctamente das perspectivas que se abrem à classe operária e ao conjunto das forças antimonopolistas, permitir-me-ei uma referência aos aspectos mais importantes do nosso artigo «Alguns problemas da crise do capitalismo», publicado na «Revista Internacional» (Dezembro de 1974), o que oferecerá a possibilidade de desenvolver e precisar certas ideias já apresentadas nesse artigo.

Ao abordar as causas do rápido crescimento e acumulação de capital no período de pós-guerra, tinhamos sublinhado certos factores, como a existência de um mercado relativamente extenso de mão-de-obra barata e de uma tecnologia a baixo preço e em rápido progresso; ritmos elevados de concentração e centralização do capital, o aparecimento dum poderoso centro financeiro mundial e, nesta base, um enorme aumento do crédito bancário; aumento das despesas do Estado com vista a proteger os lucros do capital monopolista; a existência aparente de recursos ilimitados de combustíveis e matérias-primas procedentes dos países subdesenvolvidos, permitindo tudo isto suprir em parte as fases de recessão do ciclo económico e estimular artificialmente as fases de expansão.

Contudo, as condições que garantiam um lucro fácil começaram a desaparecer quando a preocupação de acumulação do capital dos monopólios, estimulada pelo Estado, e o rápido crescimento económico que isso provocava, tiveram como resultado uma inflação crónica. Isto preparou o terreno para uma crise prolongada de superacumulação, enquanto as contradições do imperialismo mundial exacerbadas por uma crescente desigualdade do desenvolvimento se agravavam mais. O capitalismo entrou numa fase de maior instabilidade e de extrema turbulência, que exige imperiosamente nos elos mais débeis do sistema capitalista, a busca de uma solução que abra caminho ao socialismo e, da parte da classe operária e seus aliados na luta contra os monopólios, o maior vigor possível e um elevado nível de consciência.

Aqui, convém lembrar a teoria marxista da superacumulação, já que é precisamente a superprodução de capital fixo e a sua superacumulação que estão na base das crises cíclicas do capitalismo. A certa altura, era relativamente fácil para o capitalismo superar esta contradição. Houve também períodos em que foi muito mais difícil fazê-lo. Cada período crítico tende a originar a sua própria solução para o problema de superacumulação.

Actualmente parece que se entrou num período potencialmente largo de instabilidade e superacumulação crónica. Há razões para considerar que, nesta etapa, todas as contradições do capitalismo monopolista, analisadas por Lenine, serão levadas ao extremo.

À luz da teoria marxista, pode admitir-se que a enorme superacumulação destes últimos anos poderá ser superada por meio de uma gigantesca depressão, que provocaria uma desvalorização equivalente do capital, e desse modo, o restabelecimento da taxa de lucro.

A desvalorização dos investimentos precedentes e a redução das despesas salariais (ambas necessárias para elevar a taxa de lucro a um nível capaz de satisfazer os monopólios) não podem ser realizadas no capitalismo senão à custa de uma estagnação bastante prolongada. Por conseguinte, assistimos a um período de desenvolvimento desigual, de desemprego em massa e inflação crónica. A pressão a favor de um realçar da economia pode conduzir ao estímulo artificial duma rápida reactivação económica, seguida de um brusco aumento da inflação e de uma crise ainda mais catastrófica.

Em geral, é de esperar o início de um período bastante prolongado, durante o qual as dificuldades da acumulação capitalista serão provavelmente muito maiores que nos últimos 20-25 anos de crescimento económico relativamente rápido. As crises cíclicas serão ainda mais difíceis de superar. A tendência para a estagnação reforçar-se-á tornando-se em «estagflação» crónica (combinação da estagnação, da inflação e desemprego maciço). Não será já possível ultrapassar as contradições agravadas do sistema capitalista graças à uma acumulação rápida apoiada pelos métodos de regulação monopolista do Estado usados até agora. Entrámos numa época que pode conduzir a convulsões revolucionárias no próprio cerne do sistema mundial.

O curso dos acontecimentos será determinado não só pelas contradições objectivas do sistema capitalista mas também por tendências divergentes: por um lado, a classe dirigente procurará formas mais ditatoriais do poder do capitalismo monopolista de Estado, e por outro lado, a luta da classe operária e seus aliados por reformas democráticas e para abrir o caminho para o socialismo. A luta que nos espera exige o reforço da solidariedade e da cooperação internacional. A sua condição indispensável é a coexistência pacífica. Testemunhamos a entrada do capitalismo numa era que encerra ao mesmo tempo graves perigos e enormes possibilidades para o movimento operário.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO DISTRITO DE FARO

Delegações em Portimão e Vila Real de St.º António

Rua Brites de Almeida, 12 - 3.º Telefone 2 36 17

Ex.mos Senhores,

Após alguns meses de exercício, deu esta Direcção a conhecer pormenorizadamente, aos trabalhadores da Hotelaria e Similares do Distrito de Faro e aos órgãos do Governo, a situação inoperante em que vivia a Delegação do M.T de Faro, nomeadamente o tribunal de trabalho.

Esta inoperância do Tribunal e serviços complementares afectava não só os trabalhadores da Hotelaria como doutras actividades, dando azo a todo o momento a desmandos ilegais e a atropelos às leis vigentes deste país, contrariando seriamente o princípio de que todos têm direito ao trabalho e criando também aspectos negativos que comprometem a recuperação da Indústria Turística.

Hoje, temos conhecimento de que o Ministério do Trabalho teve em atenção as nossas sérias preocupações, tendo já iniciado «demarches» que visam o apetrechamento em meios humanos desta Delegação de modo a proporcionar a resolução a curto prazo dos processos pendentes e de dotá-la de uma capacidade de resposta efectiva, para os problemas mais diversos, que quotidianamente lhe são postos.

Considera a Direcção deste Sindicato que as medidas em curso são objectivas e podem efectivamente contribuir para uma situação laboral estável, condição prioritária em defesa da reabilitação económica do país, da democracia e do poder democrático dos trabalhadores.

PELO SINDICALISMO DEMOCRÁTICO

PELA UNIDADE SINDICAL

A DIRECÇÃO

Trânsito em Lisboa é para alterar

Na sequência de vários trabalhos já desenvolvidos nos últimos anos, de onde sobressaem os «corredores» do Lumiar e de Benfica, o Gabinete de Estudos de Lisboa, de acordo com um documento actualmente em discussão junto de várias entidades interessadas, estuda um esquema global de que a reestruturação do tráfego na zona S. Sebastião-Bairro Azul, do serviço de transporte público no Marquês de Pombal e a remodelação viária da Baixa lisboeta são componentes essenciais.

De acordo com a ANOP, o referido documento indica alterações ao esquema de estabelecimentos no centro da cidade, debruçando-se, igualmente, sobre o sistema tarifário em vigor, no sentido da sua homogeneidade, agora que os vários concessionários de serviço colectivo se encontram nacionalizados.

Estrangeiro

Revogada em Espanha a lei do segredo

. MADRID, 17 — (ANOP, FP e R) — O governo espanhol revogou a noite passada uma controversa proibição imposta há três semanas contra a publicação de documentos do governo na Imprensa.

A decisão foi anunciada após uma reunião de gabinete, presidida pelo primeiro-ministro Adolfo Suarez Gonzalez.

A lei do segredo provocou uma tempestade na imprensa espanhola, que durante semanas, publicara informações de documentos oficiais envolvendo projectadas reformas constitucionais.

Informadores do Governo defenderam a proibição, alegando que os documentos eram alvo de discussões do gabinete e podiam causar confusão se fossem publicados.

No passado fim de semana, o governo divulgou a sua proposta de revisão constitucional que inclui eleições gerais no próximo ano para um Parlamento de duas câmaras para substituir a actual assembleia da câmara única — apenas um quinto da qual é eleita directamente.

O PCE REJEITA AS REFORMAS SUAREZ

«O Partido Comunista de Espanha rejeita, por antidemocrático, o projecto de reforma política divulgado pelo governo Suarez» — lê-se num comunicado distribuido ontem pelo comité executivo do PCE.

Nas suas declarações, o PCE estabelece como «condições mínimas de qualquer consulta a liberdade de todos os partidos, o controlo democrático da Rádio e Televisão e do conjunto das operações eleitorais».

O comunicado acrescenta que «a solução da crise política e económica do país tem de partir da promulgação de uma autêntica amnistia, do livre funcionamento de todos os partidos políticos e da liberdade sindical, da constituição de um governo provisório, da reconciliação nacional que garanta eleições livres e limpas para uma Assembleia Constituinte e formação de governos autónomos na Catalunha, Euzkadi e Galiza».

Neste comunicado, o PCE reitera a sua vontade de negociação com o poder juntamente com toda a Oposição.

Entretanto, o semanário liberal de Madrid «Guadiana» escrevia ontem que Marcelino Camacho, dirigente do sindicato ilegal e membro da Comissão Executiva do Partido Comunista Espanhol (PCE), será nomeado brevemente presidente do PCE.

Citando «fontes diplomáticas dignas de crédito que obtiveram essas informações em Moscovo, a revista esclarece que a actual presidente do PCE, Dolores Ibarruri concorda com esta nomeação, e passaria a ocupar as funções de presidente honorário.

FRAGA ANUNCIA NOVO PARTIDO

Pio Cabanillas, ex-ministro de Informação e Turismo, que, em dado momento, pareceu relacionado com os promotores tido Popular, anuncia, em declarações ao vespertino «Informaciones», a constituição do Partido Popular Independente, de «caracter independente e diferenciado de qualquer coloração democrata cristã».

Por sua vez, Fraga Iribarne anunciava ontem em Barcelona que se está a pensar na constituição de «um grande partido liberal-conservador moderno», de centro-direita.

O antigo ministro teria proposto também a Pio Cabanillas a constituição de um grupo ou aliança de concentração da direita.

Confronto no caso do "Parisien Liberé"

. PARIS, 17 — (R) — Ficaram feridas 12 pessoas à noite passada quando a Polícia lutou com manifestantes que haviam sequestrado num gabinete o proprietário de um jornal francês.

A Polícia anunciou que seis manifestantes ficaram feridos, dois com gravidade, e que seis policias sofreram ferimentos ligeiros.

O recontro começou quando a polícia interveio para dispersar membros do Sindicato do Livro, chefiado pelos comunistas, que durante duas horas impediram Emilien Amaury, proprietário do «Parisien Liberé», de abandonar uma reunião.

Amaury provocou a ira do Sindicato do Livro em 1975 quando anunciou planos para reduzir o número de edições do «Parisien Liberé» e despedir 400 trabalhadores.

Membros daquele sindicato entraram em greve e ocupam há 18 meses a tipografia do jornal em Paris. O «Parisien Liberé» é impresso noutro local por pessoas que não pertence ao sindicato.

Cooperação espacial socialista

O cosmonauta Vladimir Shatalov, o vice-presidente da Academia de Ciências da URSS, Anatoli Logunov, e o presidente da Academia de Ciências da Checoslováquia, Jan Kozes celebrando a assinatura dum dos diversos acordos de cooperação espacial concluidos entre os países do campo socialista. Ontem, em Moscovo, foi assinado novo acordo sobre um projecto denominado Intercosmos, nos termos do qual começarão a ser lançadas tripulações mis... a partir de 1978. O projecto será dirigido por um soviético, mas da tripulação poderão fazer parte cidadãos doutros países socialistas. Os treinos começaram já e durarão de 18 a 24 meses. Os lançamentos estão inicialmente previstos para o período 1978-1983. Esta notícia foi acolhida com júbilo em Cuba, cuja Imprensa deu grande destaque à possibilidade de astronautas cubanos daqui a dois anos fazerem voos ao abrigo do projecto. (Foto Novosti).

A violência na Argentina: 43 mortos desde domingo

BUENOS AIRES, 17 (ANOP) — A violência politica na Argentina está a cobrar pesado tributo esta semana, com 43 mortos desde domingo último, e o rapto de uma estudante norte-americana anunciaram ontem fontes militares desta capital.

Segundo a Polícia, Patrícia Anna Erb, de 19 anos, foi raptada de sua casa, há quatro dias, por sete homens armados que a manietaram, assim como aos pais.

Por seu lado, a Embaixada dos E. U. A. informou que solicitou às autoridades argentinas que investiguem o que aconteceu à jovem devido a um pedido de «habeas corpus» apresentado pela familia de Patrícia que suspeita que ela esteja detida.

Entretanto, a maioria das 909 vitimas da violência política é constituída por estudantes esquerdistas — revelaram os informadores.

Durante o dia de ontem, nos arredores de La Plata, foi encontrado um carro queimado, no interior do qual se achavam os corpos incinerados de três jovens do sexo masculino.

Por outro lado, anteriormente, registara-se, nos subúrbios de Lanus, uma tentativa de fuga a um controlo de estrada, tendo sido abatidos quatro presumíveis terroristas.

ACEITE O PEDIDO DE EXTRADIÇÃO DE ALTMANN

LA PAZ, 17 — (ANOP) — O pedido de extradição do boliviano-alemão, Klaus Altmann, por parte das autoridades peruanas, foi aceite anuncia-se oficialmente nesta cidade.

O supremo tribunal de justiça, do Peru acusa Altmann de ter feito tráfico ilegal de divisas a partir da Bolívia, em cumplicidade com o alemão Frederico Schwend.

O pedido de extradição foi apresentado pela Embaixada do Peru ao supremo tribunal de justiça da Bolívia, ha cerca de quatro meses.

Sobre Altmann ainda pesa a acusação de responsável pela morte de grande número de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, tendo a França pedido há já algum tempo a sua extradição, mas o Supremo Tribunal de Justiça da Bolivia não considerou o pedido procedente.

Em principios de 1972, Altmann encontrava-se em Lima na altura em que se reabriu o processo do SS Altmann. As acusações francesas e a sua identidade foram difundidas mundialmente, tendo o ex-oficial nazi regressado imediatamente à Bolívia,

Imigrantes expulsos

. CIDADE DO MÉXICO, 17 — (ANOP) — Os Estados Unidos expulsaram já este ano do seu território 700 mil imigrantes mexicanos indocumentados — revelou o cônsul do México em Los Angeles, Califórnia, Fernando Fernandez, numa conferência de Imprensa dada no consulado.

A MORTE DE JOHN KENNEDY

Provável reabertura do inquérito

WASHINGTON, 17 — (ANOP) — Após 13 anos de polémica e confusão, com intervenção de politicos, jornalistas, especuladores e agentes da segurança o tema do assassínio do presidente Kennedy continua quente na sociedade norte-americana.

Assim, e quando tudo indicava que se manteria nas páginas de alguns jornais sensacionalistas, o acontecimento voltou anteontem à liça na Comissão de Procedimento da Câmara dos Representantes, a qual aprovou a criação de uma comissão para reabrir o processo.

Ainda que a decisão tenha de ser apoiada pela maioria de votos da Câmara, a Comissão de Procedimento e os observadores políticos na capital norte-americana pensam que o assunto poderá reaparecer em força em princípios do próximo ano.

A comissão, agora criada terá poder para investigar — caso seja aprovada a sua constituição — todos os assassínios políticos dos últimos 15 anos mas todos pensam que se debruçará principalmente sobre os de John Kennedy e Luther King.

A criação da Comissão seria consequência da feroz luta desenvolvida por um grupo de deputados liberais da Câmara, chefiados pelo representante democrático da Virginia, Thomas Dowing, que recentemente tem vindo a ser apoiado pelo grupo de deputados negros.

Também o Senado tem desenvolvido consideráveis esforços neste sentido, embora nunca tenham sido coroados de êxito.

A Comissão de Segurança do Senado, presidida por Frank Church, recomendou ao que o sucedeu que iniciasse os trabalhos de reabertura do processo Kennedy, e, embora não tenha deixado nenhuma prova espectacular, deixou uma ampla documentação sobre o assunto, em que se revela uma constante oposição do F. B. I. a Martin Luther King e uma «conexão» cubana no caso John Kennedy.

Esta «conexão cubana» mereceu títulos de primeira página nos jornais, neste ano, para afogar prontamente o ror de informação desconexa que a Comissão revelou sobre operações da CIA e da Mafia contra o regime de Fidel Castro.

Assim, num desenvolvimento inesperado, as vinculações secretas entre a CIA e a Mafia, para assassinar Castro e as dos cubanos em relação a John Kennedy ressurgiram há poucas semanas, quando foi encontrado o cadáver do chefe mafioso John Roselli, interrogado recentemente pela Comissão Senatorial acerca dos atentados contra Castro.

Caleidoscópio

. TOQUIO, 17 (ANOP) — O presidente do Brasil, Ernesto Geisel, iniciou hoje com o primeiro-ministro japonês, Takeo Miki, conversações atinentes ao fortalecimento das relações económicas e industriais entre os dois países.

Geisel encontra-se em Tóquio desde quarta-feira para uma visita oficial de seis dias.

PEQUIM, 17 — (R.) — A China voltou hoje a atacar o bloco soviético ao publicar mensagens de condolências de comunistas pró-Pequim da Europa Oriental pela morte do presidente Mao Tsé-Tung.

No principio desta semana rejeitara mensagens de todos os partidos comunistas governamentais da Europa Oriental, e da União Soviética, excepto da Roménia.

As autoridades disseram que as mensagens eram inaceitáveis porque a China não tinha relações interpartidos com os movimentos comunistas pró-Moscovo, que tem denunciado como revisionistas.

ELIZABETH (Nova Jersey), 17 — (ANOP) — O barco soviético «Ivan Shepetkap», atracado no porto de Elizabeth, sofreu ontem danos ligeiros devido à explosão de um engenho colocado no casco abaixo da linha de água.

O atentado foi obra da organização cubana anticomunista «Omega Sete», segundo foi afirmado num telefonema anónimo feito para a Associated Press.

SÃO VALENTIM (Áustria), 17 — (FP) — Uma criança e cinco professores primários encontram-se detidos como reféns, na escola da aldeia austríaca de São Valentim, por um ladrão armado, que assim tenta obrigar a Polícia a consentir na sua fuga.

LONDRES, 17 — (FP) — Pelo menos 20.000 professores, três vezes mais do que em 1975, não conseguiram encontrar trabalho este ano na Grã-Bretanha, segundo um inquérito realizado pelo sindicato nacional dos professores.

Espectáculos

FERNANDO LOPES ULTIMA UM NOVO FILME

Campo-real e cidade-ficção ou "Nós por cá todos bem"

A meio caminho entre a objectividade de «Belarmino» e a ficção elaborada de «Uma abelha na chuva», a meio caminho entre o campo e a cidade, a meio caminho entre uma obra iniciada e aplaudida e um projecto ambicioso que começa a cumprir-se, Fernando Lopes rodou, anteontem, a última sequência do seu novo filme «Nós por cá, todos bem».

«Esta tentativa de síntese Belarmino/Abelha na Chuva, passa pelo documento sobre a vida campesina nas Beiras (contada pela criada de servir que trabalhou uns 30 anos em Lisboa para regressar à terra depois do 25 de Abril) e pela observação da mitologia da cidade através dos olhos dessa criada de servir», explicou-nos o realizador, logo após haver concluído a rodagem do filme.

A última sequência passa-se na cozinha de uma casa apalaçada e o trabalho fílmico decorreu na cozinha real de uma das mais belas residências lisboetas, o Palácio do Marquês da Fronteira, ali a S. Domingos.

Zita Duarte agita a caçarola dos ovos e das batatas fritas; Adelaide João lava pratos em bom ritmo; uma jovem bailarina (avental branco, laçarote a condizer, vestido negro), novata no cinema, desenha silhuetas no ladrilho, em fuga às tentativas de enquadramento da câmara.

Uma dezena de vezes, repetem a cena com o sorriso triste de quem, chamando-se «criada de servir», foi servindo até ao convencimento de que nasceram uns para mandar outros para servir.

Plano a plano, sequência a sequência, recompõe-se em filme a memória desenraizada dos tantos que o comboio da Beira algum dia despejou em Santa Apolónia: a distância contada mês a mês, a vida descrita e repetida em cartas sucintas rascunhadas à lareira segundo o velho formulário «estimo que esta te encontre bem de saúde: nós por cá, todos bem».

Segundo nos contou, Fernando Lopes utiliza na narrativa do seu filme as cartas trocadas entre a criada de servir e os parentes na terra. Daí o título. Outras cartas são verdadeiras: escreveu-as a mãe do realizador que, aliás, é a figura de camponesa que aparece no filme. Há também cartas de uma equipa de cinema que vai a uma aldeia da Beira filmar pedaços do real.

E que contam as cartas, que conta o filme, no seu documento sobre a Beira — aldeia?

Pergunta a Fernando Lopes, com a resposta no imediato:

— Trata-se de uma zona rural de minifúndio, uma aldeia de 20 casas, fechada sobre si própria e dedicada, principalmente, à cultura do milho. Filmei as quatro estações do ano, o semear e o colher, o Natal e a matança do porco, o envolvimento religioso que espartilha as pessoas. Nessa realidade antiga, que constitui parte fundamental do filme, surge o choque do pós-25 de Abril: os partidos e os votos, a propaganda e as eleições, os caciques e as influências. Filmei, lá, inclusive, as eleições para a Assembleia da República. Apanhei na parede das capelas a utilização da religião para fins políticos, género «Se Deus cá viesse era do CDS».

As cenas de ficção decorrem, quase todas, na cidade com a sua mitologia e os seus ritos «Fiz uma longa sequência de um dos rituais citadinos dos anos 50: a viagem de um garoto ao prostíbulo, acompanhado do tio mais velho, para a iniciação sexual».

«Nós por cá, todos bem» tem argumento de Fernando Lopes, fotografia de Manuel Costa e Silva, música de Sérgio Godinho, versos de O'Neil no poema das criadas de servir, coreografia de Elisa Worm e interpretação de Zita Duarte, Adelaide João, Lia Gama, da bailarina Wanda França e de um miúdo, o filho do actor Luís Barradas, de nome Fernando. A produção é do Centro Português de Cinema, com financiamento do IPC.

Durante as filmagens Fernando Lopes utilizou película colorida de 16 mm que depois de montagem e de pronto o filme será ampliada para 35 mm.

Depois de Belarmino (com texto-colaboração de Baptista Bastos), depois de «Uma abelha na chuva» (sobre texto de Carlos Oliveira), este é o terceiro filme de fundo realizado por Fernando Lopes e o primeiro em que assume responsabilidade exclusiva pelo argumento. Para trás ficaram outros trabalhos de circunstância, as aulas no Conservatório, a prosa em jornais e revistas. Para o futuro-próximo está, de pé e desenhado, um projecto de que nos deu conta ao concluir estas filmagens:

— «Esta seria a primeira parte de uma série de três filmes, todos com o título de «Nós por cá, todos bem». Conta-se, aora, a história da mãe que saiu da aldeia, serviu como criada, e regressa à terra natal para os últimos anos de vida. A segunda parte acompanhará o filho que já nasceu na cidade, ainda reflectindo o choque e as contradições campo-cidade. Por último, já adulto, tentá-lo-ei seguir, já inserido plenamente nos enredos da cidade».

Fernando Lopes e Zita Duarte preparam a última sequência filmada para «Nós, por cá, todos bem»

Fernando Lopes à câmara, Wanda França na acção filmada e, atento, ao fundo, o responsável da fotografia, Manuel Costa e Silva

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

SERVIÇO DAS RELAÇÕES CULTURAIS EXTERNAS

EDITAL

BOLSAS DE ESTUDO PARA A ESPANHA

— LONGA DURAÇÃO — 1976/1977

Está aberto até ao dia 30 do corrente mês de Setembro o concurso de bolsas de estudo de longa duração (9 meses), oferecidas pelo Governo espanhol a pós-graduados ou estudiosos portugueses dos sectores científicos ou artístico, que pretendam frequentar cursos oficiais em estabelecimentos de ensino naquele País, ou dedicar-se à investigação, no ano lectivo de 1976/77.

Os candidatos deverão apresentar os documentos seguintes:

a) Requerimento em papel selado, dirigido ao Secretário de Estado da Cultura, solicitando a sua admissão ao concurso;
b) Boletins individuais a solicitar préviamente ao Serviço das Relações Culturais Externas;
c) Certidão ou fotocópia autenticada das habilitações literárias, donde constem as classificações obtidas;
d) Documento passado pela instituição ou serviço onde o candidato exerça actividade, comprovativa de que não promoverá a interrupção da bolsa de estudo, caso lhe venha a ser concedida;
e) Cartas abonatórias de, pelo menos, duas individualidades de reconhecida idoneidade, ligadas ao domínio a que o candidato concorrer.

Todos os esclarecimentos serão prestados no Serviço das Relações Culturais Externas da Secretaria de Estado da Cultura, situado na Direcção-Geral do Património Cultural, dentro das horas normais de expediente, na Rua Ocidental do Campo Grande, n.º 83, 1.º Piso (Edifício da Biblioteca Nacional de Lisboa), Lisboa-5.

PALÁCIO FOZ

RESTAURADORES

Selecção de filmes do Festival da Figueira da Foz 1976 — 13 a 17 de Setembro

6.ª 15 h. — Jonas
de Alain Tannet
Suíço

18 h. — O Meu Coração é Rubro
Michele Rosier
Francês

21 h. — India Song
de Margueritte Duras
Francês

Filmes falados ou legendados em francês ou inglês

Uma Organização do Secretariado do Festival da Figueira da Foz, com apoio da Direcção Geral de Acção Cultural

PUBLICIDADE

CASA

Trabalhador desta empresa precisa urgentemente de cinco divisões em Lisboa. Indemniza em termos a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 1655

Um "écran" revolucionário

Este aparelho foi exposto na Feira de Colónia deste ano, e, segundo os entendidos, constitui uma inovação revolucionária. Trata-se de um «écran» portátil, que possibilita, pela primeira vez, a visão «slow-motion» sem fase escura e a reprodução sincrónica da imagem e do som. Pode aplicar-se-lhe um aparelho para limpar os filmes (apresentado também na foto) e um contador de imagens. Graças a este aparelho, construído na R.F.A., os amadores de cinema poderão fazer grandes ampliações de imagens

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ACONTECEU EM LISBOA E VEIO DE ROMA

Alves Reis falsificou notas utilizando o melhor processo: com notas verdadeiras. Ora o que em Alves Reis é falsificação, é a legalidade das sociedades capitalistas quando a crise lhes bate à porta bate muitas vezes. Quer dizer: se, por força das lutas dos trabalhadores, os seus salários aumentam, logo os preços aumentam para que seja possível ao capitalismo recuperar o terreno cedido. Com a inflação, aí temos a circulação fiduciária a crescer: a nova moeda já não representa o mesmo valor da anterior, mas continua a fingir que representa: com os mesmos cem escudos já não compra o que comprava antes mas continua a chamar-se *cem escudos*. Que é isto, se não falsificação?

. Por essas e por outras de que, por mais que queira, não pode livrar-se, há-de o senhor capitalismo ser castigado, como o foi Alves Reis. Mas isso é já outra história...

Os italianos apaixonaram-se pela personalidade de Alves Reis e dedicaram-lhe um folhetim de televisão. Começou ontem. Folhetim que iremos todos seguir com o maior interesse. Alves Reis é da família ter na família um aventureiro de tal calibre, dá-nos um certo orgulho. Não é lá qualquer coisa: trata-se do «mais genial mbusteiro do século». Cada qual engrandece a Pátria à sua maneira. Claro que milhões de italianos ficam sem conhecer Camões, mas ficam a conhecer Alves Reis. Vale. Em ordem de grandeza, anda ela por ela.

Lamente-se que continuemos a deixar as nossas glórias por mãos alheias. Temos de andar depressa. Mesmo nestas coisas de notas falsas, temos histórias recentíssimas que, bem aproveitadas, ainda mais mobilizariam o interesse do povo português.

Voltaremos ao assunto.

COISAS DIFERENTES

O Presidente da República ouviu os partidos políticos representados na Assembleia.

Freitas do Amaral, em declarações prestadas à televisão, afirmou que o Governo deveria governar melhor e mais depressa. Imaginem, ainda não está contente!

Mostrou-se também muito sensível à libertação de elementos «implicados» no 25 de Novembro. Na sua opinião, *isso preocupa e angustia o povo português*.

Cá por mim, sempre pensei que o povo português se preocupava, sim, com a praticamente total libertação dos «pides» e com a guinada prá direita na sociedade portuguesa. A provar que, quando eu e ele falamos em *povo*, estamos a falar em coisas bem diferentes...

A LEVIANDADE

O falabaratismo, a ausência da expressão correcta, a falta de maturidade, os golpinhos publicitários está provado que em política não resultam, pois mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo. O resultado natural é o descrédito público.

Estou a referir-me às declarações do representante da U.D.P., depois da entrevista com o Presidente da República. Disse ele: «A tese fundamental do sr. Presidente da República é que os grandes capitalistas já não existem em Portugal e que, portanto, é preciso fazer com que esta crise seja resolvida à custa dos trabalhadores».

Instado pelo repórter para melhor definir as suas declarações, perguntado se aquela era mesmo a tese do sr. Presidente da República ou se era apenas uma ideia com que ele, membro da U.D.P., ficara, respondeu atabalhoadamente:

— *Essa é a ideia com que nós ficámos...*

Um projecto político baseado na leviandade, que frutos pode dar?

TIMONEIRICES

Solícito, o *Telejornal* volta para a China os seus olhos marejados de lágrimas. Raro tem sido o Telejornal principal (suponho que nenhum) em que não vamos até Pequim ou até Xangai para assistir ao mais importante espectáculo de carpideiras que o Mundo jamais viu.

Curiosa é a maneira como o *Telejornal* desenvolve o assunto. Para se referir a Mao Tsé-Tung, chama-lhe «o grande timoneiro»: o grande timoneiro faz, o grande timoneiro acontece, o grande timoneiro isto, o grande timoneiro aquilo.

Sei que pertencemos a um país de mareantes. Mas não será demasiado? E não será decrépita infantilidade esta de transformar a lágrima em anedota?

Nitidamente, o *Telejornal* quer engraxar as botas a alguém. A quem será? Não será por certo ao «grande timoneiro»...

Talvez a outro timoneiro lá do sítio...

CHATO, QUASE OBSCENO

O serão acabou nas imediações da meia-noite. Quando o Alves Reis acabou a primeira fase do negócio, eram 11 e 15 minutos. Boas horas para fechar a luz. Pois não senhor. Ainda se lembraram de nos oferecer uma qualquer coisa como meditação sobre a condição feminina. Filme acompanhado em português sobre os joelhos, com o Fialho Gouveia a fazer frete ou talvez falta de ensaio. Enfim, os costumados improvisos do Lumiar...

O filme, francês para as francesas, o nosso País para a esquerda, as nossas sociedades para a esquerda. Conseguia-se meter uma lança em África: falar, pensar, concluir e determinar como se não houvesse as sociedades socialistas, como se tudo se passasse num mundo parado, fisgado onde as mulheres se prostituem porque não têm trabalho e onde o progresso técnico se traduz por um aumento de miséria entre as mulheres.

Passa-se por cima do decisivo passo em frente representado pelos países socialistas no caminho da verdadeira libertação da mulher, inseparável do caminho da libertação do homem. Será que podemos chamar a isto um programa educativo, no seu sentido mais amplo?

. Depois do Telejornal assistimos a um «programa para homens»: José Galvão, pesadamente, apresentou uma exaustiva relação de jogos e resultados de não sei quantos encontros internacionais realizados por essa Europa fora. Foi mais do que terrível: foi um pesadelo. De tão chato, chegou a ser obsceno.

Que ideia fazem da televisão estes senhores?

Prémio Pablo Casals para editoras de discos

MADRID, 17 (ANOP) Por motivo do centenário do violoncelista espanhol Pablo Casals, foi criada uma distinção especial para as editoras de discos — segundo uma ordem do Ministério da Informação e Turismo espanhol, publicada ontem no «Boletim Oficial do Estado».

A distinção será concedida à editora que comprove ter editado em Espanha, ao longo da sua actividade, o reportório mais completo e de melhor qualidade do artista.

O prazo de apresentação de candidaturas ao concurso terminará no dia 15 de Novembro deste ano, devendo ser dirigidas ao Director Geral de Cultura Popular, do correspondente Ministério.

À empresa premiada será concedida uma placa comprovativa, a qual poderá ser reproduzida, quando se julgar necessário.

Festival do Panamá

A União Soviética obteve sete dos catorze prémios do XIV Festival Internacional de Cinema do Panamá, indo três para os Estados Unidos, dois para a Coreia do Sul e um para a Argentina e a Checoslováquia, respectivamente.

O prémio da melhor película foi para o filme soviético «Lutaram pela Pátria», de Segei Bondarchuck, galardoado com o melhor realizador.

O de melhor actor foi atribuído, colectivamente ao grupo de actores que interpretou o papel de soldados, em «Lutaram pela Pátria».

Hoje

«Histórias de Amor»

I PROGRAMA

19.00 «Volta ao Mundo em 80 Dias»
19.25 Encontro
20.00 Momento Desportivo
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.05 Cartaz TV
21.20 Terra a Terra, Minha Gente
23.00 Telejornal — 2.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Pippi das Meias Altas»**
20.30 Segredos do Mar
21.00 «Histórias de Amor»
21.45 Telejornal
22.30 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

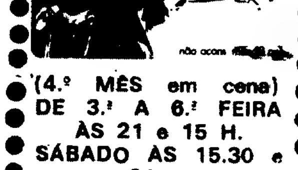
14.00: Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **14.15:** Hoje Pode Ver; **14.25** Retrospectiva; **14.40:** Culinária; **15.05:** Aconteceu, Aconteceu; **15.30:** «Jovens Rebeldes»; **16.30:** Fungagá da Bicharada; **17.00:** Cinema de Animação; **18.00:** Campismo; **18.30:** Da Saúde e da Vida; **18.55:** Stop; **19.10:** Gente do Amanhã; **20.30:** Telejornal — 2.ª edição; **21.05:** Jogos Sem Fronteiras; **22.15:** Em Debate; **23.10:** Telejornal — 3.ª edição; **23.25:** Fecho

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Concerto pela Banda da G.N.R.; ... Clássicos do Cinema ... «As Mulheres da Beira», **22.10:** Telejornal; **22.40** F...

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinées às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht
JOÃO LOURENÇO



(4.º MÊS em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA
ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO só às 16 h.

de Terça a Domingo às 21,30
Domingo às 16h

A peça de DAVID HARE
traduzida por Jorge da Silva Melo

FANSHEN

HELENA FÉLIX · DINIZ CASTELO · MANUELA CASSOLA
MÁRIO PEREIRA · SUZANA PRADO · VÍTOR HUGO
FERNANDA MONTEMOR · CARLOS DUARTE · FERNANDA COIMBRA
JOSÉ BRÁS · CREMILDA GIL · AUGUSTO LEAL
LUZIA MARIA MARTINS
no TEATRO VASCO SANTANA

MINI ou MAXI
SEMANA EM LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS:
Domingos e 4.as feiras
Agosto 1,4,8,11,15,18,22,25,29
Setembro 1,5,8,12,15,19,22,26,29
*Preços excepcionais desde** 3.150$
**a vantagem dos voos especiais*
Milhares de pessoas dizem com satisfação *fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!*
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 37134
PORTO Av. dos Aliados 207 • Telef. 31 92
COIMBRA Rua da Sofia 2 • Telef. 2 ...
FARO Rua ... Bivar 65 • Telef. 2505
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS — CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

MUNDIAL DE HÓQUEI EM PATINS

Quatro aos norte-americanos os "senhores" que vêm do gelo

. Alcançando, ontem, perante os norte-americanos, melhor resultado que o logrado, dois dias antes, pelos espanhóis contra a mesma equipa, talvez possamos dizer que o «cinco» português se apresta, na parte final do «Mundial» de Hóquei em Patins que desde sábado se vem desenrolando, para decidir a questão em seu favor, o que passa, evidentemente, por uma vitória contra a Espanha. Salvo se, entretanto, emergir uma surpresa ou qualquer coisa que se lhe pareça no estilo da igualdade conseguida pelos germânicos logo na jornada inaugural.

Imprimindo à partida de ontem uma velocidade estonteante, por forma a despoletar as veleidades dos hoquistas norte-americanos, que nesse pormenor são impecáveis, a qual se lhe juntou uma técnica e espírito de equipa difíceis de igualar, os portugueses apresentaram-se ante os estadunidenses como que a dizer «meus senhores, isto é hóquei em patins, e pouco ou nada tem a ver com o gelo». Esse «argumento», sem Livramento (que não deverá fazer mais nenhuma partida neste «Mundial»), teria os seus frutos logo ao minuto primeiro, quando Garrancho, num disparo forte, inaugurou o «placard». Depois, foi aguardar mais 18 minutos para que idêntico lance se materializasse. Entre um e outro, dois falhanços de Cristiano (ainda não totalmente refeito da lesão que o tem afectado), com as naturais e imprescindíveis cautelas por parte dos portugueses, que, a despeito da velocidade imposta à contenda, não ignoravam a necessidade de proteger o caminho para as redes de Ramalhete.

Três minutos após o reatamento, os norte-americanos, que já antes haviam crescido de rendimento, reduziram a desvantagem, fazendo um bom golo. O feito fez aumentar o seu ânimo para a luta e, por alguns momentos, só a boa forma actual de Ramalhete evitou o empate. No seu desmedido entusiasmo, os norte-americanos deram ocasião a alguns livres.

CRISTIANO

Os portugueses, todavia, sentiam o perigo, cresceram e acabaram por consolidar a sua vantagem, aos 9 minutos, com um golo de Garrancho, que passou o resultado para 3-1. De imediato, Chana, que estava a ser alvo de cerrada marcação, cedeu o seu lugar a Cristiano, o que veio a ser proveitoso.

Aos sete minutos (da parte complementar da melancia) foi Cristiano de, de facto, que numa jogada (só dele) aumentou para 4-1, depois do que o despique abrandou. A sorte do jogo deixou de oferecer dúvidas. E, daí até final, só houve a assinalar uma «perdida» de Cristiano, que poderia ter marcado outro golo.

Sob a arbitragem de um juiz belga, cujo trabalho foi bom, a equipa de Portugal utilizou os seus habituais elementos: Ramalhete; Rendeiro, Garrancho, Chana, Cristiano e Salema.

Sob a direcção de Nemsdel (Bélgica), as equipas formaram e marcaram:

. PORTUGAL — Ramalhete; Júlio Rendeiro, Garrancho, Chana, Cristiano e Salema.

ESTADOS UNIDOS — David Zisson; Jeff Black, Rick Black, Dicki Chado, Dicky Sisson, Numit e Regluse.

Ao intervalo: 2-0. Marcadores: Garrancho (1m) Chana (19); Dicki Sisson (22); Garrancho (29); e Cristiano (33).

Outros resultados: França-Nova Zelândia, 7-1; Holanda-Alemanha, 4-2; Austrália-Argentina, 1-4; Itália-Japão, 8-0; e Espanha-Brasil, 7-1.

Jornadas a cumprir

Hoje, é dia de descanso, o que acontece, após a inauguração, sábado, do Campeonato do Mundo, pela primeira e última vez em Oviedo. Para amanhã, os jogos estão assim ordenados: 17 h — França-Alemanha; 18 h — Nova Zelândia-Japão; 19 h — Itália-Brasil; 20 h — Argentina-Estados Unidos; 22 h — Portugal-Holanda; 23 h — Espanha-Austrália; 24 h — Alemanha-Japão. Dia 19 domingo: 10 h Holanda-Japão; 11 h — Argentina-França; 12 h — Alemanha-Austrália; 18 h — Itália-Estados Unidos; 19 h Holanda-N. Zelândia; 20 h — Austrália-Brasil; 22.30 — Argentina-Japão; 23.30 — Espanha-Alemanha; 24.30 h — Portugal-França.

Domingo 20 (segunda): 18 h — Alemanha-Estados Unidos; 19 h — Austrália-N. Zelândia; 20 h — Itália-Holanda; 22 h — França-Brasil; 23 h — Espanha-Japão; 24 h — Portugal-Argentina; 21 (terça): 18 h — Nova Zelândia-Brasil; 19 h — Austrália-Estados Unidos; 20 h — Itália-Argentina; 22 h — Holanda-França; 23.15 h — Portugal-Espanha; depois, cerimónia de encerramento, com a entrega dos prémios.

Justiça da F.P.F. Barros: 1 jogo

. O Conselho de Disciplina da FPF (Federação Portuguesa de Futebol), pareciou, na sua primeira reunião da temporada há dias iniciada, oitenta e nove casos de jogadores (doze da 1.ª Divisão), mas só nove mereceram penas de suspensão os restantes foram apenas advertidos.

Barros, do Benfica, um jogo por comportamento incorrecto para com o público. Douglas Matos do Sp. da Régua, três jogos por agressão a um adversário; Marcos do Nascimento do Esperança de Lagos, quatro jogos por agressão a um adversário. Domingos Martins, do Mirandela três jogos, por agressão a um adversário; Joaquim Coelho, do Vilafranquense, três jogos por injúrias ao árbitro, e Francisco Gomes, do Moura, um jogo, por injúrias a um adversário.

Por comportamento incorrecto, de uma parte do público, foram multados, o Sport Clube Mirandela (2.100$00) e o Sport Clube da Régua (200$00); o F.C. Infesta, Casa Pia A.C. e Silves F.C. multados em 500$00 cada, por demora na entrada em campo, a qual são reincidentes.

O massagista Daniel Taipa (Freamunde) foi castigado com três meses de suspensão e multa de 500$00 por ameaças ao árbitro.

PORTUGAL

ABILARDO

Em comunicado recente, dimanado da Federação Portuguesa de Ciclismo e ainda respeitante à 38.ª Volta a Portugal, aquele organismo informa que, no controlo anti-«doping» levado a efeito no final da etapa Covilhã-Penhas da Saúde, dos cinco ciclistas sujeitos àquele exame, só Abilardo Lopes teve resultado positivo.

Por tal motivo, Avilardo Lopes foi desclassificado da tabela geral da competição e suspenso por trinta dias com início em 7 do corrente.

PETER HUGHES

O comité nacional de árbitros de raguebi (CNAR), com o apoio da Federação, leva a efeito, nos dias 2, 3, 4 e 5 de Outubro, um curso de reciclagem para árbitros da modalidade, que será dirigido pelo inglês Peter Hughes, o qual está qualificado na categoria de árbitros que antecede imediatamente o escalão dos internacionais.

Por seu turno, o árbitro António Mota foi escolhido pelo CNAR para frequentar, em Bordéus, um curso de árbitros da modalidade, que funciona naquele cidade francesa, de 20 a 25 do corrente. António Mota embarcará no sábado para França.

ÁGUEDA

Corredores espanhóis, belgas, alemães, franceses, suíços, austríacos, holandeses, jugoslavos e portugueses foram cnontactados para participarem no Grande Prémio «Outono emPortugal», em motocrosse, prova inscrita no calendário da Federação Internacional de motocrosse, para motos de 250 cc, que se realiza nos dias 2 e 3 de Outubro. Entretanto, o ginásio Clube de Águeda organiza o XVI Moto crosse do GICA, a contar para o campeonato nacional.

Futebol aos soluços

Benfica, Beira-Mar Porto e Portimonense

A reserva do Benfica com Toni, que não é, propriamente, um «reservista», empatou em Portalegre, a dois tentos, aonde se deslocou para participar na apresentação das novas «compras» daquele clube desportivo. Pereirinha e Toni fizeram os dois golos dos encarnados, que chegaram ao intervalo a ganhar por aquela diferença, enquanto Arnaldo e Rivaldo obtiveram os tentos do Portalegre.

. Sob a direcção de Luís Rodrigues, as equipas formaram:

PORTALEGRENSE — Trindade; Nelo, Batinana, Artur e Carolino; Mendes, Graça e Milton; Arnaldo, Orivaldo e Cachimbo. (Conde, Nozes, Jordão, Rodrigues, Lopes, Gilberto e Carvalho).

BENFICA — Mendes; Artur, Margaça, Alberto e Peres; Toni, Pereirinha e Carlos; Mário Rui, Salvado e Cavungi.

Enquanto isso (jogo de Portalegre), o Beira-Mar, que alinhou com uma linha avançada toda «nova», derrotava em Febres a equipa local (3-0), num encontro que constava do programa de festas daquela vila da Beira Litoral. Abel, Manecas e Sobral marcaram os golos.

7-1 foi o resultado conseguido pelo F. C. do Porto (melhor: pela reserva do Porto com alguns titulares de permeio) em Ermesinde, o que está longe de surpreender. A equipa: Tibi (Rui); Brandão, Pereira, Simões e Monteiro; Carvalho, Júlio e Gomes; Duda, Ailton e Ademir. Marcaram Gomes (2), Júlio, Aylton, Ademir e Duda (2).

Em Lagos, para a Taça de Honra de Faro, o Portimonense venceu o Esperança por 5-1. Ao intervalo o resultado já era de 2-0.

Alinharam e marcaram:

. PORTIMONENSE — Silva Morais; Lecas, Sério, Juvenal e Adolfo; Florival (1) (João Paulo), Sota e Eduardo (Custódio); Peres, Hilton (1) e Sapinho (3).

ESPERANÇA — Pacheco; Lelecas, Sintra, Peiró e Sota; Afonso, Zezé (1) e Leonardo; Vítor Manuel, Carlos Alberto e Pinto.

EUSÉBIO

«Gostava de voltar ao Benfica e sinto-me com força para isso. Estive quinze anos no Benfica, onde conheci dos melhores momentos da minha vida desportiva» — revelou Eusébio, presentemente a jogar no Canadá, no Toronto Metros-Croatia, que acaba de conquistar o título de campeão.

RELAÇÕES

Relativamente ao jogo do último domingo, em Vildemoinhos, a direcção do Lamego, reunida extraordinariamente, resolveu cortar as relações desportivas com o Lusitano de Vildemoinhos e dar conhecimento dos incidentes ocorridos no aludido jogo à Federação Portuguesa de Futebol.

Tako "monopoliza" Torneio do Illiabum

. Cerca de duas mil pessoas presenciaram, no pavilhão gimnodesportivo do Illiabum, a finalíssima entre as equipas do Tako e do Vestuário, ambas de Ílhavo, referente ao VI Torneiro de Futebol de Salão daquela vila aveirense. Acentue-se o facto de, pela primeira vez na história da prova, ter sido necessário recorrer à «negra», o que dá exemplarmente a ideia do nivelamento de valor entre as melhores equipas e, neste caso, entre o Tako e a Vestuário.

Mercê de um golo apontado por Adriano, quando faltavam escassos 20 segundos para o termo da partida, o Tako sagrou-se (e diga-se que com merecimento e brilhantismo) vencedor, após dois meses e meio de competição, na qual intervieram 56 equipas dos mais diversos pontos do distrito de Aveiro.

Lopes premiado pelos franceses

Carlos Lopes: mais um prémio a enriquecer ou ampliar o rol dos triunfos arrecadados nesta temporada: o «Chalenge Tartan», que, todos os anos é atribuido ao atleta que faça o melhor resultado, segundo a tabela internacional, nas sessões de atletismo, que, semanalmente, às quarta-feiras se efectuam no Estádio Municipal de St. Maur, nos arredores de Paris, sob o patrocínio da L. I. F. A., organização de atletismo francês.

Carlos Lopes concorreu numa das sessões, em Junho correndo os 5000 metros, em 13 m. e 24 s. tendo batido, então o «record» nacional. Essa marca valeu-lhe conquistar o referido prémio que é atribuido no final de cada época.

Entretanto, a 9 de Outubro haverá um festival de homenagem a Carlos Lopes, organizado pelo Sporting cujos dirigentes entendem que o atleta merece que o festival seja uma consagração apoteótica, pelas sucessivas vitórias internacionais alcançadas este ano, e de que se destaca a medalha de prata, nos 10 mil metros nos Jogos de Montreal.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa

Sede: Praça D. Luís, 17, 1.º D. — Lisboa-2
Telefs.: 66 61 11 - 66 11 02/3

Delegações: Vila Franca de Xira — Rua Serpa Pinto, 136, 2.º Telef.: 0013-22979

Torres Vedras — Pr. Dr. Moura Guedes, 6, r/c. E. Telef.: 0011-23462

MOÇÃO

Considerando que a Radio Televisão Portuguesa é um órgão de comunicação social pago por todos os portugueses:

Considerando que a R. T. P. não compareceu na Conferência de Imprensa promovida pela Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso de todos os Sindicatos no dia 7/9/76 e convocada por decisão da última reunião geral dos sindicatos, onde estiveram presentes 170 sindicatos, representando cerca de 1 400 000 trabalhadores.

Considerando ainda que tal actuação é mais uma prova de desprezo da R. T. P. pelas decisões representativas dos trabalhadores e que nada contribui para uma política de verdade, que os órgãos de comunicação social devem seguir:

Os delegados sindicais da Construção Civil reunidos em plenário no dia 14/9/76 decidem:

a) Denunciar a todos os trabalhadores o comportamento da R. T P. que através da cobertura que faz às forcas da reacção ao serviço da recuperação capitalista, tudo faz para dividir os trabalhadores.

b) Reclamar aos órgãos do poder que tenham a R. T. P. ao serviço de todos os trabalhadores portugueses e não daqueles que pretendem explorá-los.

c) Apoiar todos os camaradas trabalhadores dos órgãos de comunicação social que continuam a lutar por uma informação que sirva os interesses das classes trabalhadoras.

Desporto

Falagueira faz fogo

Dirigindo-se ao povo português em geral, e aos portugueses mais afectados em particular, o núcleo de animadores desportivos da Falagueira protesta abertamente «contra qualquer alteração das estruturas já montadas pela D.G.D.», no que considera, «graças ao espírito do 25 de Abril» «orientação política de desenvolvimento do desporto ao serviço do Povo».

Não calando o seu veemente protesto pelo saneamento, que reconhece como político, do prof. Melo de Carvalho, o Núcleo Central e Desportivo da Falagueira, com doze meses de existência e uma actividade progressivamente desenvolvida, praticando 18 modalidades apoiadas, pelo menos até há um mês atrás, pela Direcção-Geral dos Desportos, chama, também, a atenção para a importância das mesmas no desentorpecimento, recreação, saúde e vitalidade para as crianças, que naquele bairro são mais de quatro mil a quem os animadores ministram o que de fundamental tem a educação, o desporto e a cultura.

No documento que nos remetem e a que vimos aludindo esporadicamente, aquele núcleo informa o secretário de westadodaJuventudeeDesportos que para a prática do Desporto conta com a cedência das instalações, de acordo com o que estava estabelecido (e deverá estar, salvo atitude condenatória), com as instalações que com cerca de 1800 metros quadrados lhe foi amavelmente feita (a cedência) pela Sociedade de Construções Invicta.

Mais aponta o texto: «OS núcleos não se dedicam apenas ao Desporto e o nosso também tem outras actividades culturais. Assim, neste sector já formámos um grupo de Teatro Infantil, Fantoches, projecção de filmes infantis, desportivos e outros. Levámos-a efeito várias palestras sobre medicina desportiva e planeamento familiar. Temos também um grupo coral, que já efectuou tal como o grupo de teatro, em inaugurações de Creches, F.I.L., Mercado do Povo. Temos um palco cedido pela Fundação Caloust Gulbenkian. Já efectuámos também uma exposição de desenhos infantis feitos pelas nossas crianças. Todas estas actividades, senhor secretário de Estado, têm proporcionado a alegria (e a quantos pela primeira vez!) a milhares de crianças e adultos.

Mais adiante: Além de todas as actividades, senhor secretário de Estado, pensamos arrancar com alfabetização, biblioteca, um Centro de Ocupação dos Tempos Livres, destinado aos jovens, dos 3 aos 100 anos (e isto é importante se nos lembrarmos que neste momento se fala tanto em combater a droga e a delinquência juvenil, pois esta será a nosso ver a melhor maneira de combater estes males), tudo isto e muito mais e para o qual contamos com todo o apoio da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos».

Por último:

. «De posse do terreno, já cedido e marcado pela Câmara Municipal de Oeiras e no qual vamos construir um Polivalente, com o apoio financeiro já acordado pela D.G.D., na presença de elementos da D.G.D., Sociedade de Construções Invicta, Câmara Municipal de Oeiras, Junta de Freguesia da Amadora e este Núcleo, isto após várias reuniões realizadas».

PUB

MÉDICOS

DAS ESPECIALIDADES DE

OFTALMOLOGIA
ESTOMATOLOGIA
ORTOPEDIA
RADIOLOGIA

Admitem-se nos quadros médicos da **CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DO FUNCHAL** candidatos das especialidades acima enunciadas, aos quais se oferecem as melhores condições de trabalho e de remuneração, bem como as inerentes regalias sociais.

Os interessados deverão, para o efeito, apresentar as suas propostas à Comissão Administrativa da Instituição em referência, sita à Rua do Bom Jesus, 13 — Funchal.

Funchal, 8 de Setembro de 1976

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

PUB

Sindicato dos Capitães Oficiais Pilotos, Comissários e Radiotécnicos da Marinha Mercante

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

CONVOCATÓRIA

Efectua-se no próximo dia 8 de Outubro, sexta-feira, pelas 21 horas, uma Reunião Geral de Sócios, na sede do Sindicato — Praça de D. Luís, 9-1.º, Dt.º, em Lisboa — com a seguinte ordem de trabalhos:

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES

1 — Informações;
2 — Projecto de regulamento.

Lisboa, 14 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ NISA

MARROCOS

Fins de semana em TANGER
Partidas todos os Sábados
Preços desde . . . 2 360$00

Uma semana em TANGER
Partidas todos os Sábados
Preços desde . . . 3 650$00

CIDADES IMPERIAIS
Partidas todas as 2.ª-Feiras
Preços desde . . . 8 380$00

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 40459-40468-550388
Telg. BUISTOUR-Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL

COMUNICADO

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

A todos os trabalhadores do Distrito de Lisboa, independentemente da sua profissão

Em sequência das decisões da Reunião Geral de Sindicatos, do dia 4 de Setembro, realizado no Instituto Superior Técnico, que contou com a presença de 170 direcções sindicais, reunião essa onde foi eleita a Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso, CNOP, veio a realizar-se uma reunião com os Sindicatos do Distrito de Lisboa, filiados e não na Intersindical Nacional.

Nesta reunião, elegeu-se uma Comissão Dinamizadora Distrital — CDD, com abertura a todos os sindicatos existentes no Distrito, que queiram participar na dinamização do Congresso de todos os Sindicatos Portugueses, pela unidade dos trabalhadores e pela reestruturação da Central Única dos Trabalhadores Portugueses.

Tem a Comissão Dinamizadora Distrital — CDD, como principal objectivo a discussão democrática de todos os problemas inerentes à realização do Congresso. A sua missão é só esta, e não para decidir seja o que for, em vez dos trabalhadores e dos seus sindicatos, mas para ajudar a criar as condições para que TODOS os trabalhadores e possam participar na preparação do Congresso, assegurando o reforço da democracia sindical, já que só aos trabalhadores cabe a discussão e decisão do futuro do Movimento Sindical Português.

Assim, a Comissão Dinamizadora Distrital — CDD — que já está a realizar reuniões em várias empresas e zonas, apela a todos os trabalhadores, seja qual for a sua profissão, a marcarem reuniões (nas fábricas, nos escritórios, no campo, etc.) para debate de todos os problemas respeitantes à realização do Congresso, e a pressionarem as suas direcções sindicais a participarem nesses debates, pois só assim a discussão será aberta, ampla e democrática e não como tem sido prática de algumas direcções sindicais, que têm utilizado os mais diversos artifícios que só provocam atritos e desentendimentos entre os trabalhadores.

PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES!
PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES!

NOTA: A Comissão Dinamizadora Distrital funciona na União dos Sindicatos de Lisboa, Rua Vítor Cordon 1-2.º

Lisboa, 16 de Setembro de 1976

A Comissão Dinamizadora Distrital de Lisboa

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

A TODOS OS TRABALHADORES DO DISTRITO DE LISBOA INDEPENDENTEMENTE DA SUA PROFISSÃO

Em sequência das decisões da Reunião Geral de Sindicatos, do dia 4 de Setembro, realizado no Instituto Superior Técnico, que contou com a presença de 170 Direcções Sindicais, Reunião essa onde foi eleita a Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso — C. N. O. P. C., veio a realizar-se uma reunião com os Sindicatos do Distrito de Lisboa, filiados e não filiados na Intersindical Nacional. Nesta reunião, elegeu-se uma Comissão Dinamizadora Distrital — C. D. D., com abertura a todos os Sindicatos existentes no Distrito, que queiram participar na dinamização do Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses, pela unidade dos trabalhadores e pela reestruturação da Central Única dos Trabalhadores Portugueses.

Tem a Comissão Dinamizadora Distrital — C. D. D., como principal objectivo a discussão democrática de todos os problemas inerentes à realização do Congresso. A sua missão, é só esta, e não para decidir seja o que for, em vez dos trabalhadores e dos seus Sindicatos, mas para ajudar a criar as condições para que TODOS os trabalhadores e TODOS os Sindicatos possam participar na preparação do Congresso, assegurando o reforço da democracia sindical, já que só aos trabalhadores cabe a discussão e decisão do futuro do Movimento Sindical Português.

Assim, a Comissão Dinamizadora Distrital — C. D. D., que já está a realizar reuniões em várias empresas e zonas, apela a todos os trabalhadores, seja qual for a sua profissão, a marcarem reuniões (nas fábricas, nos escritórios, no campo, etc.) para debate de todos os problemas respeitantes à realização do Congresso e a pressionarem as suas Direcções Sindicais a participarem nesses debates, pois só assim a discussão será aberta, ampla e democrática, e não como tem sido prática de algumas Direcções Sindicais, que têm os mais diversos artifícios que só provocam atritos e desentendimentos entre os trabalhadores.

— PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES!

— PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES!

Nota: Esta Comissão funciona na União dos Sindicatos de Lisboa. Telef. 323140.
Lisboa, 16 de Setembro de 1976

COMISSÃO DINAMIZADORA DISTRITAL DE LISBOA

Nacional

Trabalhadores de Beja têm plenário no domingo

BEJA, 17 — O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas deste distrito promove no domingo, pelas 10 horas, no campo de futebol daquela cidade um plenário de trabalhadores rurais das unidades colectivas de produção, do distrito.

A reunião tem por fim discutir os problemas da Reforma Agrária, nomeadamente as reservas, as indemnizações, a comercialização dos produtos, os créditos, a Previdência e outras questões vitais para o avanço desta importante conquista dos trabalhadores alentejanos.

SEMINÁRIO EM ÉVORA

O Instituto Universitário de Évora, apoiado pela Direcção-Geral do Ensino Secundário e do Gabinete de Estudo Permanente, promoveu nas instalações da Escola de Regentes Agrícolas de Évora, um seminário-curso que teve início no dia 14.

Esta iniciativa, que contou com a participação de todas as Escolas Agrícolas do País, prolonga-se até ao dia 25 do corrente e tem como objectivo a preparação técnica e pedagógica dos professores do Ensino Secundário Agrícola. O seminário visa ainda criar as condições necessárias para o lançamento dos cursos secundários agrícolas, nos moldes aprovados pelo M. E. I. C.

Na base organizativa do seminário encontra-se um documento elaborado pelo Grupo de Reestruturação do Ensino Agrícola em Portugal que integra o Instituto Universitário de Évora.

Agrovouga interessa a lavoura

AVEIRO, 17 — A quarta edição da feira regional «Agrovouga-76» está a cumprir o seu programa registando uma grande afluência de agricultores da zona que manifestam interesse pelos colóquios, ali, realizados.

O debate que surgiu após o colóquio sobre o «Associativismo Agrícola, orientado pelos técnicos do Núcleo de Associativismo da Brigada Técnica da IV Região Agrícola de Aveiro permitiu uma discussão viva que apontou para a importância do associativismo na «sobrevivência da agricultura». Um dos oradores, o eng.º técnico agrário Viana de Lemos, disse que «não se podia esperar que as cooperativas aparecessem por uma decisão superior como antigamente mas que deveriam ser os agricultores a dar os passos necessários para a criação de estruturas».

O colóquio subordinado ao tema «Esquemas da Produção de Leite e Carne «também captou a atenção dos agricultores, vindos de Vagos, Mira e Aguada de Cima que encheram o salão da Câmara Municipal de Aveiro. Abriu a sessão, usando da palavra o dr. Apolinário Portugal, da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, seguido do dr. Jaime Machado director da Estação de Fomento Pecuário.

O dr. Apolinário Portugal, sublinhando as carências de leite e carne que existem no País, afirmou: «enquanto estamos a importar grandes quantidades de carne estamos longe de ter uma capitação de consumo de leite razoável».

Fomento Florestal

O ministro da Agricultura e Pescas, eng. Lopes Cardoso, despachou a nomeação do eng.º silvicultor Carlos Alberto Rodrigues Marques Pinto para o cargo de presidente do conselho administrativo do Fundo de Fomento Florestal.

Esta nomeação é em substituição do também eng.º silvicultor Maximino das Neves Vilas Alvarez, exonerado daquelas funções ao ser dada por finda a respectiva requisição à Direcção-Geral dos Recursos Florestais.

BARES · BOITES
RESTAURANTES
TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease sexuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/ 264621/264945**

Poluição fabril em três concelhos

PORTO, 17 — Mais de uma dezena de localidades de três concelhos do distrito do Porto (Maia, Ermezinde e Valongo) efectuam diligências, através de associações de moradores e junto de diversas entidades oficiais, na sequência de uma luta que travam há já muito, no sentido de ser resolvido o problema do fumo e do cheiro provenientes da fábrica Fertor, onde se tratam lixos da região do Porto.

Em comunicado agora emitido, os moradores afirmam que o «deficiente estado de laboração da Fertor» está na origem da poluição que afecta dezenas de milhares de pessoas em zonas densamente habitadas.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava muito nublado a norte do rio Douro e pouco nublado ou limpo a sul do mesmo rio.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima ..... 26,4°

PENHAS DA SAUDDE

Mínima ..... 4,4°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de noroeste. Neblina matinal a norte do Cabo Carvoeiro

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	14°
COIMBRA	14°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	18°
FARO	20°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.40	3,3 m	1.56	1,8 m
21.22	3,2 m	14.38	1,9 m
Dia 17			
10.06	3,2 m	3.10	1,9 m
22.59	3,1 m	16.07	1,9 m
Dia 18			
11.37	3,3 m	4.42	1,9 m
		17.32	1,8 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.20
OCASO AS 19.41

BOLSA DE LISBOA

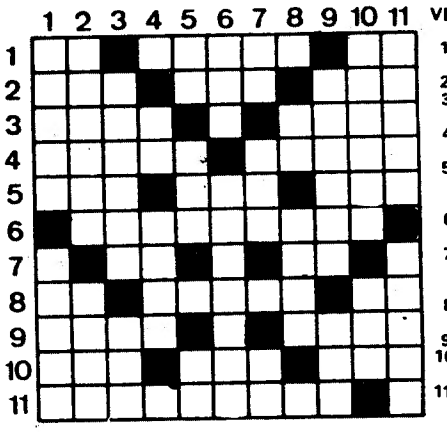
VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	—	275$	—
Cons. 3 %	—	300$	310$
Cons. 3 1/2 %	—	350$	—
Centenários	—	800$	—
Tes. 5 %	—	785$	—
Tes. 10 %	500$	500$	505$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	—
Extern. 3.ª - s.	—	460$	—
Extern. 3.ª - c.	—	500$	—
Caut. 3.ª - s.	—	—	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Ex. 6 %	—	730$	—
C.M.L. 5 3/4 %	—	740$	—
C.P. 5 1/2 % — 67	—	600$	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	—	590$	—
C.P. 5 1/2 % — 69	—	600$	700$
Corr. 5 3/4 %	—	740$	—
Metr. 5 3/4 %	—	810$	—
Tur. 5 3/4 %	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	740$	740$	750$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	—	—
G. 5 % — 59	—	640$	680$
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	720$	—
G. 6 % — 69	—	710$	—
G. 7 %	—	870$	900$
H.E.A.A. 5 %	—	550$	—
H.E.C. 5 %	—	700$	—
H.E.C. 6 %	—	710$	—
H.E.D. 5 %	—	580$	—
H.E.D. 6 %	—	720$	—
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5 %	—	—	—
H.E.S.E. 6 %	—	680$	—
H.E.Z. 5 % — 57	—	630$	—
H.E.Zêz. 6 %	—	730$	—
N. Elec. 5 %	—	600$	—
N. Elec. 6 %	—	650$	—
Termoel. 5 %	—	550$	—
U.E.P. 5 % — 60	—	700$	—
U.E.P. 5 % — 63	—	—	—
U.E.P. 6 %	—	700$	—
U.E.P. 7 %	—	700$	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	—	690$	—
A.P.T. 5 % — 58	—	670$	—
Lisnave 6 %	—	730$	—
Nitratos — 60	—	610$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7 %	—	800$	—
Sacor 5 % — 54	—	—	—
Sacor 5 % — 60	—	750$	—
Sid. 5 % — 2.ª	—	630$	—
Sid. 5 % — 3.ª	—	620$	—
Sid. 5 % — 4.ª	—	620$	—
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril — 67	—	720$	—
R. Fabril — 68	—	710$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	—
Rev. 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5 % — 59-60	—	—	—
Moçambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11473

HORIZONTAIS

1 Fútil. Estamos. Atmosfera.
2 Ave pernalta. Nome de vários papas. Novecentos e um em romano.
3 Variedade de figos redondos e pardos (Algarve). Numeral cardinal (Fe.).
4 Desertos. Tabalado.
5 Senhora. Vão. Birgorna de aço sem hastes.
6 Transferiremos para outro dia.
7 Artigo definido. Tempo do verbo ser.
8 Culpada. Estimais. Letra grega.
9 Levantar. Pássaros.
10 Estilo. Fedor. Cólera.
11 Irritaria.



VERTICAIS

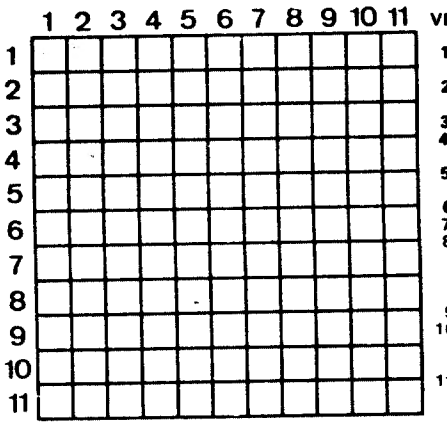
1 Ocasiões. O mesmo que birmã.
2 Apoio. Pronome pessoal.
3 Esquadra. Preposição e artigo (pl.).
4 O sono das crianças. Rio da Alemanha.
5 Abreviatura que se usa em música. Ecoa. Amónio (s.q.).
6 Voz do gato. Pessoa de pouco juízo e ingénua (fig.).
7 Duas vogais iguais. Nome de um espírito na macumba (Bras.). Brisa.
8 Oferece. Móvel sobre o qual se come.
9 Instruídos. Caminho.
10 Dá massagens a. Preposição.
11 Alegria. Apontam a arma contra.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7633

HORIZONTAIS

1 Rio da Suiça. Marisco de Cabo Verde e do Senegal. Nome de mulher.
2 Estrépito de desmoronamento. Espécie de alforge (ant.). Preposição.
3 Falda. Consentimento.
4 Nascimento de um astro. Ir para fora.
5 Pronome possessivo. Íntimo. Senhora.
6 Encolerizas. Referente ao nariz.
7 Bolsa. Pronome pessoal.
8 Tornaras a ler.
9 Género de palmeiras do Brasil. Nivelar. Alumínio (s.q.).
10 Cingir. Nome de mulher.
11 Toucinho fresco. Rio da Itália afluente do Pó.



VERTICAIS

1 Ribeira de Portugal. Remam para trás.
2 Ouro (s.q.). Monarcas. Larva das feridas dos animais.
3 Tolerar. Crómio (s.q.).
4 Cidade da Finlândia. Dar têmpera de aço a.
5 Pedra de altar. Separara de outro.
6 Pago. Milímetro. Pertences.
7 Duna na Suécia. Vexais.
8 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia., Arabe., beduino
9 Povos. Ósmio (s.q.)
10 Lê Caminharás. Antiga Agência Telegráfica de Imprensa hoje A.N.O.P.
11 Apelido. Aleia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11472

VERTICAIS:

1 AOS. VI. Cais.
2 Clara. Parda.
3 Anosa. Oaio.
4 Ligar, Lasco.
5 Uai! Vil. Ata.
6 Visar. Az.
7 Arc. Lar.
8 Roas. Riso.
9 Crás. Durão.
10 VENCEDORES.
11 Ameis. Samos.

HORIZONTAIS:

1 Ac. LUGAR. VA.
2 Olaia. Rocem.
3 Sanai. Carne.
4 Ror. Saci.
5 Vás. Vil. Sés.
6 Alisar.
7 Alaridos.
8 Caos. Sura.
9 Araça. Porém.
10 Idiota. Aso.
11 São. Azedo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7632

HORIZONTAIS:

1 Hal. Ta. Maça.
2 As. Sara. Rum.
3 Malaca. Ré.
4 Atol. Acará.
5 Ser. Aval.
6 Universal.
7 Am. Uai!
8 La. Banal. Ce.
9 Arais. Sanas.
10 Peal. Dome.
11 Om. Ao. Casas.

VERTICAIAS:

1 Hamas. Alapo.
2 Ás. Teu. Arem.
3 Morna. Aa.
4 Sal. Imbila.
5 Tal. IV. Ás.
6 Ara. Re.
7 Aca. Ruas.
8 Acasalada.
9 AR. Avai. Nós.
10 Curral. Cama.
11 Ameal. Peses.

PROVERBIO: Lugar aos vencedores

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 0-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (Tel. 776314)
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 773043).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Assenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216).
BAIXA
Estácio, Rossio, 60 (Telf. 327067-324224).
BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697).
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 38-A (Tel. 862909).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

TURNO 0-2

TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Vitális, Rua Morais Soares, 69 (Tel. 841779).
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A (Tel. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca (Tel. 790969).
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32/36 (Tel. 845513).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, (Tel. 49479).
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (à Praça do Areeiro) (Tel. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (Telef. 43938)
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (Tel. 783179).
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Telef. 666971)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telf. 720703-728395).
OLIVAIS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade de Luso, lote 199 (Tel. 313610).

RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reine, 8-A (na encosta do Restelo, próximo dos Moinhos (Telef. 611814)
S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 608531).
SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P.ta 28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele,** R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica,** R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge,** R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Correia, L.do Mercado, 3 (T.950906)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.293055)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.2113161)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
PAÇO DE ARCOS
Gdoinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039)
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, AV. Sabóia, 29-B (T.260085)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948)
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116)
AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280078); **Nova,** E.de Alvide, Fontainhas (T.281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2766498)
BAIXA DA BENHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P.do Bocage (T.22484); **Nova,** R.Gen. Gomes Freire (T.22052)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 24

ATÉ AS 22 HORAS

Gondarém, R.de Gondarem, 360. Foz **Nova Avenida,** Av. Fernão de Magalhães, 692 **Pinheiro Manso,** R.São João de Brito, 25-29 **Santa Teresa,** P.Guilherme G.Fernandes, 100 **Alves,** P.do Exército Libertador, 62 **Barros,** R.do Loureiro, 90 **Cameira,** R.do Heroismo, 90 **Terreiro,** R.da Reboleira, 21

TODA A NOITE

Boa Hora, R.da Boa Hora, 80 **Correia de Araújo,** R.de Santa Catarina, 259 **Silva Pereira,** R.de Costa Cabral, 293

COIMBRA

(Das 9 horas as 9 do dia seguinte)

Figueiredo, Rua da Sofia, 107 (Tel. 22837; **M. Nazaré,** Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033.

cinemas

CASTIL
Tel.630194 — 15, 17, 19 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
AMOR VIOLENTO
(La Preda)
Realiz. de Domenico Paolella
Com Zeudi Araya — Micheline Presle

CALEIDOSCÓPIO
Tel.795093 — 15.00 e 21.00
Não acons. men. 13 anos
Uma história imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
Com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard
15.ª Semana

UNIVERSAL
Tel.774402 — 14.30, 20.30
A greve e a luta de classes
GREVE OCUPAÇÃO
de Karmix
16.30 e 22.30
O SOL DA TERRA
[illegible]

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15
Grupo B — 10 anos
A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO
Tony Curtis, Jack Lemmon, Nathalie Wood
A mais divertida comédia de todos os tempos de Beake Edwards
70mm/M. écran gigante

EDEN
Tel.320768 — 14, 16.30, 19 e 21.15
Int. men. 18 anos
Uma farsa de partir as costelas e não só!...
DENTISTA NA CAMA
Com Birthe Tove, Ole Soltoft, Anne Birgit Garde

CONDES
Tel.322523 — 1[illegible], 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
A MULHER POLÍCIA FAZ CARREIRA
Com M[illegible] Carotenuto

POLITEAMA
Tel.323805 — 14.15, 16.30, 19, 21.30
Interdito a men. 18 anos
6.ª Semana de êxito total
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ODEON
Tel.326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Maiores de 14 anos
6.ª Semana de enchentes
O DIREITO DE NASCER
A odisseia das mães solteiras

BERNA
Tel.776[illegible]8 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ... Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
5.ª Semana

ROMA
Tel.727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Int. men. 18 anos
Um filme de Marx Pecas
LUXÚRIA
Este filme contém cenas event. chocantes

MUNDIAL
Tel.538743 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito men. 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel.2930304 — 21.15
Int. men. 18 anos
LOUCURA SEXUAL

APOLO 70
Tel.76311 — 14, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
YAKUZA
6.ª Semana
Hoje às 24 h (Grupo D m/18 anos)
O POÇO DO ÓDIO
de Stanley Kramer

LONDRES
Tel.801313 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/ Cires Bogarde e Charlotte Rampling

CASINO ESTORIL
Tel.264521/264996 — 17 e 21.15
Para todos M/6 anos
MEU IRRESISTÍVEL SELVAGEM
c/ Yves Montand

ROXY
Tel.48550 — 15, 18 e 21.15
Para Todos
A alegria entra-lhe no coração
A CANÇÃO DA NORUEGA
c/ Toralv Maurstad
Christina Schollin

S. JORGE
Tel.554153 — 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscares do cinema francês!

TIVOLI
Tel.570595 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito men. 18 anos
[illegible] Semana
HISTORIA D'O
Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

RESTELO
Tel.610376 — 21.00
Interdito a men. 18 anos
A ESPOSA VIRGEM
c/ Carrol Baker e Ray Lovelock

AVIS
Tel.47163 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
19.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ALVALADE
Tel.897480 — 15, 18 e 21.15
Grupo B m/10 anos
O melhor filme para oferecer aos seus filhos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons men. 13 anos
3.ª Semana
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel.779095 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
CHAMADA PARA A MORTE
2.ª Semana
Ray Milland e Grace Kelly num filme de Hitchcock

PATHÉ
Tel.821933
14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24
Interdito men. 18 anos
O amor para além dos corpos.
HISTORIA D'O
7.ª Semana
Com Corine Clery Udo Kier, Anthony Steel Jean Gaven

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel.971794 — 21.15
Não acons. men. 18 anos
ESTRANHA FORMA DE AMOR

NIMAS
Tel.574313/574313
14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
12.ª Semana de lotações esgotadas
O Chile de Allende a Pinochet

rádio

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** Canções da Europa; **17.30:** Orquestras; **18.00:** Música portuguesa; **19.00:** A agricultura que nos temos, por António Riço Calado; **19.45:** Música instrumental; **20.00:** Jornal da noite; **20.30:** Conjuntos instrumentais; **21.00:** Contraponto — editorial; **23.30:** Desporto no Mundo; **24.00:** Fecho

2.º Programa

16.15: Conjuntos de câmara; **17.00:** Música coral sinfónica; **18.25:** Solos de cravo; **19.10:** Dois poemas sinfónicos; **20.00:** Solos de piano; **20.55:** Música de bailado; **22.00:** Música coral; **22.30:** «Festas Romanas», de Respighi; **23.00:** Música de câmara; **23.32:** Intercâmbio musical; **01.00:** Fecho

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissão nacional — variante; **16.15:** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **17.10:** Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30:** Teatro em variante, por Fernando Midões; **18.00:** Contacto; **21.00:** Música para meditar; **21.30:** Quando o telefone toca; **23.03:** Nocturno; **02.00:** Fecho

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00:** Enterdecer — de vez em quando; **19.30:** Romance de uma cidade; **20.00:** Cartas a ninguém; **21.00:** Fecho

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** Canções; **18.00:** Aepnas música; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Orquestras; **21.00:** Concerto; **22.00:** Auditório; **24.00:** Prisma; **02.00:** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.05:** Trechos seleccionados; **18.15:** Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Programa da Liga dos Amidos de Rádio Renascença; **20.00:** Objectivo; **21.05:** Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas vivos; **23.05:** Trifónico; **23.30:** Dicionário de economia; **00:00:** Meditando; **02.00:** Fecho

Em ARGANIL o DIARIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

Em LAGOA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30 22.45 (18 anos)
«Vamos trocar de Mulheres»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As Coisas que o Padre faz»
TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»
TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»
TEATRO ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«O Director da Ópera»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 e 24.00 (18 anos)
«Salão Elizabeth» e Casamento por procuração»
SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
Foram os Deuses Astronautas?»
EUROPA
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle Antivirgem»
PARIS
21.15 (10 anos)
«Os Malucos da Caserna»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Caminhos do Prazer»
OLIMPIA
21.00 (18 anos)
«Testemunha inconsciente»
JARDIM
21.15 (6 anos)
«A Fuga do Homem Pássaro»
LUMIAR
21.15 (10 anos)
«O Pistoleiro Designado por Deus»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Tamanho Natural»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«A Casa das Pombas»
CALEIDOSCÓPIO
21.00 (13 anos)
«E Tudo o Vento Levou»
RESTELO
21.00 (13 anos)
«Gata em Telhado de Zinco Quente»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«A Mulher Polícia Faz Carreira»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«E Tudo o Banco Levou»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«A Mulher dê Gelo»
Lido
21.15
Festa do Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Revolução Sexual»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«Amores Sem Freio»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Mulheres Acorrentadas»
ESTORIL
Palácio
21.15 (10 anos)
«Longe da Multidão»
CASCAIS
São José
21.30 (13 anos)
«Que Fizeste na Guerra Paizinho?»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«O Rebelde das Estepes»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Domingo Maldito Domingo»

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Nunca ao Domingo»
SÁ DA BANDEIRA
22.30
«Garganta Funda»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Último Adeus»
TRINDADE
21.15 (10 anos)
«Lawrence da Arábia»
BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Amor em Tom Erótico»
COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Chitty Chitty Bang Bang»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Convém Fazer Bem o Amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os 120 Dias de Sodoma»
OLÍMPIA
21.15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Sicília»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Herbie um Carocha do Diabo»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Noite Louca do Hotel Lua-de-Mel»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Vampiro»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Jeremy o Primeiro Amor»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Último ano em Maviembad»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Kissinger com as minorias

"Não pode haver segurança na opressão"

. «Nenhum ser humano trata outro ser humano desta forma na minha presença» — xclamou, exaltado, John Stewart, o treinador da equipa neozelandesa de râguebi «All Blacks» quando o gerente de um hotel de Kimberley, onde se encontrava instalado, pôs violentamente na rua um rapaz mestiço que pedia autógrafos aos jogadores.

A cena passou depois de a equipa visitante ter batido por 26-3 a equipa «South Africa» no penúltimo desafio da «tournée» que a equipa da Nova Zelândia está a efectuar na República da África do Sul.

Este «flash» da France Press antecede um «telex» que noticia ter terminado ontem a greve dos trabalhadores negros e mestiços da cidade-satélite de Soweto e de Alexandra, enquanto a Cidade do Cabo está a ser seriamente afectada por uma greve decretada há vinte quatro horas, classificada por observadores como «o mais importante movimento grevista dos últimos anos na África do Sul».

Um director de jornal calcula entre 50 a 70 por cento a taxa do absentismo. «Polícias armados e camuflados» — afirma — «patrulham os arrabaldes do Cabo para escoltarem as pessoas que desejam dirigir-se para os postos de trabalho.» A acção da Polícia, portanto, incide sobre os piquetes de greve. Segundo números oficiais, cinco negros foram mortos — anunciou esta manhã a Rádio Nacional Sul-Africana (S. A. B. C.).

DE NYÈRERE A VORSTER PASSANDO POR KAUNDA

enry Kissinger, entretanto, é hoje esperado em Pretória para discutir com Vorster a situação, cada vez mais tensa, da África Austral.

Na Tanzânia, onde se avistou com Julius Nyèrere, foi-lhe dito que a África negra é livre «não aceita Governos fantoches». Kissinger respondeu, como ontem noticiámos, que os Estados Unidos não se opõem aos movimentos de libertação — e que a sua presença no Continente Africano não assenta de maneira nenhuma «numa cruzada anticomunista».

Na Zâmbia, com Kenneth Kaunda, Kissinger encontrou as seguintes palavras (segundo a ANOP):

«A África não tem outra opção senão comprar armas em qualquer parte para combater nas guerras de libertação da África Austral, caso a actual missão de paz não resulte.»

. Em resposta às declarações do chefe de Estado zambiano, enry Kissinger manifestou a sua concordância quando à grave situação que neste momento reina na África Austral e salientou a necessidade de «dignificar o homem, independentemente da raça ou cor da pele». Acentuou Kissinger que «não pode haver segurança na opressão, nem estabilidade na injustiça».

Sabe-se, entretanto, que o primeiro-ministro Ian Smith obteve hoje um aval unânime do Partido da Frente Rodesiana para negociar com o secretário de Estado norte-americano (U.P.I.).

Eis em resumo a agenda de Pretória a ser «desfolhada» por enry Kissinger: «Apartheid», Rodésia e Namíbia, administrada contra moções da O. N. U. pela África do Sul há já muitos anos.

«DOMINAR TERCEIRO MUNDO»

Segundo um inquérito efectuado entre os leitores da revista mensal «Afrique-Asie» — revela um telegrama da ANOP/U.P.I. — «o secretário norte-americano de Estado, enry Kissinger, é o homem que «nos países imperialistas mais claramente tem simbolizado a vontade desses países de dominar o Terceiro Mundo»'.

Diz a revista que Kissinger ficou nessa situação por «uma maioria esmagadora» à frente de John Vorster, Ian Smith, Gerald Ford, Giscard d'Estaing, Daniel Moynihan (antigo embaixador dos Estados Unidos na O. N. U.), Richard Nixon e António de Spínola.

Outros «leaders» do Terceiro Mundo que «têm desempenhado o papel sinistro de cúmplices do imperialismo: Mobutu, Hassan II, Holden Roberto (F. N. L. A.), Nguyen Van Thieu (antigo presidente do Vietname do Sul), Augusto Pinochet, Sadat, o Xá da Pérsia, Idi Amin e Hussein da Jordânia.

Os povos do Vietname e de Angola foram considerados pelos leitores de «Afrique-Asie» os que melhor simbolizam «a luta do Terceiro Mundo pela independência política». A Argélia foi considerada o melhor símbolo da «luta pela independência económica».

Droga e tiros na Calçada do Carmo

Quadrilha internacional pode ter sede em Colares

. O tiro disparado de dentro de um automóvel em movimento foi o ponto de partida para a descoberta do que poderá ser uma rede internacional de traficantes de droga com ramificação e sedes em Portugal.

Às 22 horas de ontem, na Calçada do Carmo, um homem que andava pelo passeio foi atingido por um tiro que partiu de um automóvel transportando dois indivíduos, tiro que lhe atingiu a mão e, de raspão, o peito. Imediatamente após o disparo, os ocupantes do carro abandonaram-no, tentando fugir a pé. Polícias, que estavam próximos iniciaram a perseguição e conseguiram prender um deles: José García López, espanhol, de Badajoz, 23 anos, solteiro, decorador.

Na esquadra García López lançou a culpa do diaparo sobre o seu companheiro que conseguiu fugir, não disse a razão do tiro, afirmou que haviam chegado de Espanha há pouco tempo e que eram viciados. Disse ainda que em Portugal estão a residir em Colares, na casa de um escultor que conhecem apenas pelo nome de José.

O ferido, transportado para o Hospital de São José, disse chamar-se Fernando Morgado Lacerda, ter 23 anos, ser solteiro, empregado de escritório e natural de Pinhel e residir na Pensão Albergaria, à Rua José Estêvão. Entretanto, na pensão afirmaram não haver um hóspede com esse nome e com os dados fornecidos na recepção do hospital. As suspeitas aumentaram quando, procurado pelo médico para ser atendido, Fernando Morgado já havia desaparecido sem deixar pistas.

Dentro do carro abandonado pelos espanhóis foram encontrados os documentos do veículo em nome de Joaquin Manuel Patón Ascensión, natural de Valência e residente na Casa Vigia, Praia Grande, Colares. Também no interior do carro foi achada uma balança de precisão, alguma quantidade de droga — morfina ou heroína — e um cachimbo próprio para o seu consumo.

Existem razões suficientes para a Polícia pensar que a casa de Colares, duas vezes referenciada, é a sede de uma quadrilha internacional, e que o tiro deve-se à disputa entre «gangs» ou vingança.

Armas de guerra num assalto ao Ginásio Clube Português

Três assaltantes armados, um com metralhadora semelhante à G-3 e dois com pistolas de guerra, assaltaram às 3 horas da madrugada o Ginásio Clube Português, depois de arrombarem uma janela traseira. Lá dentro, o vigilante nocturno, José Joaquim Martins, 52 anos, casado, não foi obstáculo. Uma agressão à coronhada, fios eléctricos e amarraram-lhe mãos e pés e uma mordaça para evitar os gritos de alarme, deixaram o caminho desimpedido.

Demonstrando perfeito conhecimento do local, os assaltantes, todos mascarados com lenços castanhos, levaram o vigilante para outro local, apoderaram-se de dois cofres semiportáteis que continham aproximadamente 15 contos e tentaram abrir o cofre-forte com ferramentas que foram buscar às próprias oficinas do Ginásio. Também foi assaltada uma «boutique» lá existente, de onde levaram malas e um fato de treino.

Amarrado e amordaçado, José Joaquim Martins passou por um mau bocado: um dos assaltantes insistia em matá-lo para evitar qualquer possibilidade de reconhecimento; outro dizia que não e que assim como estava não havia perigo.

O «bom ladrão» perguntou ainda ao vigilante se ele «também havia estado em África» e disse que «conhecia bem a região do Luso». Um dos assaltantes deixou cair o lenço da cara por alguns segundos, o bastante para se ver que tinha aproximadamente 18 anos.

José Joaquim Martins só conseguiu chegar à esquadra para apresentar queixa duas horas depois de terminado o assalto, tempo que levou para livrar-se dos fios que o amarravam e da mordaça, e para os seus autores sairem das redondezas sem problemas algum.

Patriarca de Jerusalém chegou ontem a Lisboa

. Chegou ontem à tarde a Lisboa o arcebispo Yeghishé Derderian, patriarca arménio de Jerusalém, que vem a Portugal expressamente para visitar a Fundação Calouste Gulbenkian.

O patriarca Derderian deverá permanecer em Lisboa durante três dias, nos quais desenvolverá um programa de visitas. Assim, estará no Museu Calouste Gulbenkian e na exposição evocativa do 20.º aniversário da Fundação. Da sua agenda consta ainda um encontro com o Conselho de Administração.

O arcebispo Yeghshé Derderian viajou acompanhado pelo arcebispo Chahe Ajamian, do patriarcado de Jerusalém, bispo Kude Naccashian, «deputy» delegado geral de Sua Santidade Catholicos Vavken I na Europa, e Gravis Hintlian, seu secretário. Na Portela foi recebido por Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, por outros elementos do mesmo órgão e por funcionários superiores dos Serviços das Comunidades Arménias.

Soares em Belém acompanhado de Lopes Cardoso

. O Presidente da República, general Ramalho Eanes, encontra-se reunido desde o princípio da tarde com o Primeiro-Ministro Mário Soares no Palácio de Belém.

A sessão, descrita como uma reunião «normal de trabalho», prende-se com problemas do sector agrícola, nomeadamente a Reforma Agrária. Daí estar também presente, entre outras individualidades, o ministro Lopes Cardoso.

Lino Miguel na Venezuela

Chega hoje a Lisboa, vindo do Funchal, o ministro da República da Madeira, coronel piloto-aviador Lino Miguel, que amanhã se desloca à Venezuela, por motivo do voo que inaugura oficialmente a carreira TAP, Lisboa-Caracas.

Lino Miguel aproveitará a sua permanência de cinco dias na Venezuela para contactos com a numerosa colónia madeirense ali radicada. Segue na mesma viagem o dr. Emanuel Rodrigues, presidente da Assembleia Regional da Madeira.

Cento e quarenta mineiros soterrados em Moatize

Cento e quarenta mineiros («magaiças») de Moçambique terão possivelmente ficado soterrados pelo desmoronamento de uma galeria da mina de carvão de Moatize, perto da cidade de Tete — anuncia a Rádio Moçambique numa emissão captada naquela cidade da República da África do Sul.

Em contacto com o correspondente do «DL» em Maputo, apurámos que teriam morrido três mineiros, permanecendo soterrados cento e trinta e sete.

Dadas as precárias condições de salvamento daquela mina, técnicos que ali trabalham consideram pouco provável evitar-se a morte dos mineiros soterrados.

Para se inteirar deste incidente, o presidente Samora Machel enviou para o local dois ministros — do Trabalho e o da Indústria.

O desmoronamento foi provocado por uma explosão de «grisu».

Sadat reeleito

. CAIRO, 17 — (FP) — O presidente egípcio Anwar Sadat foi reeleitò para a presidência da República do Egipto pela maioria esmagadora de 99,939 por cento dos votantes — anuncia a agência Médio-Oriente.

O número de eleitores foi de 9.145.683.

Saudação de Cunhal a Agostinho Neto

Álvaro Cunhal enviou a Agostinho Neto, por ocasião do seu 54.º aniversário, um telegrama de felicitações em que exprime a «profunda e activa solidariedade do P.C.P. à R.P.A. e ao povo angolano pela reconstrução de um novo país liberto da exploração e da opressão».

«Nós comunistas portugueses — sublinha Cunhal — saudamos o companheiro de combate e o amigo do povo português, que tem dedicado toda a sua vida à libertação total do povo angolano dirigindo a sua vanguarda revolucionária, o M. P. L. A. na luta vitoriosa contra o colonialismo e o neocolonialismo».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

Atenção

ATENÇÃO!

Em «O Jornal» de hoje, um artigo de A. Vieira intitulado «A Direita Continua a Armar-se» informa: «A entrada no País de apreciáveis quantidades de armas ligeiras, destinadas a forças de extrema-direita, e reuniões clandestinas de elementos fascistas (nos quais se incluem filiados da ex-A.N.P. e «pides») levadas a efeito no Norte de Portugal, são aspectos que podem, directa ou indirectamente, estar ligados aos atentados terroristas que as Polícias Judiciárias, Militar e Civil, investigam actualmente.»

O VINHO

É conhecida de muita gente a «treta», agitada por conhecidos órgãos de direita, de que a U.R.S.S. comprava vinhos portugueses por «tuta e meia» e a preços inferiores aos praticados no mercado internacional.

Afinal, e socorremo-nos do artigo de Pablo Hernandez publicado no «Diário Popular», é facto que «os baixos preços do vinho de mesa espanhol e francês na U.R.S.S., mostram que estes países estão a seguir uma política concertada para a promoção dos seus vinhos entre a população soviética (200 milhões de habitantes). No mesmo artigo lê-se que o vinho espanhol que surge em todos os supermercados soviéticos e nas cooperativas de consumo «junta a uma elevada qualidade, um preço extremamente acessível, o que corresponde às orientações duma sociedade socialista para consumo em massa».

«De resto — conclui o artigo — sabe-se que o comércio entre a Espanha e a U.R.S.S. está a desenvolver-se extraordinariamente, sendo a venda do vinho (produto em que os espanhóis se apressaram em substituir os fornecimentos portugueses) apenas um dos muitos sectores em que se verifica esse incremento de relações económicas».

Vamos a ver como a Junta Nacional dos Vinhos vai explicar isto aos agricultores portugueses que, certamente, se verão aflitos quanto ao escoamento da respectiva produção.

CRITÉRIOS

Em comunicado distribuído aos órgãos de Informação a Comissão Eleitoral Unitária de Valongo estranha que o governador civil do Porto tenha proibido reuniões daquela C. E. U. no edifício da Junta de Freguesia daquela localidade.

Considerando a posição do dr. Cal Brandão como «negação do direito de reunião conquistado pelo povo e consagrado na Constituição», aquela C. E. U. acrescenta que não é do seu conhecimento «que o sr. governador tenha proibido as reuniões do Partido Socialista efectuadas nos dias 13 e 28 de Agosto do corrente ano no mesmo edifício da Junta de Freguesia de Valongo».